

ARQUITETURA MODERNA E VERTICALIZAÇÃO



Habitação Coletiva em Altura no eixo
Centro-Sul de Porto Alegre/RS.

Maitê Trojahn Oliveira

ARQUITETURA MODERNA E VERTICALIZAÇÃO:
Habitação Coletiva em Altura no Eixo Centro-Sul de Porto Alegre/RS

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestrado em Teoria, Crítica e História da Arquitetura no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Marques

Porto Alegre
2023

“O olho do espectador se move em um espaço feito de ruas e de casas. Recebe o choque dos volumes que se elevam à volta. Se esses volumes são formais e não-degradados por alterações intempestivas, se a ordenação que os agrupa exprime um ritmo claro, e não uma aglomeração incoerente, se as relações entre os volumes e o espaço são feitas de proporções justas, o olho transmite ao cérebro sensações coordenadas e o espírito retira delas satisfações de ordem superior: isso é arquitetura.”

Le Corbusier, 1989, p. 27

A todos que, de alguma forma, contribuíram para a concretização desse estudo:

Ao meu ex-orientador, Silvio Abreu, pela receptividade no meu ingresso ao PROPAR/UFRGS;

Ao meu orientador, Sergio Marques, por aceitar me receber no meio do percurso e pelas ricas trocas de conhecimento e aprendizado;

À Raquel Lima, por me apresentar ao grupo de pesquisa Arquitetura e Cultura, ainda na graduação, e proporcionar meu primeiro contato com o tema;

À minha colega Angela Fagundes, sempre presente nessa caminhada, desde a graduação;

À CAPES, pelo auxílio à pesquisa por dois anos e três meses;

Aos meus pais, Roberto e Cláudia, por proporcionarem o privilégio de me dedicar exclusivamente aos estudos sempre que necessário;

E a minha irmã, Bruna, pelo apoio e compreensão ao longo dessa trajetória.

Dedico com amor e gratidão.

Porto Alegre teve seu desenvolvimento semelhante às demais cidades brasileiras. Inicialmente era um povoado junto ao Lago Guaíba, evoluindo para freguesia, devido ao progresso das atividades portuárias, e então para capital. Desde seu surgimento teve sua evolução orientada por uma sucessão de planos urbanos que proporcionaram a crescente verticalização da cidade, sendo a década de 1950 a que mais se construiu em Porto Alegre. Intensificaram-se as características modernas dos edifícios, aliadas a dominante verticalização da cidade, que se manifestou inicialmente no centro, ainda em 1940, e estendeu-se no decorrer dos anos pelas principais radiais e avenidas.

Essa dissertação estuda a arquitetura moderna e a verticalização, com foco nos edifícios residenciais projetados pelos Arquitetos Emil Bered e Salomão Kruchin, no Bairro Centro Histórico e Eixo Sul de desenvolvimento de Porto Alegre/RS, compreendido pelas ruas José do Patrocínio, República, Venâncio Aires e Avenida João Pessoa, da década de 1950 e início de 1960, fazendo um comparativo com outros edifícios de mesma tipologia projetados por outros arquitetos nesse mesmo período e localização;

Palavras-chave: Arquitetura Moderna; Verticalização; Edifícios Residenciais; Emil Bered; Salomão Kruchin.

Porto Alegre had its development similar to other Brazilian cities. Initially it was a village next to Lake Guaíba, evolving into a parish, due to the progress of port activities, and then to the capital. Since its inception, its evolution has been guided by a succession of urban plans that have provided the city with a growing verticality, with the 1950 being the decade in which the most buildings were built in Porto Alegre. The modern characteristics of the buildings were intensified, allied to the dominant verticalization of the city, which initially manifested itself in the center, still in 1940, and extended over the years to the main radials and avenues.

The dissertation studies modern architecture and verticalization, focusing on the residential buildings designed by the Architects Emil Bered and Salomão Kruchin, in the Centro Histórico and Eixo Sul neighborhoods of Porto Alegre/RS, comprising streets José do Patrocínio, República, Venâncio Aires and João Pessoa avenue, from the 1950 and early 1960, making comparison with other buildings of the same typology designed by other architects in the same period and location.

Palavras-chave: Modern Architecture; Verticalization; Residential Buildings; Emil Bered; Salomão Kruchin.

INTRODUÇÃO	19
Apresentação do Tema e Recortes	27
Justificativa e Motivações	35
Objetivos	39
Método e Marco Conceitual	41
Estrutura da Dissertação	45
Revisão Bibliográfica e Estado da Arte	47
CAPÍTULO 1 - Verticalização e Habitação Coletiva Moderna	53
CAPÍTULO 2 – Conterrâneos da primeira turma de Arquitetura do IBA	67
Edifício Amazonas	73
Edifício Redenção	81
Edifício Pennsylvania	91
Edifício Porto Alegre	101
Edifício Faial	113
Edifício Florença	123
Síntese analítica	131

CAPÍTULO 3 – Outros arquitetos	133
Edifício Excelsior	137
Edifício Ouro Verde	149
Edifício Salomão Ioschpe	163
Edifício Tapejara	171
Edifício Catedral	179
Edifício Vitória Régia	189
Síntese Analítica	197
CONSIDERAÇÕES FINAIS	199
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	209
ANEXOS	217

INTRODUÇÃO

Este estudo deteve-se na experiência brasileira de edifícios de apartamentos modernos, especialmente os produzidos em Porto Alegre/RS, com foco na obra de habitação coletiva projetada por dois santamarienses egressos da primeira turma de Arquitetura do Instituto de Belas Artes de Porto Alegre: Emil Bered e Salomão Kruchin, em comparação com obras de outros arquitetos atuantes no contexto e período (anos 1950 até meados de 1960). A dissertação teve como origem a pesquisa ampla conduzida pelo Arq. Dr. Silvio Abreu, denominada “EMIL BERED ARQUITETO” que visava produzir um inventário completo, documentando o extenso conjunto das obras arquitetônicas produzidas por Emil Bered, e correspondente fortuna crítica. Analisando sua contribuição para a arquitetura moderna gaúcha, e adotou, como critério de pesquisa, investigação em documentos de fonte primária. A orientação do trabalho foi realizada pelo Prof. Silvio Abreu, até sua qualificação a partir de quando passou a receber a orientação do Prof. Sergio M. Marques, que integrou a banca da fase intermediária.

Os centros históricos, tradicionalmente, representavam a região mais importante e valorizada das cidades latino-americanas, reafirmando o conceito de centralidade cultural, econômica e habitacional. Nesse contexto, a primeira metade do século XX

foi marcada por um processo de modernização e verticalização dos principais centros urbanos brasileiros, que foram guarnecidos de equipamentos e infraestrutura para responder ao aumento na densidade de ocupação, como é o caso de muitas capitais regionais.

No contexto europeu e norte-americano, diversos foram os agentes causadores dessa transformação. Segundo Machado (1998), os aspectos econômicos foram os principais e, com eles, o desenvolvimento do setor da construção civil. “O emprego crescente de estruturas metálicas em ferro fundido, ferro e aço e as inúmeras possibilidades que esse desenvolvimento oferecia, não apenas em pontes, pavilhões de exposições universais e monumentos-símbolo como a Torre Eiffel, mas também em edifícios” (MACHADO, 1998, p.185).

Almeida (2016) reafirma: “A visão de modernidade também estava associada à apropriação dos avanços tecnológicos das grandes estruturas de concreto ou de aço, do elevador, da pré-fabricação que aparecia como um novo patamar para a construção civil” (ALMEIDA, 2016, p.131).

Segundo Moreira (2019), os elevadores foram equipamentos fundamentais para a aceitação dos apartamentos como solução de moradia. Possibilitando não só a verticalização das cidades,

como também uma mudança de perspectiva, onde as tecnologias criaram uma nova forma de habitar.

Calovi (2000) salienta que dentre os vários empreendimentos arquitetônicos lançados na década de 1940, três se destacam por serem projetos assinados por arquitetos do Rio de Janeiro: Jorge Machado Moreira, Oscar Niemeyer e Affonso Eduardo Reidy.

São eles o Hospital de Clínicas da Universidade do Rio Grande do Sul (1942), de Jorge Machado Moreira, o edifício-sede do Instituto de Previdência do Estado (IPE, 1943), de Oscar Niemeyer; e o edifício-sede da Viação Férrea do Rio Grande do Sul (VFRGS, 1944), de Affonso Eduardo Reidy e Jorge Machado Moreira. O primeiro edifício foi terminado com significativas modificações em relação ao projeto inicial, feitas sem consulta ao autor. Os outros dois edifícios jamais foram iniciados (CALOVI, 2000, p. 54).

Marques (2012), em sua tese de doutorado, reitera que os primeiros projetos modernos de expressão, da escola carioca, projetados para o Rio Grande do Sul apareceram na década de 1940, apesar de não terem sido construídos, ou terem sido construídos parcialmente. Ressalta que foi ao longo da década de 1950 que importantes obras de arquitetura moderna foram realizadas.

Ao longo da década de 1950 é que importantes obras de arquitetura moderna foram realizadas, consolidando definitivamente sua adoção como arquitetura desejada pelas elites sociais e artísticas e logo a seguir pelo consenso da sociedade do Rio Grande do Sul (MARQUES, 2002, p. 85).

Fagundes (2022) afirma que a partir dos edifícios de apartamentos Edifício Prudência, em São Paulo, 1944, e o Edifício MMM Roberto, no Rio de Janeiro, 1945, a verticalização expandiu-se do Centro para os bairros, inserida no tecido tradicional. Semelhante ao que ocorreu em Porto Alegre/RS, do centro para os bairros e, em meados de década de 1950, com a verticalização bastante presente em edifícios de apartamentos.

O processo de verticalização em São Paulo e Rio de Janeiro segue nos anos de 1940 e 1950, expandindo-se do centro para os bairros da Zona Sul (Flamengo, Botafogo e Copacabana) no Rio de Janeiro, e do centro para os bairros Higienópolis e Cerqueira Cesar em São Paulo. Em meados dos anos 1950, esses bairros já estão configurados com edifícios de apartamentos em altura de Arquitetura Moderna, inseridos no tecido tradicional (FAGUNDES, 2022, p. 43).

A criação dos primeiros cursos de arquitetura no Rio Grande do Sul, na década de 1940, foi um marco

fundamental para o surgimento do grupo de arquitetos gaúchos. Os quais promoveram uma arquitetura local com características próprias, influenciada diretamente pela Escola Carioca e a arquitetura da Região do Prata. O primeiro curso, criado em 1944, fundado por Tasso Corrêa, diretor do Instituto de Belas Artes (IBA) do Rio Grande do Sul, iniciou as aulas em 1945, com uma turma de 25 alunos, segundo Xavier e Mizoguchi (1987).

Esse curso seguia o currículo da Faculdade Nacional de Arquitetura (FNA) da Universidade do Brasil, localizada do Rio de Janeiro, defendendo a bandeira “Arquitetura Contemporânea Brasileira”, inspirada na arquitetura carioca e o conceito de arquitetura como arte. (XAVIER; MIZOGUCHI, 1987, p. 28).

Desde a década de 1940, os profissionais formados em Montevideu e no Rio de Janeiro vinham a Porto Alegre, sendo reverenciados por terem adquirido seus conhecimentos em centros mais cosmopolitas, onde os avanços arquitetônicos já eram uma realidade há mais tempo. Como é o caso dos arquitetos: “Demétrio Ribeiro, formado no Uruguai, Edgar Graeff e Carlos Alberto de Holanda Mendonça, formados no Rio de Janeiro, além do Urbanista Edvaldo Pereira Paiva, cuja formação em urbanismo se conclui junto ao Prof. Mauricio Cravoto”, Diretor do Centro de Urbanismo

da UDELAR (BUENO, 2012, p.18).

Marques (2002), aponta que, no Rio Grande do Sul, boa parte dos movimentos de arquitetura aconteceram com suas particularidades, e que a primeira geração de arquitetos modernos, integrada por nomes como Edgar Graeff, Holanda Mendonça, Demétrio Ribeiro e outros, abriram os caminhos da arquitetura moderna em Porto Alegre. “Porém, a consolidação se deu através das primeiras turmas de egressos do Curso de Arquitetura do Belas Artes e da FAURGS, entre o final da década de 1940 e os anos 1950.” (MARQUES, 2002, p. 83). E expõe que a arquitetura moderna fora do eixo central (Rio – São Paulo) também foi relevante e de boa qualidade.

Muito se fala da produção da Arquitetura Moderna no eixo Rio – São Paulo, amplamente difundida entre os anos de 1930/60 por meio de um espírito progressista [...]. No entanto, fora do eixo central também se produziu arquitetura moderna relevante e com boa qualidade, é o caso da Arquitetura Moderna Gaúcha. A partir de 1950, com implantação da Faculdade de Arquitetura, regulamentação da profissão do arquiteto, as entidades de classe se consolidam, a produção arquitetônica no Rio Grande do Sul se intensificou (MARQUES, 2002, p. 33).

Este trabalho, assim como pesquisas correntes, nas diversas regiões brasileiras, visou debruçar-se

sobre a particular manifestação da Arquitetura Moderna Brasileira no sul do país descortinando suas eventuais potencialidades e fragilidades, à luz de sua identidade.

Entre o pensamento compartilhado pelo Movimento Moderno e a gigantesca e variada arquitetura produzida sob seu manto, mora a distância existente entre o ideário e a experiência, entre a retórica e a prática; entre a convergência sintética de um pensamento construído a partir da ideologia e a divergência difusa da prática construída a partir de experiências colocadas dentro das realidades físico-econômicas e sociais dos diversos contextos geográficos e históricos (MARQUES, 2002, p. 60).

O tema panorâmico desta dissertação é a verticalização do bairro Centro Histórico e Eixo Sul de desenvolvimento de Porto Alegre/RS, compreendido pelas radiais Avenida João Pessoa e Rua José do Patrocínio, e as ligações transversais Avenida Venâncio Aires e Rua da República, através do estudo de obras de habitação coletiva modernas em altura da década de 1950 e início dos anos 1960.

O estudo ajustou o foco nos edifícios de apartamentos produzidos pelos Arquitetos Emil Bered e Salomão Kruchin, no período em que atuaram na “Bered e Kruchin LTDA”. Sendo alguns exemplares de autoria somente de Bered, estabelecendo uma análise comparativa com obras do mesmo período temporal, mesmo recorte geográfico e tipológico, produzidas por outros arquitetos atuantes na época, um deles colega no Instituto de Belas Artes e os demais com formação adquirida fora do Rio Grande do Sul, sendo eles: Mauro Guedes de Oliveira, Edgar Graeff, Carlos Alberto de Holanda Mendonça, Leo Grossman, Vladimir Kupac e Júlio Carlos Mussoi, e ainda um edifício com autoria atribuída ao engenheiro civil Jaime Schneider.

A escolha pela cidade de Porto Alegre se deu por três motivos: o primeiro, por seu reconhecido pioneirismo nas questões vinculando ao urbanismo moderno; o segundo, por sua importância histórica,

cultural e econômica no sul do Brasil e uma produção arquitetônica peculiar e de forte identidade regional que a diferencia das demais capitais brasileiras; e terceiro, por motivações pessoais, interesse em investigação e pesquisa sobre a Arquitetura Moderna Porto-Alegrense e a obra de arquitetos locais, instigadas desde as pesquisas de Iniciação Científica, realizadas na graduação de Arquitetura e Urbanismo. Foram, inicialmente, definidos três recortes para delimitar este estudo: recorte temporal, recorte tipológico e recorte espacial. Como recorte temporal, propôs-se o estudo de caso do processo de verticalização na cidade de Porto Alegre, através da modernização, evolução da legislação urbana e difusão da arquitetura moderna, que, para efeito deste trabalho, foi aquela produzida na década de 1950 e início dos anos 1960.

A década de 1950 foi o período em que mais se construiu em Porto Alegre, ainda antes do Plano Diretor de 1959/61, estendendo-se ao início da década de 1960 para abordar alguns edifícios dos primeiros anos, expondo interferências, quando existentes, do novo Plano Diretor e demais legislações vigentes.

Como recorte tipológico, devido à impossibilidade de abordar todos as tipologias existentes, priorizou-se por destacar as edificações de habitação coletiva em altura, os edifícios de apartamentos, considerando

como critério de verticalização a presença de elevador, por esse ser obrigatório em prédios com mais de quatro pavimentos.

Este foi objeto de interesse e estudo desde as pesquisas de iniciação científica realizadas na graduação de Arquitetura e Urbanismo, já com foco na produção dos arquitetos Emil Bered e Salomão Kruchin, especificamente na radial Avenida João Pessoa e Rua da República, com o Edifício Redenção. Como recorte espacial, definiu-se a região sul do Centro Histórico (ao redor da Praça da Matriz e ao longo do divisor de águas da Rua Duque de Caxias) e sua continuidade no Eixo Sul de desenvolvimento de Porto Alegre, compreendido pelas radiais, Rua José do Patrocínio e Avenida João Pessoa, e as transversais, Rua da República e Avenida Venâncio Aires. Além do objeto de pesquisa prévio, o recorte espacial também se justifica pelo fato da produção de edifícios de apartamentos de Emil Bered e Bered e Kruchin Ltda em outro eixo de desenvolvimento, as radiais Avenida Independência e Rua 24 de Outubro, já foram objeto de outra dissertação do Programa.

Foram selecionados, preliminarmente, doze exemplares de edificações de habitação coletiva em altura para serem estudados. Dentre estes, quatro edifícios de autoria do Arquiteto Emil Bered em parceria com Salomão Kruchin, e dois somente de Emil Bered:

o Edifício Amazonas, o Edifício Redenção, o Edifício Porto Alegre e o Edifício Pennsylvania.

O primeiro na Avenida Venâncio Aires, o segundo na radial Avenida João Pessoa, ambos no bairro Cidade Baixa, o terceiro e o quarto no bairro Centro Histórico, todos da década de 1950. Ainda do Arquiteto Emil Bered, foram estudados o Edifício Fayal, de 1962, e o Edifício Florença, de 1965, ambos situados a sul do Centro Histórico, junto à Praça da Matriz, devido a sua relevância disciplinar para o estudo em questão. Para efeito comparativo, foram selecionados seis edifícios de outras autorias: também são estudados o Edifício Excelsior, de 1952, do Arquiteto Carlos Alberto de Holanda Mendonça, o Edifício Salomão Ioschpe, de 1955, do Arquiteto Leo Grossman, o Edifício Ouro Verde, de 1957, do Arquiteto Mauro Guedes de Oliveira, o Edifício Tapejara, de 1960, do Arquiteto Edgar Graeff, e o Edifício Catedral, dos Arquitetos Vladimir Kupac e Júlio Carlos Mussoi, todos situados no bairro Centro Histórico, e ainda o Edifício Vitória Régia, de autoria atribuída ao Engenheiro Civil Jaime Schneider, situado na radial Avenida João Pessoa, de 1967, devido a sua significativa relevância e contribuição para este estudo.

A partir dessa amostra pequena, mas significativa, o trabalho apresenta um conjunto de análises sobre a arquitetura moderna em Porto Alegre através do

estudo da verticalização de edifícios de habitação coletiva em altura da década de 1950 e início da década de 1960, na região sul do Centro Histórico e Eixo Sul de desenvolvimento.

EDIFÍCIOS DE HABITAÇÃO COLETIVA – EMIL BERED				
1	Edifício Amazonas	Emil Bered e Salomão Kruchin	1953	Avenida Venâncio Aires, 515 - Cidade Baixa
2	Edifício Redenção	Emil Bered e Salomão Kruchin	1954	Rua da República, 21, esquina Av. João Pessoa - Cidade Baixa
3	Edifício Pennsylvania	Emil Bered e Salomão Kruchin	1957	Rua Riachuelo, 1280 – Centro Histórico
4	Edifício Porto Alegre	Emil Bered e Salomão Kruchin	1959	Rua Duque de Caxias, 1594 – Centro Histórico
5	Edifício Faial	Emil Bered	1962	Rua Jerônimo Coelho, 12 – Centro Histórico
6	Edifício Florença	Emil Bered	1963	Rua Riachuelo, 1134 – Centro Histórico

Tabela 1: Tabela dos edifícios de apartamentos selecionados. Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

EDIFÍCIOS DE HABITAÇÃO COLETIVA – OUTROS ARQUITETOS				
7	Edifício Excelsior	Carlos Alberto de Holanda Mendonça	1952	Rua Riachuelo, 1200 - Centro Histórico
8	Edifício Ouro Verde	Mauro Guedes de Oliveira	1953	Rua Duque de Caxias, 1405 - Centro Histórico
9	Edifício Salomão loschpe	Leo Grossman	1957	Rua José do Patrocínio, 462 - Cidade Baixa
10	Edifício Tapejara	Edgar Graeff	1960	Rua Coronel Fernando Machado, 851 - Centro Histórico
11	Edifício Catedral	VlamiDir Kupac e Júlio Carlos Mussoi	1964	Rua Duque de Caxias, 1208 – Centro Histórico
12	Edifício Vitória Régia	Jaime Schneider	1967	Avenida João Pessoa, 437 – Cidade Baixa

Tabela 2: Tabela dos edifícios de apartamentos selecionados. Fonte: Elaborado pela autora, 2021.



Legenda:
1 - Edifício Amazonas 3 - Edifício Porto Alegre 5 - Edifício Excelsior 7 - Edifício Faial 9 - Edifício Ouro Verde 11 - Edifício Catedral
2 - Edifício Redenção 4 - Edifício Pennsylvania 6 - Edifício Florença 8 - Edifício Salomão Ioschpe 10 - Edifício Tapejara 12 - Edifício Vitória Régia

Figura 1: Localização dos edifícios no mapa. Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

A arquitetura moderna promoveu mudanças significativas no cotidiano da sociedade e no espaço urbano das cidades e ofertou uma nova possibilidade de morar concentrada em grandes edifícios de habitação coletiva. Desta forma, além de indicar novas formas de convivência entre os habitantes, posicionou-os num patamar de progresso da época. O edifício de apartamentos caracterizou um novo estilo de vida moderno e conferiu um status social, conforme Passos (1998):

Morar num edifício de apartamentos parecia significar participar desse vertiginoso e crescente progresso, enfim ter um estilo de vida metropolitano, o que se colocava implicitamente como um fator de status social [...] A nova forma de habitar era também vista como restritiva a imaginação e empobrecedora das experiências existenciais e simbólicas do espaço, principalmente para as crianças. (PASSOS, 1998, p. 25)

O habitar moderno despertou interesse de investigação e pesquisa já durante a graduação, como auxiliar de pesquisa na Iniciação Científica, quando a autora teve a oportunidade de trabalhar com o tema, tanto da habitação coletiva moderna no contexto brasileiro quanto no contexto local, porto-alegrense. Num dos projetos de pesquisa que atuou¹, foi estudado o Edifício Redenção, localizado na radial Avenida João

Pessoa, de autoria de Emil Bered e Salomão Kruchin, tendo publicado artigos sobre o tema em diversos eventos (FAGUNDES; LIMA; OLIVEIRA, 2016a; 2016b; 2017).

Já no Curso de Mestrado em Arquitetura do PROPARG, a autora integrou-se ao Projeto de Pesquisa “EMIL BERED ARQUITETO”, participando em coautoria de diversos trabalhos de pesquisa e documentação sobre o tema, apresentados e publicados em Seminários e Congressos entre 2018 e 2021 (ABREU; FAGUNDES; OLIVEIRA, 2019a; 2019b; 2019c; 2021a) e ainda o capítulo de um livro (ABREU; FAGUNDES; OLIVEIRA, 2021b).

Outra motivação decisiva foi a importante representatividade da obra arquitetônica de Bered e Kruchin na evolução da verticalização urbana da capital gaúcha. Porto Alegre passou, na década de 1950, por um processo de desenvolvimento urbano e expansão

¹ Bolsista de Iniciação Científica no grupo de pesquisa Arquitetura e Cultura, sob a linha de pesquisa Arquitetura da Modernidade, pesquisando a radial Avenida João Pessoa, em Porto Alegre/RS, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Raquel Rodrigues Lima.

metropolitana, com forte ritmo de densificação e verticalização das áreas mais centrais e ao longo das principais avenidas radiais. Essa foi a década de maior crescimento demográfico desde os anos 1900-1910 (numa média de quase 5% ao ano), passando de cerca de 395.000 habitantes em 1950 a 635.000 em 1960, segundo dados disponibilizados pelo IBGE (2010).⁶

Emil Bered e Salomão Kruchin estrearam suas vidas profissionais nesse período de amplo desenvolvimento imobiliário e incentivo à verticalização por meio da administração municipal. Emil Bered é um arquiteto de destacada relevância no cenário gaúcho, tanto pela sua extensa produção projetual, quanto pela sua atuação como professor na Faculdade de Arquitetura da então URGs (atual UFRGS) por 30 anos e em órgãos de classe. Bered e Kruchin tiveram forte importância para a introdução, difusão e consolidação da arquitetura moderna no Rio Grande do Sul, tendo, em parceria, diversos edifícios de grande contribuição para a identidade moderna gaúcha.

O início de suas vidas profissionais foi marcado pela efervescência do Movimento Moderno no cenário nacional e os jovens arquitetos tiraram partido tanto das escolas carioca e paulista, quanto das influências externas (especialmente das correntes oriundas do Uruguai), logrando através de sua vasta produção

imprimir certa identidade gaúcha ao Movimento Moderno.

A qualidade e relevância da produção arquitetônica de Emil Bered e Salomão Kruchin é reconhecida em todos os estudos da Arquitetura Moderna Brasileira no Sul⁷: em “Arquitetura Moderna em Porto Alegre” (XAVIER; MIZOGUCHI, 1987), principal obra de referência sobre a arquitetura moderna local, das 160 obras selecionadas e apresentadas, dez constam autoria de Bered, sendo duas dessas em coautoria com Salomão Kruchin.

No “Guia de arquitetura moderna em Porto Alegre” (ALMEIDA; ALMEIDA; BUENO, 2010), das 30 obras escolhidas, quatro obras selecionadas são de autoria de Emil Bered, sendo uma em coautoria com Salomão Kruchin, e no mais recente “Inventário da Arquitetura Moderna em Porto Alegre 1945/65” (COMAS, 2013), dos 25 exemplares escolhidos, Emil Bered e Salomão Kruchin comparecem com quatro obras, quase 20% da amostragem, indicativo da relevância e representatividade da atuação profissional desses arquitetos, e contribuição na trajetória da arquitetura moderna em Porto Alegre (Adaptado de ABREU; FAGUNDES; OLIVEIRA, 2019a).

⁶ Disponível em <<https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse>>. Acesso em dezembro de 2019.

Os objetivos gerais desta dissertação são contribuir para o conhecimento da arquitetura moderna porto-alegrense, especialmente de edifícios de habitação coletiva em altura da década de 1950 e início de 1960, no recorte geográfico compreendido pelo Centro Histórico e Eixo Sul de desenvolvimento de Porto Alegre/RS, a partir da coleta, documentação, organização e publicação das obras de habitação coletiva selecionadas.

Os objetivos específicos são: discutir a propagação e o desenvolvimento da arquitetura moderna porto-alegrense através de estudos de caso, estudos em profundidade de projetos de habitação coletiva selecionados, documentados, relacionados e analisados e seu aporte para a verticalização, segundo parâmetros analíticos definidos; contribuir para o estudo e documentação da arquitetura moderna no Rio Grande do Sul por meio de redesenhos dos projetos de Bered e Kruchin Ltda, para salvaguardar os registros e fontes documentais desses edifícios selecionados e fornecer meios de preservação desta documentação.

Esta pesquisa foi feita considerando o material gráfico já existente, na busca pelo “estado da arte”. As fontes primárias coletadas em arquivos públicos e acervos particulares foram essenciais para a conformação do objeto principal do trabalho, baseado na coleta e análise de projetos arquitetônicos, na busca de obter-se uma dissertação de caráter disciplinar, bibliográfico e documental.

Para o desenvolvimento desta dissertação, a análise documental histórico-interpretativa foi dividida em três etapas: A primeira etapa é composta pelo levantamento do material selecionado dentro dos recortes estipulados: edifícios modernos de habitação coletiva em altura no Centro Histórico e Eixo Sul de desenvolvimento de Porto Alegre, na década de 1950 e início de 1960, por meio da revisão bibliográfica em livros, artigos, dissertações, teses, sites, revistas, legislações e planos urbanos; revisão em documentos técnicos em fontes primárias, sempre que possível, nos projetos arquitetônicos (plantas, cortes, fachadas, implantações etc.) por meio de pesquisas nos arquivos municipais e pessoais do arquiteto Emil Bered e eventuais publicações, e visitas às obras, importantes e esclarecedoras para este estudo, principalmente nos casos onde pouco material relacionado à edificação fora descoberto. A segunda etapa é composta pela catalogação das

obras selecionadas, descritas com base no material iconográfico levantado (plantas, cortes, fachadas, perspectivas e fotos de época) e material iconográfico equivalente produzido na pesquisa (redesenhos para observar o posicionamento do edifício no lote e as soluções encontradas para relacionar os apartamentos com a rua, e fotografias atuais). A terceira etapa é a análise propriamente dita, resultado do material inventariado e interpretado, de cada projeto selecionado a partir de uma análise crítico comparativa entre eles.

A análise foi categorizada conforme a descrição a seguir:

1. Identificação da obra: nome da obra e localização, equipe de trabalho, ano do projeto (aprovação e conclusão da obra);
2. Contexto urbano e local: localização na cidade e suas consequências locais, espaciais e morfológicas;
3. Principais características:
 - 3.1) Volumetria: o edifício como volume construído, adições, subtrações, recortes; relação entre volume,

espaço e função/hierarquias; proporções, equilíbrio, simetria, luz, planos, coberturas;

3.2) Fachadas: tratamento das fachadas e superfícies; estratégias de organização, usos de grelhas e/ou malhas;

3.3) Implantação: configuração do edifício no terreno, relações com o entorno imediato;

3.4) Materialidade: materiais, revestimentos, fechamentos, vedações, tecnologias;

3.5) Elementos de arquitetura e de composição: pilotis, colunas, escadas, rampas, marquises, espelhos d'água, terraços, floreiras, mezaninos, peitoris, sacadas, brises, esquadrias, grelhas, máscaras etc.

3.6) Elementos distributivos e funcionais: organização de planta, distribuição, setorização, trajetos, entre outros.

4. Análise da obra:

4.1) Análise do conjunto: organização planimétrica do edifício, áreas individuais, áreas coletivas, serviços principais, circulação externa, circulação interna, acessos;

4.2) Análise da unidade: organização e/ou distribuição planimétrica da unidade, distribuição funcional, acessos, relação entre os espaços internos, escala, hierarquias;

4.3) Análises crítico-comparativas entre obras de autoria de Emil Bered e Salomão Kruchin e as projetadas por outros arquitetos dentro dos mesmos recortes.

A estrutura da dissertação foi definida em cinco partes: uma introdução sobre o assunto abordado na dissertação, situando o leitor na evolução urbana de Porto Alegre atrelada a verticalização da cidade e dos bairros em questão; três capítulos de desenvolvimento do estudo, divididos em teoria, objeto de estudo e o que se pretende obter com essa seleção; e a conclusão da pesquisa.

A Introdução explica e situa o tema, indicando os recortes estipulados (recorte tipológico, recorte geográfico e recorte temporal), a lista dos edifícios selecionados para a dissertação e sua relevância para o estudo, as justificativas e motivações da pesquisa, os objetivos do trabalho. Já fornecendo a base para a compreensão inicial da pesquisa, explicando o marco teórico-conceitual e a metodologia utilizada, tanto a de pesquisa, com a coleta de materiais em fontes primárias, publicações e visitas às obras, quanto a de análise, e a revisão bibliográfica prévia com um apanhado do estado da arte no tema.

O Capítulo 1 aborda a Habitação Coletiva Moderna e a Verticalização em Porto Alegre, principalmente nos anos 1950. Situando o leitor no desenvolvimento urbano de Porto Alegre e no processo de verticalização da cidade e dos bairros em questão, a introdução e difusão da Arquitetura Moderna atrelada ao processo de verticalização, servindo de base teórica e histórica

para o estudo, contendo a visão de diferentes autores sobre o assunto.

O Capítulo 2 aborda a contribuição do Arquiteto Emil Bered e do Arquiteto Salomão Kruchin para o processo de verticalização e difusão da arquitetura moderna em Porto Alegre e as obras selecionadas para Estudo de Caso. Traz as obras propriamente ditas, com um compilado de fichas de catalogação, textos individuais, análises e o material gráfico produzido (implantação, redesenho das plantas, fotografias do edifício concluído, modelo 3D em alguns exemplares).

O Capítulo 3 aborda as demais obras selecionadas para análise comparativa dos edifícios, referentes a outros arquitetos atuantes do mesmo período, sendo um deles colega de Emil Bered e Salomão Kruchin no Curso de Arquitetura da Escola de Belas Artes, e os demais com formação em outras escolas.

Por fim, são apresentadas as considerações finais da pesquisa e a bibliografia utilizada para este estudo.

Pretendendo abordar a verticalização em uma visão geral e especificamente em Porto Alegre, pesquisou-se diversos autores que dissertaram sobre o assunto e fez-se um compilado de conceitos e definições para introduzir, posteriormente, o capítulo de Arquitetura Moderna e Verticalização em Porto Alegre/RS. Villanova (2018) cita que a busca pelas alturas transpõe um símbolo de poder, a busca do homem em alcançar o céu acontece desde as pirâmides do Egito, ou dos templos religiosos da Idade Média. Aliada a uma ideia de poder econômico, a ascensão às alturas enseja o fascínio do imaginário.

Há milênios, a busca do homem em alcançar o céu existe. Desde a construção das pirâmides do Egito, por volta do ano 2700 a.C., contendo o simbolismo em que o poderio arquitetônico preservaria a fortuna além da vida. Também a altura dos templos religiosos da Idade Média, que se solidariza formalmente com a necessidade de chegar a Deus. Assim, a altura traduzia-se como um signo de poder. Esse ato de soberba, de construir edificações cada vez mais altas, permaneceu no imaginário da humanidade durante milênios” (VILLANOVA, 2018, p.27)

Na visão de Carvalho e Faria de Oliveira (2008), a verticalização é vista como um processo de ampliação da cidade que se caracteriza pela construção de edificações com muitos pavimentos, tendo suas

origens a partir da Revolução Industrial. Momento esse que viabilizou inovações tecnológicas a partir do advento do aço, do concreto armado e do elevador, necessários para o processo de verticalização.

A verticalização [...] tem suas origens a partir da Revolução Industrial, que possibilitou a estandardização dos materiais de construção e o surgimento de novas tecnologias, favorecendo a construção dos edifícios de apartamentos. A difusão do edifício vertical como elemento transformador do espaço possibilita a multiplicação do solo que aliado ao capital investido acarreta a valorização da terra. (CARVALHO; FARIA DE OLIVEIRA, 2008, <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.100/112>, acessado em setembro/2018)

Gilberto Flores Cabral (2016) classifica a verticalização em três níveis: em um primeiro nível se refere diretamente ao impacto visível da dimensão vertical; em um segundo nível, pode ser vista em termos de uma análise morfológica mais abrangente e sistemática, adquirindo dimensão urbana; e, em um terceiro nível, na escala urbana propriamente dita, pode-se entender verticalização como um fenômeno ligado a configuração geral da cidade dentro de um processo de evolução da configuração da cidade como um todo.

Em um primeiro nível, a verticalização pode ser considerada no

quadro de uma concepção mais restrita de arquitetura, tomada como construção de um objeto singular ou obra arquitetônica específica, numa abordagem que se refere diretamente ao impacto visível da dimensão vertical e ao desafio construtivo de grandes prédios. Em um segundo nível, a verticalização pode ser vista em termos de uma análise morfológica mais abrangente e sistemática, adquirindo dimensão urbana, em que a variável é entendida dentro de um conjunto construído e de forma correlacionada com as demais variáveis morfológicas, como a quadra, os esquemas de parcelamento de solo, os espaços abertos e demais componentes urbanos. Em um terceiro nível, na escala urbana propriamente dita, pode-se entender a verticalização como fenômeno ainda mais amplo, ligado à configuração geral da cidade, o que envolve a correlação de elementos tais como a estrutura de distribuição espacial dos usos do solo urbano, densidades, acessibilidade, sistemas urbanos, dentro de um processo de evolução da configuração da cidade como um todo. (CABRAL, 2016, p. 21)

Os primeiros edifícios brasileiros, em altura, datam dos primórdios do século XX. A burguesia habituada a residir em grandes residências isoladas no lote encontrou dificuldade para se adaptar e, conforme Lima (2005, p. 160), “[...] no começo, os edifícios de apartamentos foram considerados degradantes e comparados a cortiços”. Inicialmente vistos como uma opção transitória de moradia, os apartamentos foram, aos poucos, sendo

aceitos devido a sua localização nobre, geralmente nos centros urbanos. Segundo Moreira (2019, p. 56) “[...] esse foi um fator determinante para a aceitação da classe média a essa tipologia, e residir em apartamentos começou a representar o progresso e a modernidade”. Moreira ainda ressalta que os elevadores foram equipamentos fundamentais para a aceitação, possibilitando a verticalização das cidades. É fato de que os empreendimentos verticais, em geral, ocupam áreas nobres e valorizadas. Entretanto, também é importante notar que esses empreendimentos trazem valorização às áreas em que se situam.

No cenário nacional, a atenção volta-se o Rio de Janeiro, onde edificações em altura com preceitos modernos, protagonizadas por nomes como Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, sob influência de Le Corbusier, instituíram a “Escola Carioca”, na década de 1930. Luccas (2016) salienta que o movimento dessa escola se espalhou pelo Brasil de maneira periférica, chegando em Porto Alegre no final da década de 1940.

O desenvolvimento da Arquitetura Moderna atrelado a verticalização aconteceu em diversas regiões do país, com influências especialmente cariocas, representadas na figura de Lúcio Costa, Oscar

Niemeyer e outros arquitetos graduados no Rio, de influência corbuseriana.

Apesar de toda a diferença climática e cultural, Porto Alegre sofreu uma influência inicial acentuada do Rio de Janeiro, não somente através do referencial de imagens, mas de presença de dois arquitetos pioneiros graduados lá: o gaúcho Edgar Graeff (1921-90), cuja influência local foi exercida principalmente através do ensino de arquitetura iniciado na cidade em 1945, e o alagoano Carlos Alberto de Holanda Mendonça (1920-56), que pôs em prática sua formação carioca numa intensa carreira local de menos de uma década, iniciada em 1947. (LUCCAS, 2016, p. 273).

Apesar das peculiaridades, os arquitetos do Rio Grande do Sul compartilharam do Movimento Moderno sob influências cariocas, paulistas e, simultaneamente, com a arquitetura platina, devido, principalmente, às semelhanças e proximidade geográfica, como afirma Marques (2012):

[...] com distinções de tempo e modo, a massa crítica de arquitetos do Rio Grande do Sul, a partir dos anos 1940, compartilhou do Movimento Moderno, sob significativa influência do nativismo carioca e, posteriormente, do brutalismo paulista, mas também de alguma contribuição e certo paralelismo com a arquitetura e cultura platina, principalmente do Uruguai, contexto com o qual o Rio Grande do Sul detém proximidade histórica, geográfica, climática

e cultural. (MARQUES, 2012, p. 33)

E como afirma também, Emil Bered, na organização feita por Marques, Vieira e Ströher (2022):

Havia muitos engenheiros e arquitetos envolvidos no ensino de arquitetura como Ermani Corrêa, Edgar Graeff, José Lutzenberger, Fernando Corona e Demétrio Ribeiro, este último formado no Uruguai, que muito influíram na minha formação. Com a nossa proximidade com o Uruguai, muitas vezes vieram professores de Montevideu, dar aulas de “composição”. Dois foram importantes na prática projetual: Mauricio Cravotto, racionalista, projetava volumes cúbicos, e Idelfonso Arosteguy, com forte metodologia, ensinava a definir bem o programa e o organograma, visitar o terreno e “sentir” o espaço. Sofremos influências dos arquitetos brasileiros como Jorge Moreira, Irmãos Roberto, Lúcio Costa, Afonso Reidy e Oscar Niemeyer assim como de estrangeiros, como Richard Neutra, Frank Lloyd Wright, Mies van der Rohe e Le Corbusier. (MARQUES, VIEIRA, STRÖHER, 2022, p. 34)

Calovi (2000) compartilha do mesmo pensamento quando registra que a influência da escola carioca veio a ser revelada na obra de arquitetos locais como Graeff, Fayet, Canarim, Mendonça e Bered. Lima (2005) aborda também as questões relativas à volumetria e fachadas na arquitetura moderna e salienta que a planta e a funcionalidade estão

sempre relacionadas com o objetivo de racionalizar e organizar o uso do espaço.

A volumetria se baseia, essencialmente, nos volumes puros e os planos que configuram as fachadas são marcados por sua simplicidade, nos quais apenas elementos essenciais integravam a composição. As formas devem ser exatamente o que parecem. (LIMA, 2006, p. 40)

Le Corbusier (1989) discorre que a base é a planta, ela que é o elemento definidor, e o volume revela a destinação das geratrizes definidoras, o volume revela a planta. “A planta está na base. Sem planta, não há nem grandeza de intenção e de expressão, nem ritmo, nem volume, nem coerência.” (LE CORBUSIER, 1989, p. 27).

Deixar a um volume o esplendor de sua forma sob a luz, mas, por outro lado, consagrar a superfície a tarefas quase sempre utilitárias, é ver-se obrigado a encontrar na divisão imposta da superfície as linhas reveladoras, as geratrizes da forma. [...] A superfície, fendida pelas necessidades de destinação, deve seguir as geratrizes reveladoras dessas formas simples. Essas linhas reveladoras são na prática o xadrez ou reticulado. (LE CORBUSIER, 1989, p. 21). O volume e a superfície são os elementos através dos quais se manifesta a arquitetura. O volume e a superfície são determinados pela planta. É a planta que é a geradora. (LE CORBUSIER, 1989,

p. 13)

Lima (2016) aborda os modos de morar nas alturas, destacando os espaços internos, o status de morar nas alturas e a possibilidade de incorporar a garagem no edifício, essencial para todo moderno da metade do século XX.

Os espaços internos dessas moradias deveriam ser amplos e ter funcionalidade em sua distribuição. Esses modos de morar foram alardeados pela imprensa local, através da publicidade dos projetos arquitetônicos e das construções que poderiam manter o status das elites, incluindo a possibilidade de incorporar a garagem para seu automóvel, máquina essencial para todo ser moderno da metade do século XX. (LIMA, 2016, p. 333)

Ströher (1997), em sua dissertação de mestrado, define que a composição na arquitetura moderna foi realizada baseada em novas regras, como a junção de partes e de novos elementos a cada projeto, resultando em uma nova definição.

O livro “Ensaio sobre Projetos”, de Martinez (2000), aborda os elementos de composição como sendo partes de um todo, representados, na prática, por pilotis, espaços virtuais e outros elementos.

Os elementos de composição são abstrações, as disposições de corpos e espaços e os limites espaciais que os fazem existirem:

ambientes de certas proporções, de dimensões relativamente, como, por exemplo, pilotis, espaços virtuais, espaços. (MARTINEZ, 2000, p. 157)

Na mesma linha de pensamento de Martinez, Mahfuz define: “Composição é o arranjo das partes da arquitetura como elementos de uma sintaxe para obtenção de um todo” (MAHFUZ, 1995, p. 14). Já os elementos de arquitetura, na visão de Martinez, são representados por essas partes, coisas mais concretas, invólucros espaciais com natureza definida, como janelas, portas, pilares.

Em sua dissertação de mestrado, Ströher registra o relato de Emil Bered sobre o significado da palavra “composição”: “A caracterização era importante, o volume ou aspecto deveria revelar claramente a função” (STRÖHER, 1997, p. 20).

A verticalização, também associada à modernidade e aproveitamento máximo do espaço urbano, é um dos princípios de composição presentes nos edifícios residenciais do Bairro Centro Histórico e ao longo do Eixo Sul de desenvolvimento. Algumas vezes isolados em lotes, outras ocupando as divisas dos terrenos, os edifícios residenciais são importantes exemplares de arquitetura moderna que retratam os novos modos de morar: nas alturas.

A ocupação elitista do solo no centro de Porto Alegre vem

ocorrendo desde a conformação da cidade, mas assume uma inflexão maior no final do século passado e primeiros anos do atual. [...] paralelamente, verifica-se a preocupação da legislação com concessões que funcionem no sentido de estimular as construções em altura (MACHADO, 1998, p. 191)

Edificações em altura conformam uma nova estética relacionada a modernidade.

A verticalização de Porto Alegre começou pelo centro, ainda nos anos 1930, através da inserção de edifícios altos com elementos compositivos e estratégias de implantação tradicionais. A partir do final dos anos 1940, o processo estendeu-se às principais avenidas do sistema radial e algumas ligações perimetrais, [...]. Durante a década de 1950, o processo atingiu seu apogeu, incentivado pela legislação e por uma imagem favorável, que associava os edifícios altos ao progresso e ao moderno, tanto em termos figurativos quanto na ilustração de um novo modo de vida. (ABREU FILHO, 2016, p. 236).

CAPÍTULO 1

Verticalização e Habitação Coletiva Moderna



Figura 2: Fotografia do Edifício do Ministério da Educação e Saúde Pública. Fonte: VITRUVIUS, 2014.²



Figura 3: Edifício Prudência. Fonte: VITRUVIUS, 2002.³



Figura 4: Edifício MMM Roberto. Fonte: ARCHDAILY, 2022.⁴

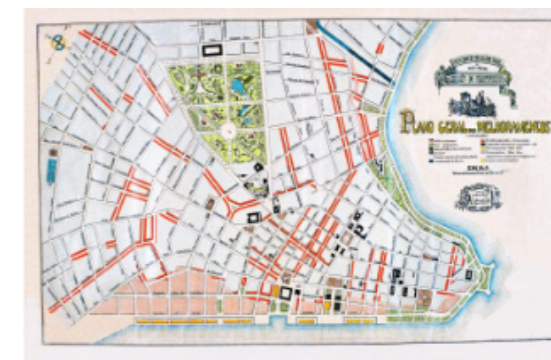


Figura 5: Plano Geral de Melhoramentos. Fonte: SOUZA, 2010.

“Por que ocorre a verticalização? O que é cidade vertical? ” (SOMEKH, 1997, p.19). Essas são as questões que visam nortear o desenvolvimento desse capítulo, abordando a ótica de diversos autores sobre o assunto.

Edificações em altura reportam de tempos bem anteriores ao que se propôs estudar nesse trabalho, “[...] a busca pela altura foi recorrente na história da civilização humana em decorrência da carga simbólica e da grandiosidade a que remete, representando superioridade em relação a edificações mais baixas” (SOMEKH, 1997, p. 27).

No panorama internacional, destacam-se as cidades de Chicago e Nova York, metrópoles onde pode-se dizer que “nasceu a tipologia do arranha-céu. Essas duas cidades disputaram entre si, do final do século XIX até meados das décadas de 1970, quem teria o edifício mais alto do mundo.” (VILLANOVA, 2018, p.28).

No cenário nacional, especialmente no Rio de Janeiro, uma nova arquitetura vinha surgindo desde a década de 1930 com a construção de edifícios exemplares, como o Edifício do Ministério da Educação e Saúde Pública, que revelava a modernidade alicerçada na lógica compositiva de Le Corbusier. Drebes (2004) ressalta que “a partir dos anos 1930, é possível falar de um período de Incubação da Arquitetura Moderna

Brasileira.” (DREBES, 2004, p.39). A arquitetura feita no período já sustenta elementos característicos do movimento moderno, como a janela horizontal, grelhas para ventilação e proteção solar, contudo, a emergência do modernismo se dá com o concurso para o Ministério da Educação e Saúde e para a sede da Associação Brasileira de Imprensa (1935).

Fagundes (2022) afirma que a partir dos edifícios de apartamentos Edifício Prudência, em São Paulo, 1944, e o Edifício MMM Roberto, no Rio de Janeiro, 1945, a verticalização expandiu-se do Centro para os bairros, inserida no tecido tradicional. Semelhante ao que ocorreu em Porto Alegre/RS, do centro para os bairros e, em meados de década de 1950, com a verticalização bastante presente em edifícios de apartamentos.

O processo de verticalização em São Paulo e Rio de Janeiro segue nos anos de 1940 e 1950, expandindo-se do centro para os bairros da Zona Sul (Flamengo, Botafogo e Copacabana) no Rio de Janeiro, e do centro para os bairros Higienópolis e Cerqueira Cesar em São Paulo. Em meados dos anos 1950, esses bairros já estão configurados com edifícios de apartamentos em altura de Arquitetura Moderna, inseridos no tecido tradicional. (FAGUNDES, 2022, p. 43).

O processo de verticalização inicia em Porto Alegre,

assim como em diversas cidades brasileiras, na primeira metade do século XX. Verifica-se a ampliação da altura das edificações conforme acontece o surgimento de novas tecnologias, combinadas com grandes investimentos na estrutura urbana e legislações urbanísticas, como o Plano Geral de Melhoramentos, que, em 1914 propôs importantes intervenções no Centro consolidado de Porto Alegre, alargando avenidas e permitindo a ampliação da altura das edificações.

Inicialmente com foco na higienização, saneamento e embelezamento da cidade, este plano, basicamente viário, proporcionou uma base de estudos que no futuro deram origem aos Planos Diretores de Porto Alegre. Esse processo de verticalização partiu inicialmente do centro e foi expandindo-se, gradativamente, para os bairros.

Cannez (2016) ressalta que as primeiras experiências de verticalização no centro de Porto Alegre, a partir do final da década de 1920, foram concebidas segundo uma ordem que procurava substituir o casario predominantemente horizontal por grandes edifícios que incorporavam vários lotes das edificações demolidas.

A nova construção, pelo contraste com o entorno que permanecia baixo, em um primeiro momento, tornava-se maior do que realmente era [...]. Não havia qualquer preocupação com o resultado dessa substituição horizontal/vertical tão abrupta e, muito menos, uma solução urbanística que preconizasse uma reestruturação mais abrangente do tecido tradicional com o propósito de receber os arranha-céus da almejada metrópole moderna” (CANNEZ, 2016, p. 192).

Pereira e Vianna (2016) afirmam que os edifícios em altura passaram a ser estimulados por uma série de itens da legislação municipal e isenções de impostos concedidas naquele período. E concluem: “É o momento de definitiva afirmação da arquitetura vertical em Porto Alegre [...] em uma busca no sentido de se igualar às grandes metrópoles do mundo” (PEREIRA; VIANNA, 2016, p. 175).

A arquitetura produzida em Porto Alegre sofreu muitas transformações no decorrer do tempo, as construções processaram aquilo que eram as metas da arquitetura

² Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/13.147/4942>. Acesso em: 04 de fevereiro de 2022 às 13:30.

³ Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.120/3437>. Acesso em: 11 de maio de 2022 às 21:45.

⁴ Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/624727/classicos-da-arquitetura-edificio-mmm-roberto-marcelo-roberto-milton-roberto-e-mauricio-roberto>. Acesso em: 11 de maio de 2022 às 21:45.



Figura 6 : Verticalização em Centro Histórico e Eixo Sul de desenvolvimento de Porto Alegre, em meados de 1950. Fonte: BREITMAN, Sioma (comunicação pessoal com Silvio Abreu), 2023.



Figura 7: Edifício Malakoff na Praça Montevideo, o mais alto da cidade até o momento. Fonte: BRANDS, 2015, p. 2.



Figura 8: Imagem do Edifício Frederico Mentz. Fonte: LUCCAS, 2004.



Figura 9: Imagem do Edifício Sulacap. Fonte: LUCCAS, 2004.

moderna, com foco na consolidação de uma nova aparência, apesar das condições de precedentes, de contexto e morfologia urbana do tecido tradicional. Nesse cenário, foi destaque a verticalização.

Calovi (2000) salienta para o período de notável vitalidade da construção civil em Porto Alegre, com eixos viários estabelecidos, abertura de avenidas e consigo as edificações em altura: “A nova demanda na esfera da construção civil colocava em pauta a questão do caráter da arquitetura a ser construída naquele momento em Porto Alegre” e questiona: “Que tipo de arquitetura poderá interpretar a ideologia progressista e modernizante vigente nestes tempos?” (CALOVI, 2000, p. 49)

No início do século XX, o edifício mais alto da cidade era o Malakoff (1856-1860) com quatro pavimentos, localizado na Rua Sete de Setembro. Permaneceu nessa condição até a construção do Grande Hotel (1916-1928), de sete pavimentos, em frente à Praça da Alfândega (BRANDS, 2015). Do mesmo período o Hotel Majestic (1920-1928), atual Casa de Cultura Mario Quintana, com seis pavimentos, localizado na travessa Araújo Ribeiro. O Edifício Frederico Mentz “Novo Hotel” (1932), com onze pavimentos, localizado na esquina da Praça XV. O Edifício da Previdência Sul Imperial (1929-1931), também de onze pavimentos e o Palácio do Comércio (1937), que ocupa um

quarteirão inteiro entre as Av. Júlio de Castilhos e Mauá, todos no Centro Histórico (MACHADO, 1998). Luccas (2004), ao analisar a arquitetura moderna em Porto Alegre, aponta que a verticalização tem início nos anos 1930, com a construção de sucessivos edifícios altos, tais como os edifícios Frederico Mentz (Hotel Jung, 1931), Sulacap (1938), União (1939), entre outros, embora com implantação e forma externa com elementos de arquitetura e composição tradicionais.

Calovi (2000) salienta que dentre os vários empreendimentos arquitetônicos lançados na década de 1940, três se destacam por serem projetos assinados por arquitetos do Rio de Janeiro: Jorge Machado Moreira, Oscar Niemeyer e Affonso Eduardo Reidy.

São eles o Hospital de Clínicas da Universidade do Rio Grande do Sul (1942), de Jorge Machado Moreira, o edifício-sede do Instituto de Previdência do Estado (IPE, 1943), de Oscar Niemeyer; e o edifício-sede da Viação Férrea do Rio Grande do Sul (VFRGS, 1944), de Affonso Eduardo Reidy e Jorge Machado Moreira. O primeiro edifício foi terminado com significativas modificações em relação ao projeto inicial, feitas sem consulta ao autor. Os outros dois edifícios jamais foram iniciados (CALOVI, 2000, p. 54).

Para Marques (2012), a arquitetura da escola carioca, de vertente corbuseriana, que se firmava como

hegemônica no panorama nacional, “[...] introduziu-se no contexto gaúcho a partir da década de 1950, através de obras como o Edifício Santa Terezinha (1950), o Edifício Esplanada (1952) e o Palácio da Justiça (1953), conjuntamente com a própria consolidação da profissão no Estado”. (MARQUES, 2012, p. 84). Gradativamente, no campo da arquitetura e do urbanismo, a relação cultural com a região do rio da prata e a arquitetura paulista, a partir dos anos 1960, se fizeram notar.

A criação dos primeiros cursos de arquitetura no Rio Grande do Sul, na década de 1940, foi um marco fundamental para o surgimento do grupo de arquitetos gaúchos. Os quais promoveram uma arquitetura local com características próprias, influenciada diretamente pela Escola Carioca e a arquitetura da Região do Prata.

[...] vem do Uruguai fartos e ótimos exemplos, ainda relativamente no anonimato, desta arquitetura moderna apropriada e domesticada pelo tecido urbano da escala dos bairros residenciais de Montevideu como em algumas obras de Carlos Surraco, Justino Serralla & Carlos Clémont, Beltrán Arbeleche & Miguel Angel Canale, Luis Mazzini & Haroldo Albanell McColl, De los Campos, Puente & Tournier, do mais conhecido Raul Sichero, dos nossos conhecidos em Porto Alegre, Roman Fresnedo Siri e Isidoro Singer [...] (MARQUES, VIEIRA, STRÖHER, 2022, p. 11)

O primeiro curso, criado em 1944, fundado por Tasso Corrêa, diretor do Instituto de Belas Artes (IBA) do Rio Grande do Sul, iniciou as aulas em 1945, com uma turma de 25 alunos, segundo Xavier e Mizoguchi (1987).

Esse curso seguia o currículo da Faculdade Nacional de Arquitetura (FNA) da Universidade do Brasil, localizada do Rio de Janeiro, defendendo a bandeira “Arquitetura Contemporânea Brasileira”, inspirada na arquitetura carioca e o conceito de arquitetura como arte. (XAVIER; MIZOGUCHI, 1987, p. 28).

Desde a década de 1940, os profissionais formados em Montevideu e no Rio de Janeiro vinham a Porto Alegre, sendo reverenciados por terem adquirido seus conhecimentos em centros mais cosmopolitas, onde os avanços arquitetônicos já eram uma realidade há mais tempo. Como é o caso dos arquitetos: “Demétrio Ribeiro, formado no Uruguai, Edgar Graeff e Carlos Alberto de Holanda Mendonça, formados no Rio de Janeiro, além do Urbanista Edvaldo Pereira Paiva, cuja formação em urbanismo se conclui junto ao Prof. Mauricio Cravoto”, Diretor do Centro de Urbanismo da UDELAR (BUENO, 2012, p.18).

Marques (2002), aponta que, no Rio Grande do Sul, boa parte dos movimentos de arquitetura aconteceram com suas particularidades, e que a



Figura 10: Imagem do Edifício União. Fonte: LUCCAS, 2004.



Figura 11: Edifício Santa Terezinha. Fonte: ARCHDAILY, 2022. ⁵



Figura 12: Edifício Esplanada. Fonte: ARCHDAILY, 2022. ⁵



Figura 13: Palácio da Justiça. Fonte: ARCHDAILY, 2022. ⁵

primeira geração de arquitetos modernos, integrada por nomes como Edgar Graeff, Holanda Mendonça, Demétrio Ribeiro e outros, abriram os caminhos da arquitetura moderna em Porto Alegre. “Porém, a consolidação se deu através das primeiras turmas de egressos do Curso de Arquitetura do Belas Artes e da FAURGS, entre o final da década de 1940 e os anos 1950.” (MARQUES, 2002, p. 83). E expõe que a arquitetura moderna fora do eixo central (Rio – São Paulo) também foi relevante e de boa qualidade.

Muito se fala da produção da Arquitetura Moderna no eixo Rio – São Paulo, amplamente difundida entre os anos de 1930/60 por meio de um espírito progressista [...]. No entanto, fora do eixo central também se produziu arquitetura moderna relevante e com boa qualidade, é o caso da Arquitetura Moderna Gaúcha. A partir de 1950, com implantação da Faculdade de Arquitetura, regulamentação da profissão do arquiteto, as entidades de classe se consolidam, a produção arquitetônica no Rio Grande do Sul se intensificou (MARQUES, 2002, p. 33).

Em 1949, formou-se a primeira turma do Curso de Arquitetura do Instituto de Belas Artes, em Porto Alegre, formando arquitetos como Emil Bered, Mauro Guedes de Oliveira, e Salomão Kruchin, motivados a projetar a uma nova arquitetura, inovadora, tecnológica e moderna. No campo do Urbanismo,

liderados por Edvaldo Pereira Paiva, o Movimento Moderno adquiriu certo vanguardismo em âmbito nacional. Como afirma Almeida: “Os urbanistas que atuaram nesse período como professores ou alunos do curso foram, em grande parte, os profissionais que, trabalhando no planejamento da cidade, imprimiram as marcas de suas ideologias no espaço urbano de Porto Alegre” (ALMEIDA, 2016, p.124). Portanto, tanto professores, quanto e os primeiros egressos do curso, foram os responsáveis pela maioria das obras relevantes da década de 1950.

Em Inventário da Arquitetura Moderna em Porto Alegre 1945/65, Comas e Piñon (2013) apontam que, inicialmente rejeitada, a arquitetura moderna só vai chegar na capital gaúcha por volta de 1950, quando já está instituída no Rio, São Paulo e Belo Horizonte.

Rejeitada por princípios estéticos, preocupações climáticas e, muito provavelmente, por interesses também de grupo no mercado, a arquitetura moderna só vai chegar em Porto Alegre por volta de 1950, quando já estabelecida, se não hegemônica, no Rio, em São Paulo e mesmo em Belo Horizonte. Lá como aqui, a alteração do regime de gosto acompanha agora um processo acelerado de verticalização e adensamento edilícios de áreas urbanas centrais, implicando cada vez mais a substituição tipológica, a demolição de mansões, sobrados ou casas de porta e janela para o aproveitamento mais intensivo dos terrenos que

ocupavam (COMAS; PIÑON, 2013, p. 17).

Em uma década, a cidade mudou drasticamente sua aparência, tendo como bases principais o paradigma arquitetônico moderno carioca, com alguma “contenção uruguaia” uma legislação peculiar e um sítio de implantação baseado no quarteirão tradicional de cidade com passado colonial (BUENO, 2012, p.71).

Segundo Comas, a arquitetura moderna inseriu-se em Porto Alegre em meados de 1950, junto do processo de verticalização promovido pela prefeitura e, embora de forma mais contida no Sul, é a arquitetura que compões o tecido urbano. “Os edifícios de apartamentos porto-alegrense necessitaram de adaptações ao clima e cultura local, demonstrando o conservadorismo gaúcho (DEBRES, 2004, p. 18).

Xavier e Mizoguchi (1987) afirmam que a década de 1950 foi uma fase de grandes progressos para a arquitetura no Rio Grande do Sul em decorrência de concursos públicos de anteprojetos para edificações públicas, criação da carreira de arquiteto na função pública e promoção de planos diretores urbanos. “Foi nesse decênio que as elites culturais e econômicas locais, seguindo os passos das elites do Rio e São Paulo, assumiram a Arquitetura Moderna como estilo

oficial” (XAVIER; MIZOGUCHI, 1987, p. 30). Para Marques (2002), o Movimento Moderno significou um movimento de vanguarda, impregnado de ideologismos e desejo de renovação social e estética, que se tornou hegemônico no centro do país nos anos 40, e em Porto Alegre apenas na década de 50:

O desejo de progresso, de renovação urbana, de modernização, de desenvolvimento tecnológico, de novos equipamentos, de edifícios modernos foi muito mais que o anseio de uma vanguarda artística, mas um conjunto de valores que se estabeleceu no âmago da sociedade, do popular ao político, no status quo da burguesia, nos desejos de ascensão social das populações carentes, no espírito positivista dos dirigentes que almejavam progresso, no entendimento de que a ciência trazia novas condições de vida às cidades e moradias (MARQUES, 2002, p. 85).

⁵ Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/790990/arquitetura-moderna-em-porto-alegre-antecedentes-e-a-linhagem-corbusiana-dos-anos-50-luis-henrique-haas-luccas>. Acesso em: 02 maio de 2022 às 19 horas.



Figura 14: Edifício Sul América.
Fonte: VILLANOVA, 2018.



Figura 15: Edifício Sulacap. Fonte:
VILLANOVA, 2018.



Figura 16: Edifício Santa Cruz.
Fonte: VILLANOVA, 2018.



Figura 17: Edifício Santa Cruz.
Fonte: VILLANOVA, 2018.

A década de 1950 foi a de maior crescimento demográfico da cidade desde os anos 1900-1910 (numa média de quase 5% ao ano), foi também a década em que mais se construiu em Porto Alegre, em um vigoroso “boom” imobiliário (ABREU; FAGUNDES; OLIVEIRA, 2019a). Porém, já a partir de 1920 observou-se um processo de verticalização com a construção de edifícios de quatro, sete e até onze pavimentos, embora a linguagem não fosse “moderna”. É importante salientar, também, a ação do Estado como agente produtor de espaço através da formulação de legislações urbanas.

A verticalização era vista como sinônimo de progresso e modernidade, começaram então a aparecer edifícios com quinze e mais pavimentos, como o Edifício Sul América (1938), e o Edifício Sulacap (1938-1949), ambos projetos de Arnaldo Gladosch, com quinze e dezessete pavimentos, respectivamente (ABREU; FAGUNDES; OLIVEIRA, 2019a).

A legislação que regulava essa expansão era baseada no alinhamento e no gabarito, com alturas proporcionais à largura da via, mantida e atualizada desde o final do século XIX e transformadas em uma “Lei de Alinhamentos” em 1943. Ela permitiu a gradual ocupação das vias radiais e perimetrais previstas pelo Plano de Urbanização de Arnaldo Gladosch, na

administração Loureiro da Silva, e a introdução de alguns dispositivos morfológicos sugeridos por ele, como: as arcadas (chamadas “galerias”) no centro, o pilotis alto ou colunata de dupla altura nos térreos dos edifícios nas avenidas principais, e os recuos de jardim de quatro metros aplicados em quase toda a área urbana (ABREU; FAGUNDES; OLIVEIRA, 2019a).

Pouco depois, a Lei nº 986/1952 mantinha a aplicação do critério de uma vez e meia a largura da rua para toda a cidade e permitia duas vezes para a área central, mas com uma inovação, introduzindo o escalonamento da altura no centro: a partir dessa altura os prédios poderiam elevar-se obedecendo um recuo na proporção “4/1” (vertical/horizontal) frontal, mantendo-se a construção nas divisas. A partir do dispositivo de escalonamento, foi possível aprovar, no centro da cidade, edifícios, na prática, sem limite de altura. Além das disposições sobre a altura, a Lei estabelece condicionantes específicos sobre a distribuição e a configuração de compartimentos e espaços internos e externos dos edifícios, determinantes para a sua volumetria, tratando das áreas de ventilação e insolação e dos balanços sobre a área pública, de forma bastante precisa (ABREU; FAGUNDES; OLIVEIRA, 2019a). Ao permitir uma área suplementar com seus parâmetros de utilização,

a legislação torna-se responsável, na prática, pela definição da forma externa dos edifícios, delineando seus perímetros, como vamos observar nos edifícios selecionados.

A seguir, a Lei nº 1167/1953 limitava a altura dos prédios a três pavimentos a partir da zona pericentral que atingia a atual Segunda Perimetral (excetuando trechos de radiais, com alturas maiores permitidas até os limites da atual Terceira Perimetral), numa reserva de mercado para pequenos edifícios residenciais sem elevador, visando atender a demanda de pequena burguesia nos bairros (ABREU; FAGUNDES; OLIVEIRA, 2019a).

É na década de 1950 que ocorre a consolidação da verticalização, muito devido ao término da Segunda Guerra Mundial e o conseqüente fim gradual das dificuldades de obtenção de insumos para a construção civil, caracterizando Porto Alegre como cidade verticalizada e tendo construídos seus maiores arranha-céus. Inclusive o que é mais alto até os dias de hoje, o Edifício Santa Cruz (1955), ultrapassando os trinta pavimentos. “Esses edifícios marcaram a renovação e modernização do Centro de Porto Alegre, conferindo-a status de metrópole.” (ABREU FILHO, 2006, p.225).

Até o final da Segunda Guerra Mundial (1945), a verticalização se

desenvolve de maneira vagarosa, entavada, evidentemente, pela dificuldade de obtenção de insumos para a construção, muitos dos quais eram importados. Depois de 1945, a curva da verticalização se apresenta em alta constante (SOUZA, 1994, p. 98).

Foram essas regras e dispositivos simples que orientaram a cidade num período de extraordinário crescimento e metropolização. O processo contou com a adesão entusiasmada dos agentes do mercado imobiliário e da indústria da construção, com grande inversão de capitais, através de novas modalidades como fundos de investimento e participação, sociedades de crédito imobiliário (como o Banco Lar Brasileiro, um dos principais clientes do escritório de Bered e Kruchin durante os anos 1950) e companhias abertas. Foi acompanhado de um processo acelerado de modernização e concentração do capital no setor da construção, com a emergência do incorporador imobiliário, agente promotor de um novo produto, o apartamento em condomínio, para atender as necessidades e expectativas da clientela, basicamente a nova classe média urbana (ABREU; FAGUNDES; OLIVEIRA, 2019a).

Esse processo se deu com empresas construtoras e incorporadoras de natureza “moderna”, algumas atuando desde os anos 1920 e 1930, como a Azevedo, Moura e Gertum, outras mais recentes,

como a Azevedo Bastian e Castilhos (ABC), Pilla Guarita e Mello Pedreira, dentro de novas condições de produção, introduzindo e divulgando tecnologias de ponta nas áreas de estruturas, instalações, esquadrias, materiais e revestimentos, atentas aos novos padrões de consumo urbano. Para isso, utilizaram arquitetos de prática igualmente “moderna”, profissionais inicialmente formados pela Escola Nacional de Belas Artes, como Carlos Alberto de Holanda Mendonça e Edgar Graeff, ou estrangeiros, como o uruguaio Roman Fresnedo Siri e, logo a seguir, arquitetos recém-egressos dos cursos de Arquitetura locais, como Emil Bered, Salomão Kruchin e seus contemporâneos (ABREU; FAGUNDES; OLIVEIRA, 2019a).

A cidade vertical envolve a noção de edifício alto, de arranha-céu. A verticalização foi defendida como a multiplicação efetiva do solo urbano, possibilitada pelo uso do elevador. A essa ideia associam-se a característica da verticalidade, o aproveitamento intensivo da terra urbana (densidade) e o padrão de desenvolvimento tecnológico do século XX, demonstrando-se a relação verticalização/adensamento (SOMEKH, 1997, p. 20).

Nos bairros residenciais, a expansão se deu com tipologias de baixa ou média altura e densidade, unifamiliares ou coletivas. Nas áreas de maior

valorização, ela ocorre fundamentalmente através da inserção de edifícios altos no espaço urbano da cidade tradicional, que nos anos 1950 passam a ter características claramente modernas, hegemônicas ao final da década. A tendência dominante de verticalização da cidade iniciada no Centro Histórico, na década anterior, estende-se pelas principais radiais, como as avenidas Independência / 24 de Outubro, João Pessoa, Osvaldo Aranha / Protásio Alves, e trechos de transversais como a Avenida Venâncio Aires e as ruas da República e Ramiro Barcelos (ABREU; FAGUNDES; OLIVEIRA, 2019a). A Bered & Kruchin Ltda projetaram edifícios residenciais em todas elas.

Coerente com o modelo de implantação tradicional, os terrenos de esquina vão ser privilegiados nos empreendimentos, aproveitando a vantagem de maior perímetro de frente para orientação das peças principais. Nas esquinas, as implantações tendiam ao “L” ou “V”, como é o caso do Edifício Porto Alegre, analisado nessa dissertação. Em terrenos de meio de quadra, os partidos podiam assumir configurações em “I”, “T”, “H”, combinações destas, ou disposições longitudinais em “pente” nos terrenos mais profundos (ABREU; FAGUNDES; OLIVEIRA, 2019a). As regras do jogo, com a obediência ao gabarito e ao alinhamento (ou ao recuo de jardim) estão presentes

nos exemplares selecionados.

A cidade tradicional não é uma barreira para a arquitetura moderna, que consegue contornar os impasses de fracionamento de lotes e legislação, e acontecer preservando as características que a definem e concebendo consigo uma identidade local.

Como o comprova o exemplo carioca, a arquitetura moderna não é incompatível com um urbanismo de parcelamento e gabarito. Contudo, ao menos em Porto Alegre, a legislação prevalente equaciona o quarteirão como uma massa compacta perfurada por pátios de luz ou recuos laterais de dimensões insuficientes para uma melhor habitabilidade, considerada a altura permitida” (COMAS; PIÑON, 2013, p.17).

Nos exemplos selecionados e analisados no capítulo seguinte, a maioria da década de 1950, percebemos claramente o prédio residencial moderno implantado segundo regras tradicionais, com uma volumetria definida pelos próprios alinhamentos urbanos. Como Abreu Filho (2006, p. 217) observou na sua tese de doutorado: “Recuos e poços de iluminação e ventilação, elementos exteriores de circulação e as necessárias inflexões e adaptações, são sempre remetidos aos fundos do terreno, mantendo uma fachada regular com relação ao alinhamento”. Alguns exemplares datam da década de 1960,

devido à grande relevância e contribuição ao estudo, principalmente a fim de salientar a influência do Plano Diretor 1959/61, momento em que foram criados dispositivos de controle de altura e aproveitamento do lote, aliados a recuos em todas as faces do terreno. Assim como a influência desse Plano no Centro, onde as novas regras não foram imediatamente percebidas, pois o gabarito de duas vezes a largura da rua e o escalonamento continuaram vigentes, tendo sido estabelecidos limites de altura entre 60 e 70 metros. “Quando o Plano Diretor foi finalmente editado, em 1964, a verticalização estava controlada” (ABREU FILHO, 2016, p. 261)

A pesquisa nos arquivos da Prefeitura Municipal, complementada pelos arquivos pessoais do escritório do arquiteto Emil Bered e em revisão bibliográfica, permitiram identificar o projeto de 27 edifícios residenciais no período da formatura até o Plano de 1959, 26 deles em parceria com seu associado Salomão Kruchin e muitos com Roberto Félix Veronese, ambos seus colegas de turma (ABREU; FAGUNDES; OLIVEIRA, 2019b).

A organização promovida por Renato Holmer Fiore na publicação Modernização e verticalização da área central de Porto Alegre apresenta diversos artigos relevantes sobre o tema da habitação coletiva moderna em altura em Porto Alegre e dos estudos urbanos no

período compreendido pelo recorte temporal dessa dissertação (FIORE, 2016). A verticalização, também associada a modernidade do espaço urbano, é um dos princípios de composição presentes nos edifícios selecionados de habitação coletiva em Porto Alegre. Muitas vezes isolados em lotes, outras ocupando as divisas dos terrenos, são importantes exemplares da arquitetura moderna. Com raras exceções, esses edifícios manifestam a recorrência a um vocabulário que estas edificações impulsionam a conformação de uma nova estética distanciada do historicismo até então vigentes. Em Porto Alegre também houve, como em Chicago, uma certa dose de verticalização com estilos históricos. Sem dúvida, pela sua identificação ao que é tido como moderno, símbolo da metropolização da cidade.

Os edifícios de habitação coletiva moderna em altura são importantes exemplares de arquitetura que retratam os modos modernos de morar nas alturas, apresentando um novo veículo da modernidade: o apartamento. Em Porto Alegre, desde a década de 1920 já se viam apartamentos, apareciam com frequência em edifícios residenciais de dois ou três andares, mas, observando o espaço interno destes apartamentos, se percebe que não há nenhuma preocupação em requalificar a distribuição dos cômodos, repetindo, com pequenas adaptações, a

planta da residência térrea isolada, sobrepondo-se casa sobre casa (MACHADO, 1998).

Na década de 1930, o apartamento é divulgado como sinônimo de modernidade e algumas modificações acontecem, tais como a colocação da área de serviço próxima à entrada principal e não mais nos fundos, possibilitando a ocupação mais eficiente do espaço; a primazia dos dormitórios, agora, em geral, voltados para a rua (FAGUNDES; LIMA; OLIVEIRA, 2016); a presença de um espaço destinado ao gabinete, conferindo status ao apartamento; a posição da sala de jantar centralizada e aglutinadora das atividades familiares, algumas vezes servindo de recepção, substituindo a sala de estar; a presença, em alguns apartamentos, de um compartimento denominado 'hall', responsável pela distribuição interna dos apartamentos; a dignificação da cozinha (LIMA, 2006), que já viria com geladeira e em alguns apartamentos até com fogão a gás, pias amplas com água quente e fria e ainda um buraco para despejar o lixo. Além da análise da planta interna dos apartamentos, convém destacar o acesso comum do edifício, ou seja, a entrada, a circulação horizontal e vertical sendo compartilhadas por todos os moradores. Sobretudo, é no final dos anos 1930 e nos anos 1940 que este tipo de solução começa a ser implementado. Nos edifícios de habitação coletiva em altura, estudados da década

de 1950, observam-se poucas modificações em comparação a década passada. Muitos perdem a pia pronta, geladeira e fogão, mas mantêm o recinto do lixo; alguns mantêm o gabinete e o hall, mas já não é algo tão frequente; os dormitórios seguem sendo priorizados e a entrada social e de serviço separadas permanece.

Nesta época surgem nos planos diretores, apelo por edificações em altura conformando uma nova estética identificadora de modernidade. Além de novas possibilidades de construção oferecidas pelo desenvolvimento de novos materiais, como planta livre e outros conceitos corbusianos, tais não postos em prática, ocasionando, muitas vezes, uma composição sequencial de compartimentos.

Considerando os avanços ocorridos, sobretudo referentes a higiene, ventilação e iluminação, não se pode ignorar que o sistema de distribuição interna permanece vinculado a hierarquização de ambientes (MACHADO, 1998). O que leva a reflexões sobre até onde vai o arbítrio do arquiteto na modernização quanto a continuidade espacial entre ambientes, elemento identificador de modernidade, aliado a busca por identidade, funcionalidade e privacidade, na realidade porto-alegrense da época.

Vale ressaltar, também, que a partir dos anos 1950, a radial Avenida João Pessoa assumiu o papel de uma

das mais importantes radiais de Porto Alegre, ligando o Centro Histórico ao Eixo Sul de desenvolvimento, que apresenta até hoje em sua paisagem exemplares de edifícios com ênfase à verticalidade, abrilhantando a modernidade urbana.

CAPÍTULO 2

Conterrâneos da primeira turma
de Arquitetura do IBA



Figura 18: Convite de formatura da Primeira Turma do IBA. Fonte: MARQUES, VIEIRA STRÖHER, 2022.

Esse capítulo aborda as obras dos arquitetos conterrâneos Emil Bered e Salomão Kruchin, expondo as semelhanças de vida e a atuação desses amigos de infância e, posteriormente, sócios na Bered e Kruchin Ltda. Através de um breve resumo biográfico sobre cada um deles e estudos de caso de algumas obras da parceria, dentro dos recortes estipulados para essa dissertação.

Emil Bered

Emil Bered nasceu em Santa Maria, interior do Rio Grande do Sul, em 1926. Ingressou na primeira turma do Curso de Arquitetura do Instituto de Belas Artes em 1946, formou-se em 1949 e iniciou, imediatamente, sua vida profissional em Porto Alegre. Projetou muito intensamente na década de 1950, em parceria com seus colegas Salomão Kruchin e Roberto Félix Veronese.

A trajetória profissional de Emil Bered cobre quase toda a segunda metade do século XX, em contribuição, de reconhecida relevância, para a introdução, difusão e consolidação da arquitetura moderna no Rio Grande do Sul. Além da extensa e qualificada produção projetual, desde a formatura na primeira turma do Curso de Arquitetura do Instituto de Belas Artes em 1949, Bered teve atuação destacada no ensino e gestão acadêmica na nova Faculdade de Arquitetura

da URGs (depois UFRGS) por mais de 30 anos e significativa participação nos órgãos profissionais e de classe (ABREU; FAGUNDES, OLIVEIRA, 2019b).

Lecionou na UFRGS de 1950 até sua aposentadoria, em 1983, tem um vasto currículo de obras construídas e projetos, abrangendo residenciais unifamiliares e edifícios de habitação coletiva, edifícios comerciais e institucionais, além de muitas obras públicas. Participou de concursos de arquitetura em diversas equipes, bem como participou como membro de júri e comissões julgadoras de inúmeros concursos de projetos e exposições/premiações, e teve suas obras publicadas em revistas, jornais e livros. Sempre ligado ao ofício, exerceu atividades em órgãos de classe, foi Presidente do Instituto de Arquitetos – IAB/RS, representante do Departamento do IAB/RS junto à Assembleia Nacional do IAB e membro da Diretoria do IAB/Nacional.

Preparei-me para o vestibular optando pela área de tecnologia e fiz o exame vestibular em 1945, quando foi fundado o Curso de Arquitetura no Instituto de Belas Artes de Porto Alegre – IBA. Naquele mesmo ano, após um frustrante vestibular de engenharia civil, na espera de nova tentativa, um amigo que passou a ser colega, de nome Salomão Sibemberg Kruchin, também santamariense, informou-me, através de um telefonema, que tinha sido

fundado um Curso de Arquitetura no Instituto de Belas Artes de Porto Alegre e as inscrições para o vestibular abertas no mês de fevereiro daquele ano, que com certeza veio ao encontro das minhas aspirações latentes. (MARQUES, VIEIRA, STRÖHER, 2022, p. 32)

Salomão Kruchin

Salomão Kruchin, parceiro de escritório e colega de Emil Bered durante boa parte da vida escolar e acadêmica, também nasceu em Santa Maria, e, segundo seu filho Samuel Kruchin, esse registro data de 1928, muito embora tenha ingressado em 1926 no ginásio do Colégio Marista, local em que começou essa amizade, que mais adiante se tornara sociedade. Salomão formou-se na primeira turma de Arquitetura do Instituto de Belas Artes, em 1949. Atuou, juntamente com Bered na “Bered e Kruchin Ltda” por 08 anos, quando se mudou para São Paulo, em 1960, seduzido por uma grande incorporadora, trabalhando na gestão de diversos empreendimentos. Posteriormente, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde se dedicou a produção e comercialização de imóveis até 2007 e faleceu em São Paulo, em 2013. ⁶

⁶ Extraído de depoimento informal de seu filho, Samuel Kruchin, disponível, na íntegra, nos anexos dessa dissertação.

Os edifícios foram selecionados levando em consideração a qualidade e representatividade dentro do recorte estabelecido, as situações de implantação (esquina e meio de quadra), a utilização diferenciada de elementos de arquitetura e de composição e a presença de verticalidade segundo critérios adotados citados anteriormente.

Todos os edifícios dessa seleção foram edificados sem recuos laterais, usufruindo do máximo de área possível. Essa estrutura é resultante do regime urbanístico do período, que permitia a construção de edifícios sem recuos laterais com o limite de altura, nas áreas centrais, seguindo a relação de duas vezes a largura da rua. A partir da qual era possibilitado o escalonamento do volume que permitia um acréscimo na altura máxima a partir do recuo frontal dos andares superiores. Esses regulamentos permitiram a verticalização dos edifícios que, nessa seleção, variam entre cinco e vinte pavimentos.

Dentre os seis exemplares dessa seleção, dois estão construídos em terreno de meio de quarteirão, o Edifício Amazonas e o Edifício Pennsylvania, e quatro estão em terrenos de esquina, o Edifício Redenção, o Edifício Faial, o Edifício Florença e o Edifício Porto Alegre. As soluções se repetem em muitos casos: nas esquinas a organização em “V”, “L” e suas variações; no meio de quadra, variações do tipo “I” e

“C”, correntemente. A primeira configura o quarteirão, seguindo preceitos do urbanismo tradicional, a segunda, geralmente simétrica, posiciona a circulação vertical no centro da edificação, separando as unidades, e resulta em vazios que possibilitam aberturas para o interior do lote. Todos os dados contidos nas fichas seguintes foram retirados de publicações já citadas anteriormente ou de pranchas fornecidas pelo arquivo público municipal.

EDIFÍCIO AMAZONAS

Rua Venâncio Aires, 515 - Bairro Cidade Baixa



Figura 19: Fotografia do Edifício Amazonas. Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Edifício Amazonas

Data do Projeto: 1953

Data da Conclusão: 1954

Número de pavimentos: Térreo - 5 pavimentos-tipo

Lote: Meação

Área do pavimento-tipo: 172,60m²

Número de apartamentos por pavimento: 2

Área dos apartamentos: 71,96m² - 68,17m²

Arquiteto: Emil Bered e Salomão Kruchin

Proprietário: Dr. Manoel H. Wilasco

Construtora: Mello Pedreira & Cia. Ltda.

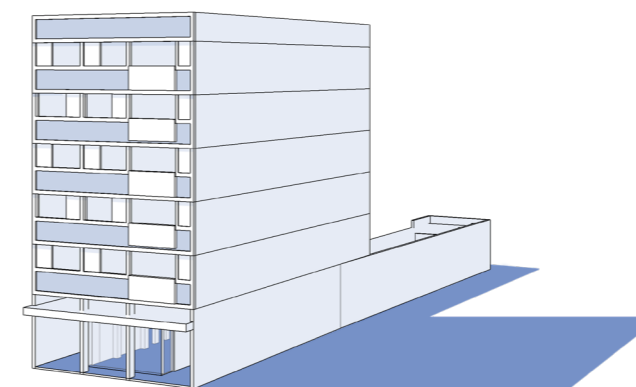


Figura 20: 3D axonométrica do Edifício Amazonas. Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

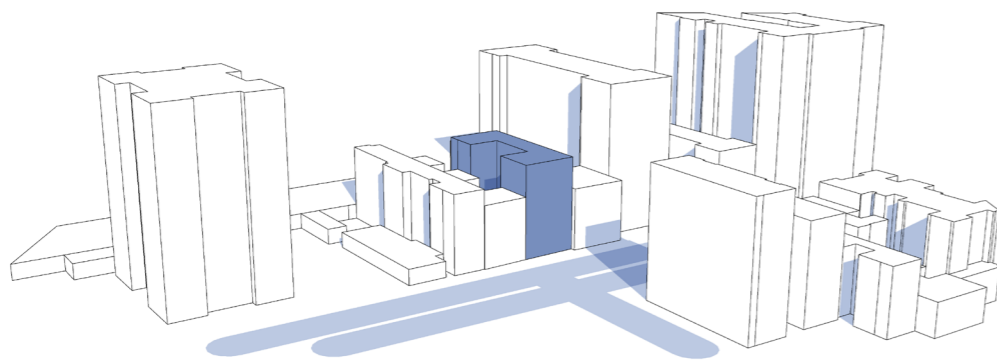


Figura 21: Perspectiva 3D do Edifício Amazonas e edificações vizinhas. Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

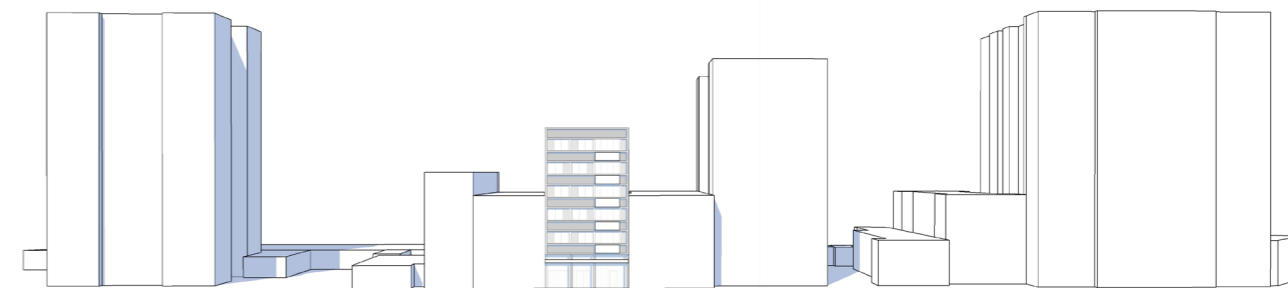


Figura 23: Fotomontagem do Edifício Amazonas e edificações vizinhas. Fonte: Elaborado pela autora, 2022.



Figura 22: Localização do Edifício Amazonas. Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Em um lote de meio de quarteirão, na Avenida Venâncio Aires, 515, bairro Cidade Baixa, o Edifício Amazonas foi uma construção para um cliente particular, Dr. Manoel H. Wilasco, com construção de Mello Pedreira & Cia. Ltda. A posição do terreno acomodou um partido compacto em forma de “C” com uma área interna aberta, fiel à morfologia do quarteirão tradicional.

O volume resulta em uma caixa compacta de cinco pavimentos térreos, predominantemente comercial. O partido distributivo organiza dois apartamentos por pavimento, de divisa a divisa do lote, um voltado para a via pública e outro para os fundos, separados pela circulação vertical.

No corpo do edifício, os elementos de arquitetura são organizados por faixas largas horizontais, em baixo-relevo que abrigam o peitoril das janelas marcando a separação dos pavimentos e por faixas delgadas verticais que marcam a divisão interna dos cômodos. Ainda em marcação vertical, constam saliências que remetem a sacadas, identificando o setor social dos apartamentos voltados para a via pública. Ströher (1997, 83) salienta: “existe um deslocamento horizontal, de pavimento para pavimento, das esquadrias e dos panos de paredes, criando um jogo de ordem exclusivamente estética.” No térreo, os elementos de arquitetura são definidos

por pilares que fazem, às vezes, de pilotis, organizando três setores distintos: o acesso ao hall, espaço para uma loja e o acesso ao estacionamento. Ainda se destaca uma laje saliente que corta o pilotis e confere percepção de altura ao térreo.

No térreo, em plano à frente, soltos, dois pilotis, alinhados externamente às paredes laterais. O pavimento térreo possui pé-direito maior e uma laje corta horizontalmente a fachada, avança em relação ao plano da mesma, suspensa entre os pilares, dividindo horizontalmente a altura total do vão. (STRÖHER, 1997, p. 83)

A planta baixa do pavimento-tipo é composta por dois apartamentos por pavimento, um voltado para a via pública e outro para os fundos do lote. O apartamento voltado para a via pública possui três dormitórios e a sala de estar e jantar acontecem juntas, separadas da cozinha por divisória leve, sendo dois dos três dormitórios e a sala de estar voltadas para a rua e as demais peças voltadas para a área interna aberta. O apartamento dos fundos possui dois dormitórios voltados para os fundos, juntamente com a sala, as demais funções são todas voltadas para a área interna aberta do edifício. A planta baixa do térreo é composta pelo hall de acesso aos apartamentos, uma loja centralizada na fachada, o acesso ao

estacionamento, nos fundos do lote, e ainda, um apartamento de dois dormitórios ao fundo. A entrada social e de serviço acontecem juntas. Externo ao bloco edificado principal, nos fundos do lote, há uma área reservada para estacionamento e, na parte estreita do terreno, a residência do zelador.

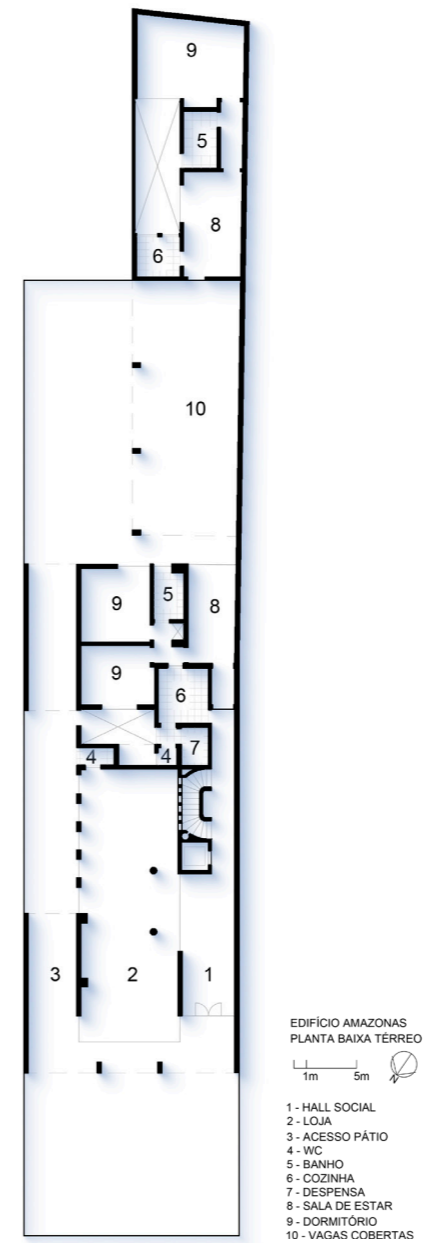


Figura 24: Redesenho Planta Térreo do Edifício Amazonas.
Fonte: Elaborado pela autora, 2021.



Figura 25: Redesenho Planta Tipo do Edifício Amazonas.
Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

EDIFÍCIO REDENÇÃO

Rua da República, 21 - Bairro Cidade Baixa



Figura 26: Fotografia do Edifício Redenção. Fonte: VIEIRA, comunicação pessoal, 2021.



Figura 27: Fotografia do Edifício Redenção. Fonte: VIEIRA, comunicação pessoal, 2021.

Edifício Redenção

Data do Projeto: 1954

Data da Conclusão: 1957

Número de pavimentos: Subsolo com garagem –
Térreo - 9 pavimentos-tipo - Reservatório

Lote: Esquina

Área do pavimento-tipo: 402,8 m²

Apartamentos por pavimento: 3

Área dos Apartamentos:

105,43m² - 119,72m² - 129,86m²

Arquitetos: Emil Bered e Salomão Kruchin

Proprietário: Banco Hipotecário Lar Brasileiro

Construtora: Bered e Kruchin Ltda.

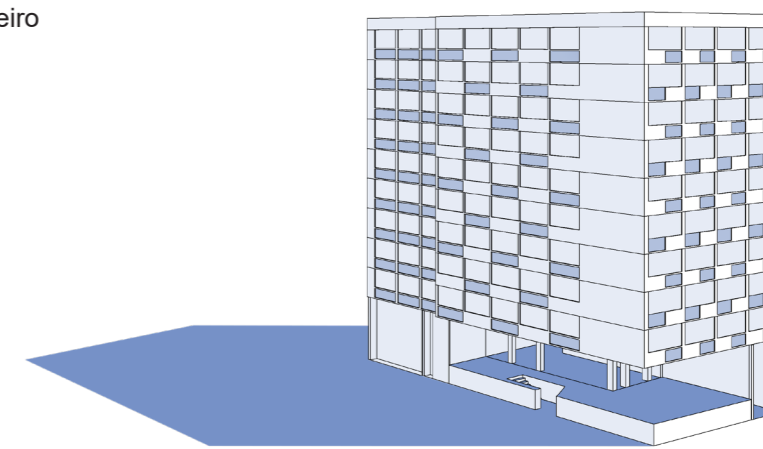


Figura 28: 3D axonômica do Edifício Redenção. Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

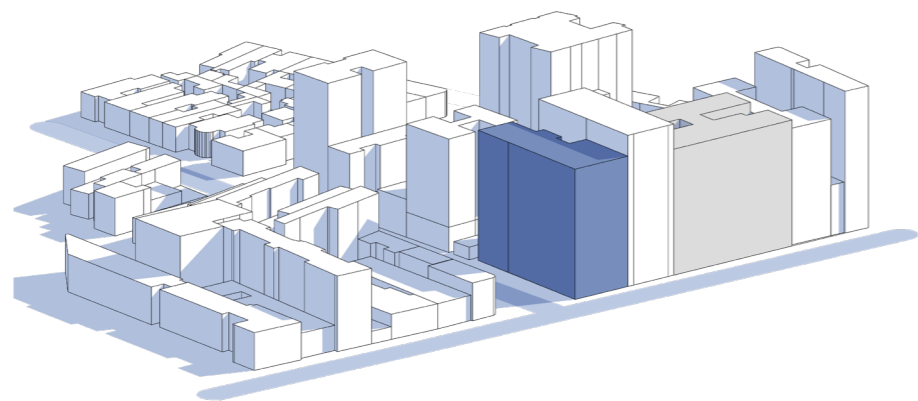


Figura 29: Perspectiva 3D do Edifício Redenção e edificações vizinhas. Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

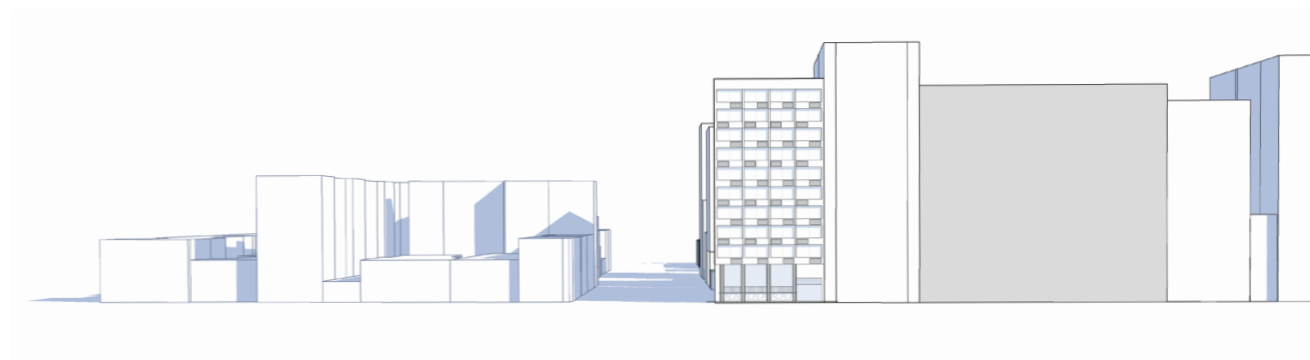


Figura 32: Fotomontagem do Edifício Redenção e edificações vizinhas. Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

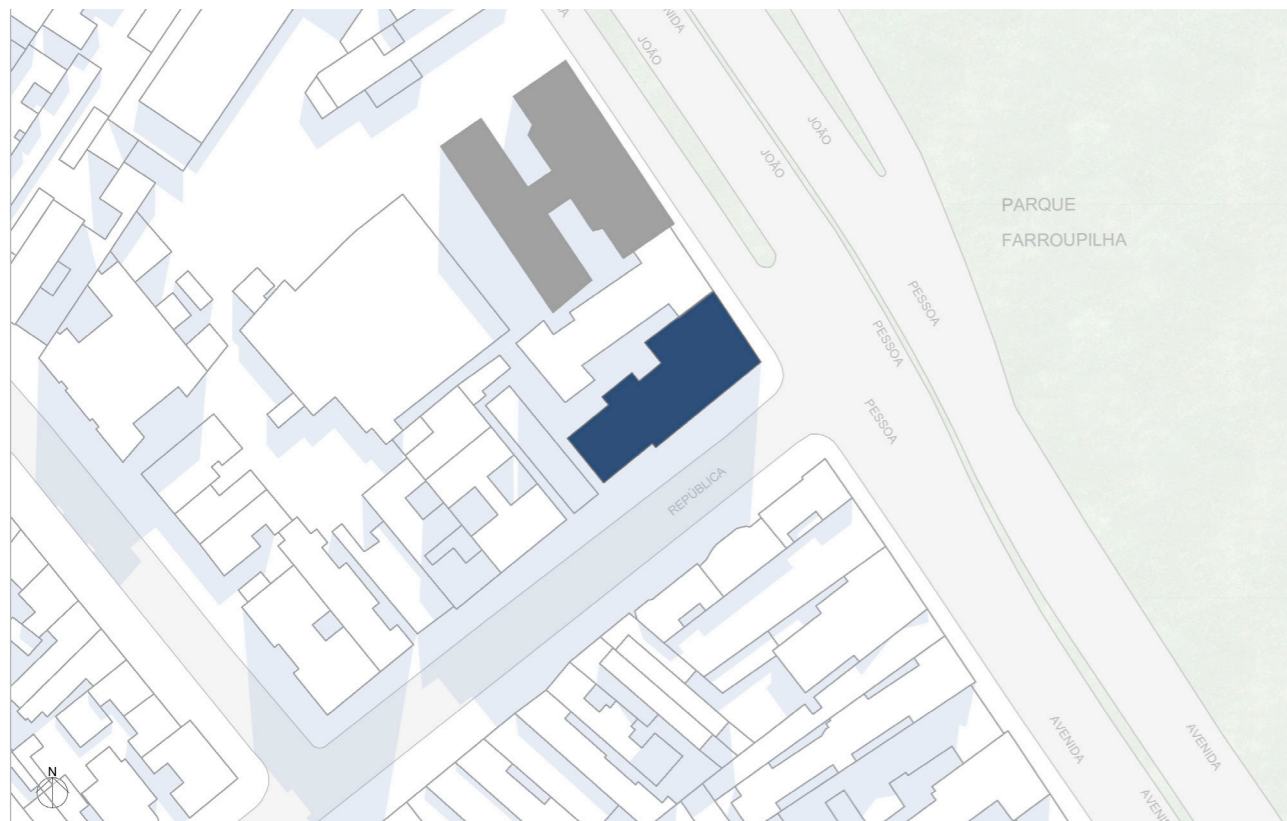


Figura 31: Localização do Edifício Redenção. Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Em um lote de esquina frente ao Parque Farroupilha, popularmente conhecido como Redenção, o Edifício Redenção foi uma incorporação pioneira do Banco Lar Brasileiro, com construção dos próprios arquitetos. A posição de esquina propiciou um partido compacto em formato de “L” com uma área interna aberta, fiel à morfologia do quarteirão periférico tradicional. A necessidade de estacionamentos no terreno exíguo e plano em área de várzea foi utilizada engenhosamente com a elevação do térreo em relação ao passeio, conferindo privacidade ao ambiente, um pódio para o pilotis de ingresso e acomodação para garagem no semi-subsolo.

O volume resulta numa falsa “caixa” compositiva corbusiana de nove pavimentos sobre o pilotis elevado, com duas fachadas para a via pública. Visualmente, assemelha-se a uma barra alinhada sobre a Rua da República, mas com a inversão da empena principal em operação que remete à empena sul da Unité de Marselha. A fachada menor (Av. João Pessoa) tem orientação nordeste, a maior (Rua da República) sudeste, e o partido distributivo reconhece essa circunstância organizando três apartamentos de três dormitórios por pavimento, com acesso social e de serviços independentes pelo emprego de três elevadores. Pequeno balanço sobre o passeio em 2/3 da testada da Rua da República, facultado

pela legislação da época, marca o acesso principal e propicia a definição de três superfícies exteriores do volume edificado que demarcam os apartamentos do tipo: um voltado para a Av. João Pessoa, um no volume saliente e outro no recuado da Rua da República. Nos dois apartamentos de esquina, salas e dormitórios voltam-se para as vias públicas, correspondentes a quatro vãos em um e cinco vãos no outro, e as demais peças voltam-se para área interna ou faixa livre na divisa do lote; o terceiro apartamento tem sala e dois dormitórios para a rua, correspondentes a três vãos, e um dormitório voltado para o interior. No corpo do edifício, os elementos de arquitetura são organizados por grelha quadrangular definida pela divisão interna das peças principais e pelas lajes de entrepiso, com cadência modulada por retângulos coloridos em baixo-relevo sob os peitoris. Associada a um tabuleiro de xadrez onde marcações diferenciadas formam um jogo de saliências, cores e texturas no reboco, Ströher vê três regras diferentes em três setores do edifício: “[...] na fachada da Rua da República, além da facha lateral lisa, duas soluções, na da Av. João Pessoa outra, guardando elas entre si elementos moduladores de referência” (STRÖHER, 1997, p. 77). Para Luccas (2004, p.160), sem dispor do sombreamento produzido por varandas, sacadas ou grelhas, neste caso a “renda perfurada de outras

ocasiões resumiu-se a um “bordado” aplicado, explorando o efeito ótico de recursos geométricos tipicamente construtivos.” Ele nota que as persianas ejetáveis contribuem para o condicionamento dos cômodos, produzindo um relevo do qual a fachada se ressent, e conclui que “o corpo maciço do edifício contrasta com a base porosa, e o efeito plástico final foi sóbrio e satisfatório”. (LUCCAS, 2004 p. 160). Para os próprios arquitetos, “o tratamento das fachadas foi [...] “objeto de um certo formalismo”, em virtude da singeleza e limitação a que se viram condicionados, onde a manipulação plástica teria ganho maior força (XAVIER, 1987, p. 123).

Os elementos de arquitetura estão claramente definidos no térreo, com uma mureta de pedra que contorna parte do edifício, os pilotis altos, as esquadrias de fechamento do hall, um painel de cerâmica que marca a transição da área social para a entrada de serviço, e a esquadria da loja justapondo-se até a divisa lateral. Seu maior valor está na bela solução do pilotis no térreo elevado, “como uma varanda que se abre para o parque, em estreita relação com os edifícios projetados por Lúcio Costa para o Parque Guinle no Rio de Janeiro” (ALMEIDA, 2010, p.38).

No livro Emil Bered Arquiteto (2022), em entrevista a Sergio Marques, Bered relata sobre o uso de pilotis na época:

Em edifícios de habitação coletiva, em Porto Alegre, não se fazia isto. Os construtores normalmente ocupavam os térreos com lojas e halls de entrada marcados por frontões. Comecei a introduzir esta solução. Por exemplo, no projeto do Edifício Redenção (ver figuras p. 131), convenci o gerente do Banco Hipotecário Lar Brasileiro, promotor do empreendimento, dr. Manuel Villasco que era o gerente do banco, de não fazer loja na esquina da rua da República com a avenida João Pessoa e sim pilotis, que não era muito comum naquela época (MARQUES, VIEIRA, STRÖHER, 2022, p. 58).

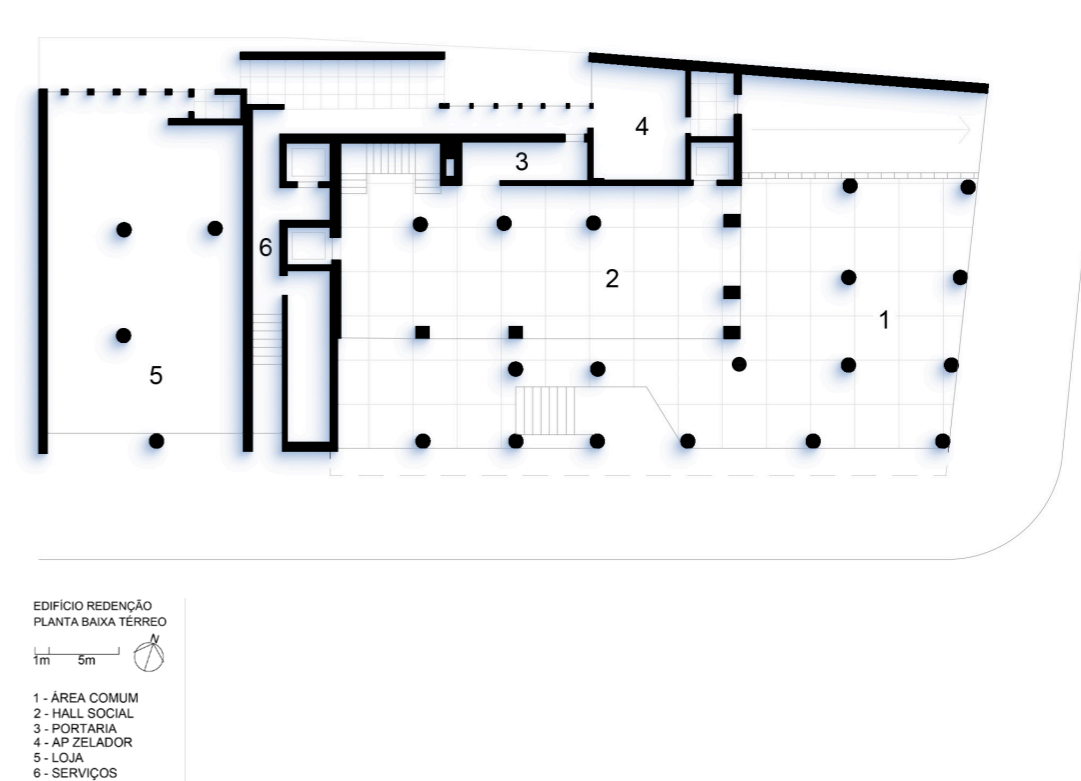
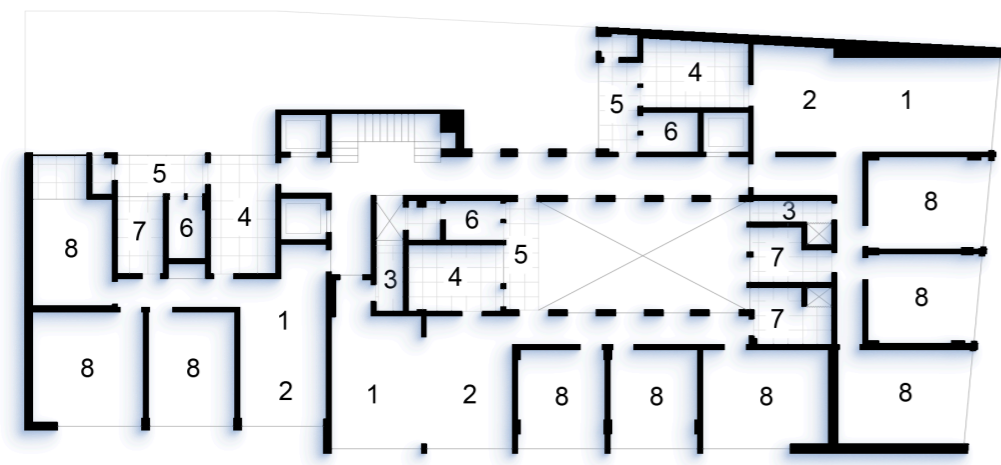
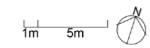


Figura 33: Redesenho Planta Térreo do Edifício Redenção. Fonte: Elaborado pela autora, 2021.



EDIFÍCIO REDENÇÃO
PLANTA TIPO



- 1 - SALA DE ESTAR
- 2 - SALA DE JANTAR
- 3 - LAVABO
- 4 - COZINHA
- 5 - ÁREA DE SERVIÇO
- 6 - DEPENDÊNCIA DE EMPREGADA
- 7 - BANHO
- 8 - DORMITÓRIO

Figura 34: Redesenho Planta Tipo do Edifício Redenção. Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

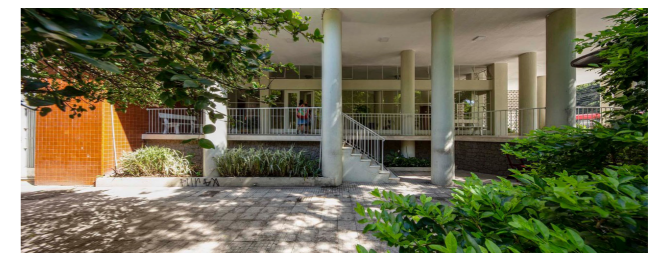
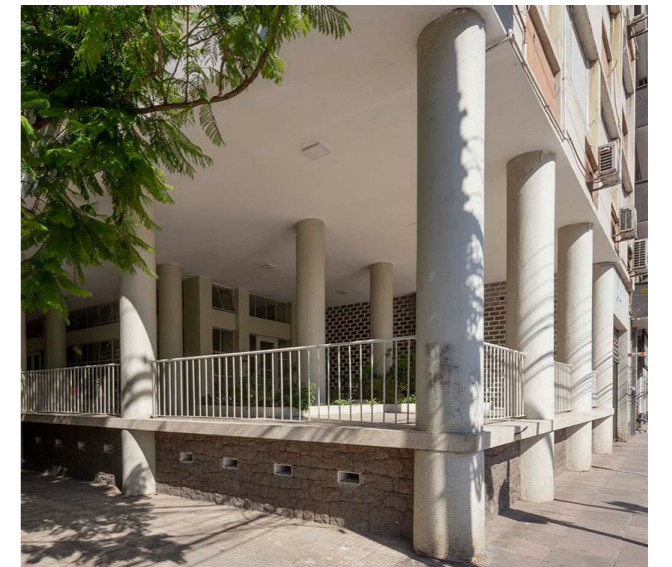
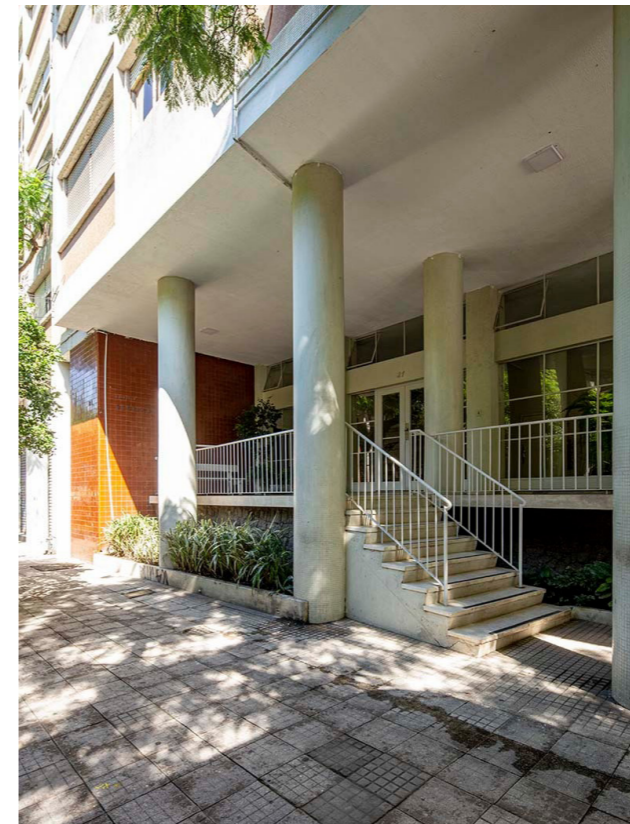


Figura 35: Fotografias do Edifício Redenção. Fonte: VIEIRA, comunicação pessoal, 2021.

EDIFÍCIO PENNSYLVANIA

Rua Riachuelo, 1280 - Bairro Centro Histórico

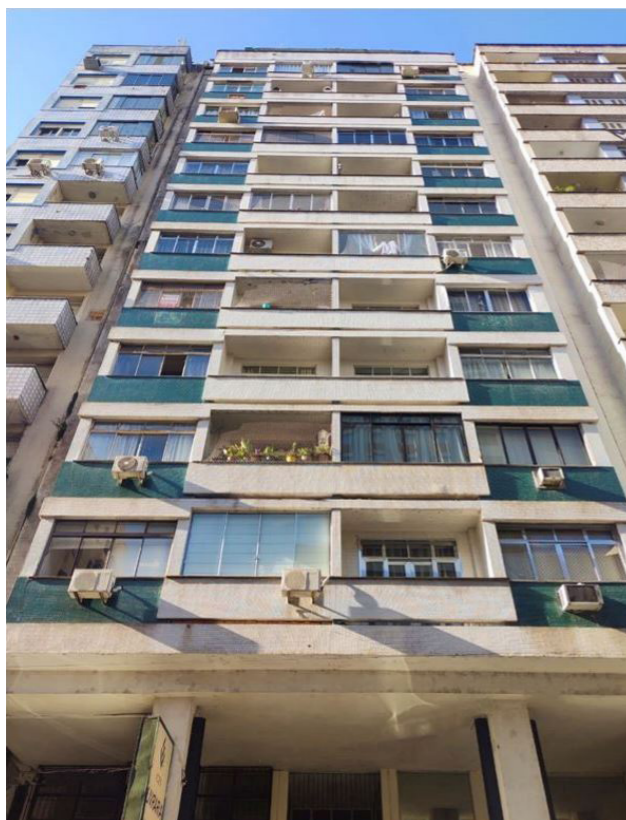


Figura 46: Fotografia e Modelo 3D do Edifício Pennsylvania.
Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Edifício Pennsylvania

Data do Projeto: 1957

Data da Conclusão: Não identificada

Número de pavimentos: Térreo – Sobreloja - 20

Pavimentos - Reservatórios

Lote: Meação

Área do pavimento-tipo: 465m² - 389,72m² - 342,61m²

Número de apartamentos por pavimento: 6 (até o 11º pavimento)

Área dos apartamentos: 97,23m² - 45,38m² - 61,15m²
- 93,52m² - 48,41m² - 61,15m² (até o 11º pavimento)
- 143,12m² (duplex)

Arquiteto: Emil Bered e Salomão Kruchin

Proprietário: José Carlos Maurer S. Prynck & Cia Ltda

Construtor: Willi Paul S.A.

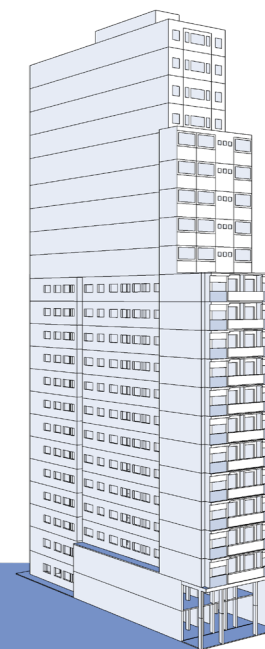


Figura 47: 3D axonométrica do Edifício Pennsylvania. Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

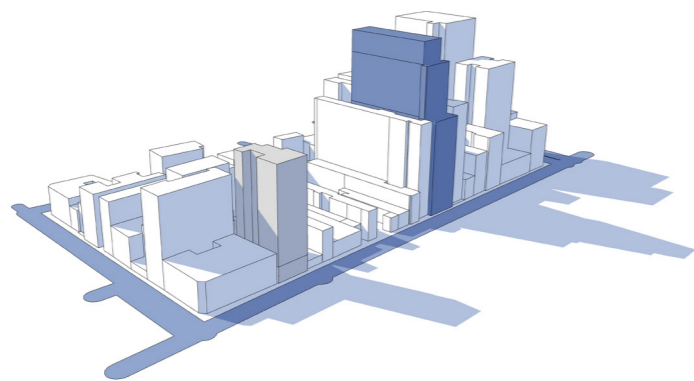


Figura 48: Perspectiva 3D do Edifício Pennsylvania e edificações vizinhas. Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

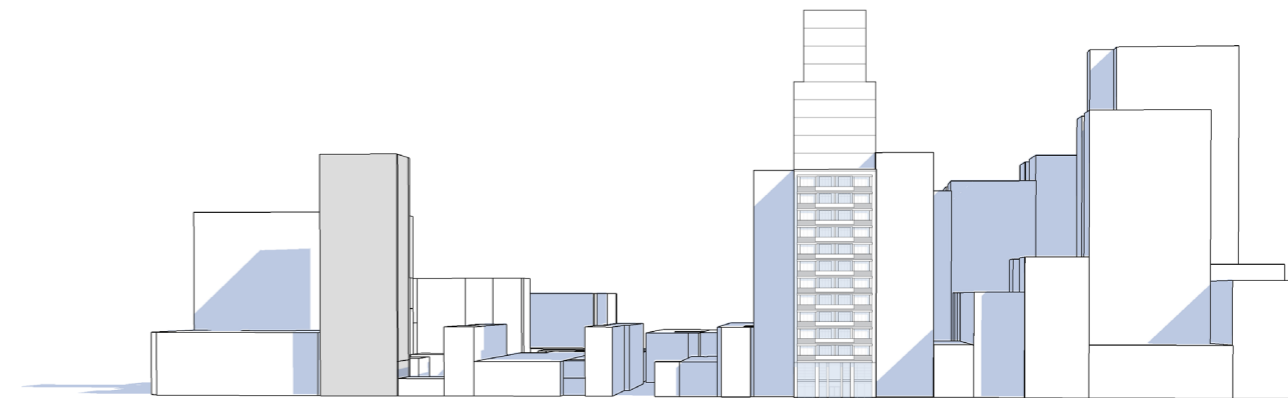


Figura 50: Fotomontagem do Edifício Pennsylvania e edificações vizinhas. Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

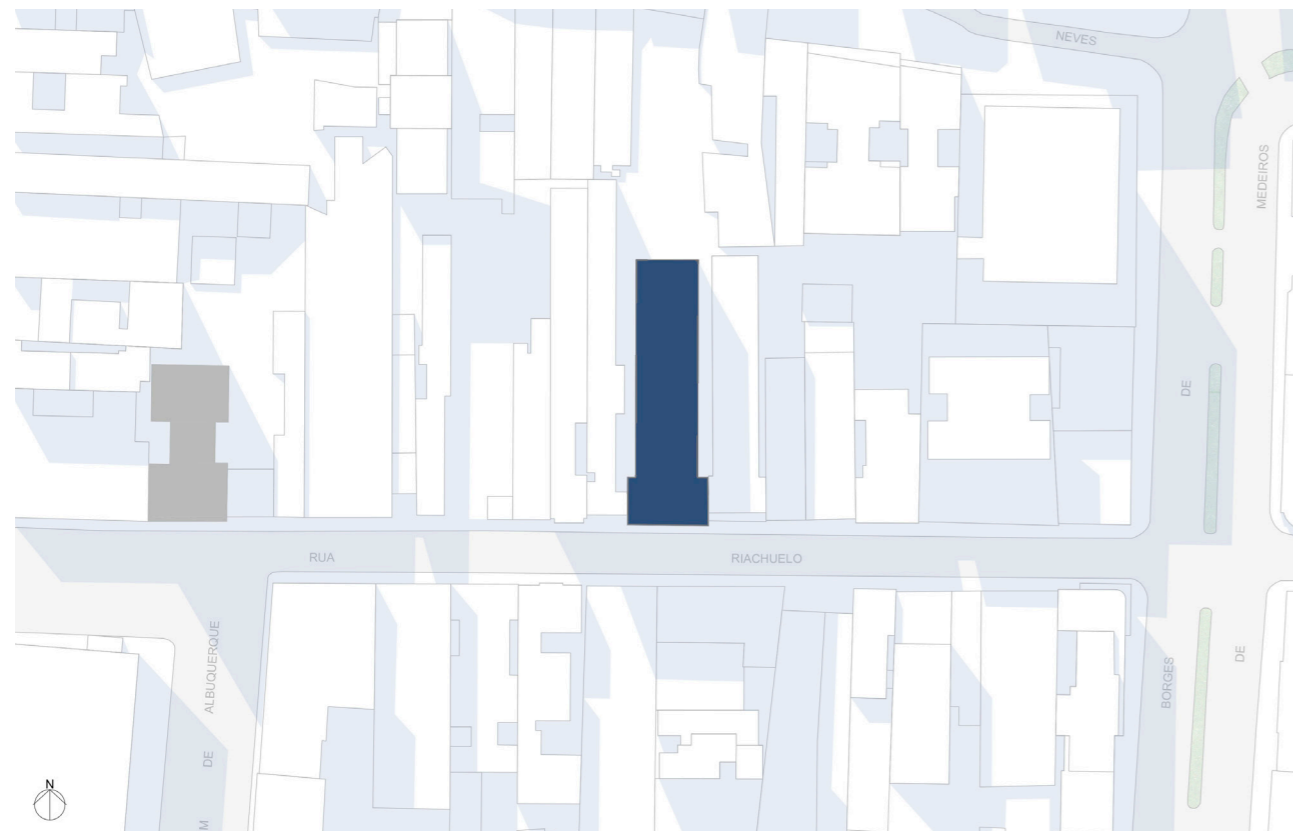


Figura 49: Localização do Edifício Pennsylvania. Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Localizado na Rua Riachuelo, no Centro Histórico de Porto Alegre, o Edifício Pennsylvania possui vinte pavimentos sobre térreo e sobreloja. Tendo, na porção frontal dupla altura com pilotis, sendo onze dos vinte pavimentos no alinhamento frontal, seguidos de cinco pavimentos acima recuados e mais quatro pavimentos novamente recuados, tornando os pavimentos acima do 11º quase imperceptíveis, se vistos do nível da rua, devido aos recuos. O edifício possui uma galeria comercial no térreo com sobreloja ocupando quase todo o lote, os pavimentos superiores possuem um recuo nas laterais oportunizando a abertura de janelas.

O partido distributivo do pavimento-tipo até o décimo primeiro pavimento possui seis apartamentos por pavimento, espelhados pelo eixo longitudinal, sendo os apartamentos voltados para a via pública, de orientação solar sul, de três dormitórios, tendo um dormitório com sacada, e os apartamentos do interior do bloco e fundos, de dois dormitórios. A circulação vertical fica por conta de três elevadores e a escada, o acesso social e de serviço não acontecem isolados. Por não ter todas as plantas no Escritório de Licenciamento, no Arquivo Municipal e no acervo do Arquiteto Emil Bered, a distribuição das plantas baixas a partir do décimo segundo pavimento até o décimo sexto ficam por conta da observação externa do bloco

edificado, possível através de uma vista do Google (ou então posicionando-se em prédios vizinhos). Julgando que o recuo existente nos pavimentos 12º, 13º, 14º, 15º e 16º acarretam modificações apenas nos apartamentos da porção frontal, e que da circulação vertical para os fundos segue a mesma configuração tipo, e que essas modificações devem ser a mudança de layout de dois apartamentos de três dormitórios por pavimento para apenas um apartamento de três dormitórios voltados para a porção frontal do lote, juntamente com os banheiros, mas isso é apenas uma suposição.

Os demais pavimentos acima do 16º, novamente recuados, com plantas conhecidas, têm novamente o apartamento da porção frontal modificados, sendo apartamentos duplex em que um pavimento é predominantemente social e serviços, com sala de estar, jantar, cozinha e dependência de empregada, e o outro é predominantemente íntimo, composto por três dormitórios, sendo um suíte, conforme redesenhos a seguir. Os elementos de arquitetura do bloco (até o décimo primeiro pavimento) são marcados horizontalmente por uma faixa em baixo-relevo de cor diferenciada que abriga o peitoril das janelas, contrastando com o peitoril das sacadas, saliente. Verticalmente, é marcada por linhas delgadas que marcam a separação interna dos cômodos. As

esquadrias são todas semelhantes, envidraçadas e a vedação da luz se dá por cortinas internas.

Quem da rua observa o edifício, não se dá conta que possui vinte pavimentos, percebendo apenas até o décimo primeiro, alinhado nos edifícios lindeiros, devido a pouca largura da rua. Os elementos de arquitetura do décimo segundo ao décimo sexto pavimento são completamente diferentes, sem sacadas, o elemento que confere verticalidade à fachada fica por conta de uma faixa verde em um dos módulos da fachada, imagina-se que abrigue os banheiros em planta, coroando o bloco com uma faixa horizontal na mesma cor.

Do décimo sétimo ao vigésimo pavimento, duas faixas verticais na cor verde nas laterais do bloco. Percebe-se um tratamento de fachada diferente a partir do décimo primeiro pavimento que, se não olhar com atenção, nem parece a mesma edificação.

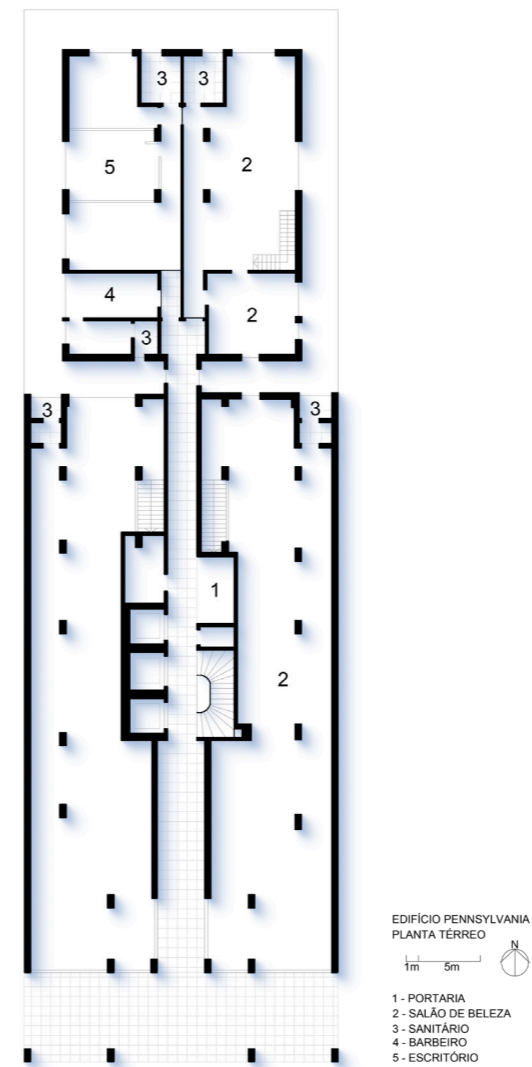


Figura 51: Redesenho Planta Térreo do Edifício Pennsylvania.
Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

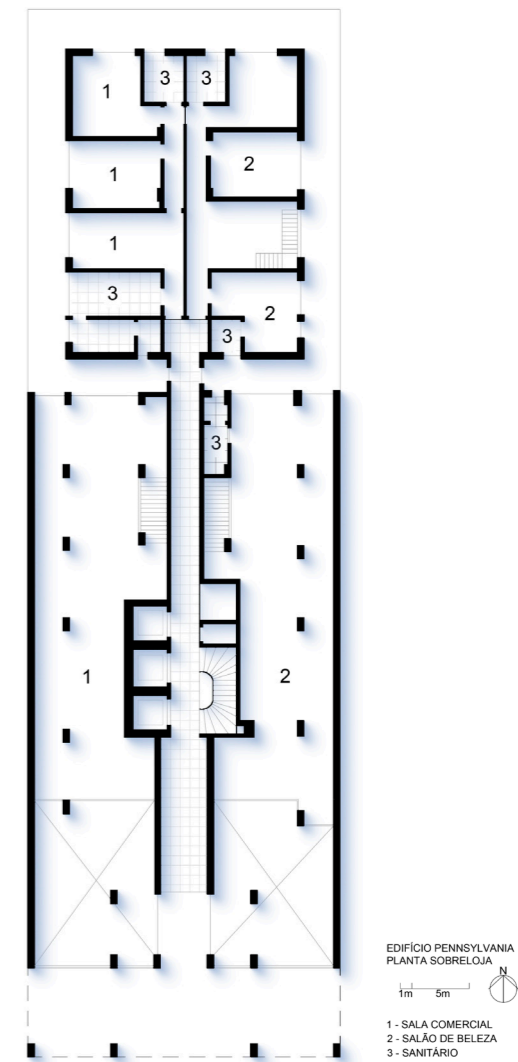


Figura 52: Redesenho Planta Sobreloja do Edifício Pennsylvania.
Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

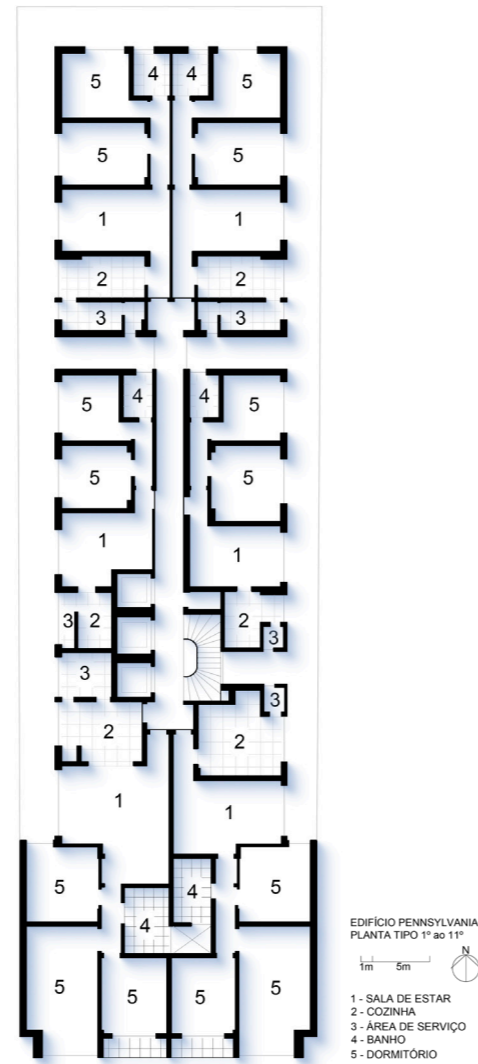


Figura 53: Redesenho Planta Tipo 1º ao 11º pavimento do Edifício Pennsylvania.
Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

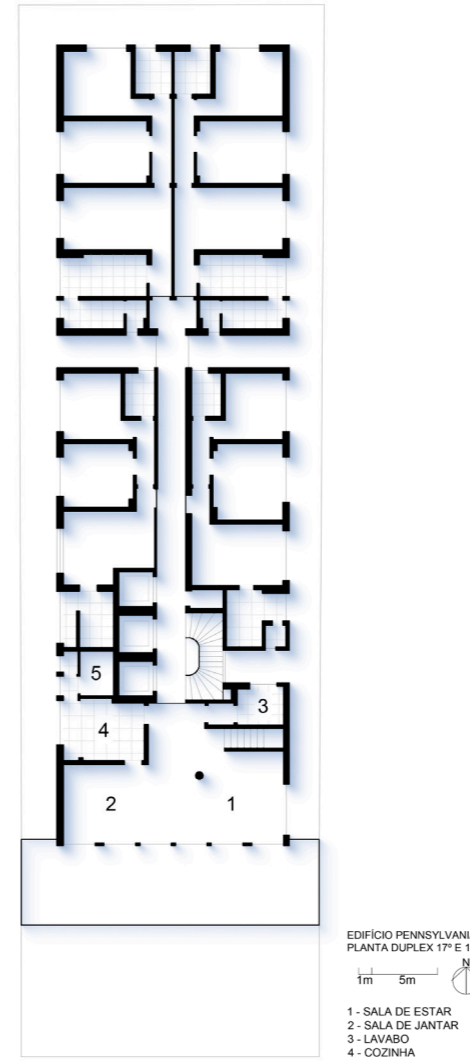


Figura 54: Redesenho Planta Tipo 17º e 19º do Edifício Pennsylvania.
Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

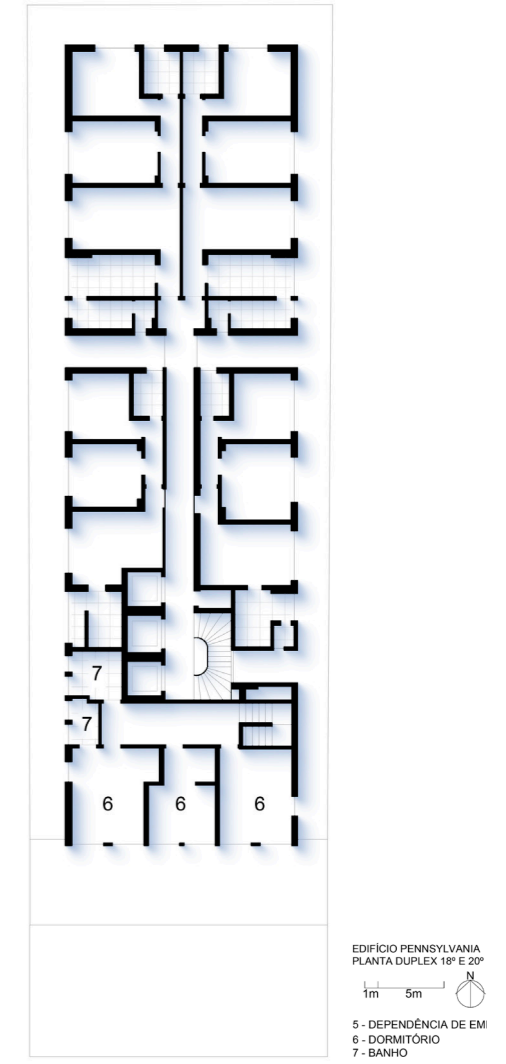


Figura 55: Redesenho Planta Tipo 18º e 20º do Edifício Pennsylvania.
Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

EDIFÍCIO PORTO ALEGRE

Rua Duque de Caxias, 1594 - Bairro Centro Histórico



Figura 36: Fotografia do Edifício Porto Alegre.
Fonte: VIEIRA, comunicação pessoal, 2021.



Figura 37: Fotografia do Edifício Porto Alegre.
Fonte: VIEIRA, comunicação pessoal, 2021.

Edifício Porto Alegre

Data do Projeto: 1959

Data da Conclusão: 1960

Número de pavimentos: Subsolo – Térreo - 12 pavimentos-tipo - Reservatório

Lote: cabeça de quadra

Área do pavimento-tipo: 288,78m²

Apartamentos por pavimento: 4

Área dos apartamentos: 37,75m² - 36,84m² - 71,18m² - 72,21m²

Arquitetos: Emil Bered e Salomão Kruchin

Proprietário: Banco Hipotecário Lar Brasileiro

Construtora: Bered e Kruchin Ltda.

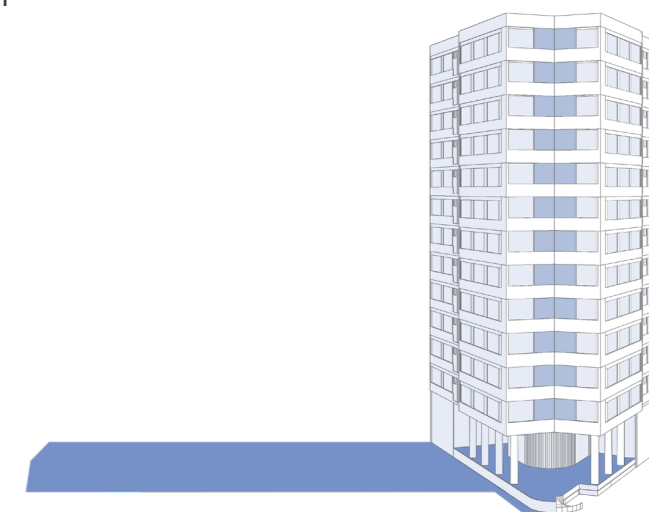


Figura 38: 3D axonométrica do Edifício Porto Alegre. Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

desnível nas fachadas permite identificar cada apartamento. (STRÖHER, 1997, p. 90)

Para Luccas (2004), o ângulo agudo do lote colocou à prova a flexibilidade e abrangência do sistema compositivo utilizado.

Os elementos de arquitetura no térreo são definidos pelos pilotis, pela mureta de pedra que contorna o edifício e pela forma curva do volume que abriga as circulações verticais. No corpo do edifício são representados horizontalmente pelas vigas juntamente com os peitoris. Verticalmente é marcado pelo cobogós e pela faixa vertical que abriga as esquadrias dos banheiros. As duas fachadas são iguais, diferindo apenas no tratamento do térreo de acordo com a topografia.

As plantas baixas do pavimento-tipo são compostas por quatro apartamentos espelhados pelo eixo que passa no vértice do triângulo. Os dois apartamentos situados na divisa do lote são recuados e possuem um dormitório, os outros dois apartamentos que conformam a esquina são salientes e possuem dois dormitórios. A área de circulação vertical possui localização central. “As plantas baixas do pavimento-tipo são resolvidas a partir do eixo divisório, como se os retângulos formados por apartamentos dois a dois sofressem uma compressão para se

acomodarem ao ângulo” (STRÖHER, 1997, p. 91). A planta baixa do térreo é definida por uma faixa de lojas na divisa do lote, um volume que abriga transformadores, elevadores e o hall, contornado por duas escadas e floreiras que arrematam a esquina.

O traçado regulador traz essa matemática sensível que dá a agradável percepção da ordem. A escolha de um traçado regulador fixa a geometria fundamental da obra; ele determina então uma das impressões fundamentais. A escolha de um traçado regulador é um dos momentos decisivos da inspiração, é uma das operações capitais da arquitetura (LE CORBUSIER, 2011, p. 47).

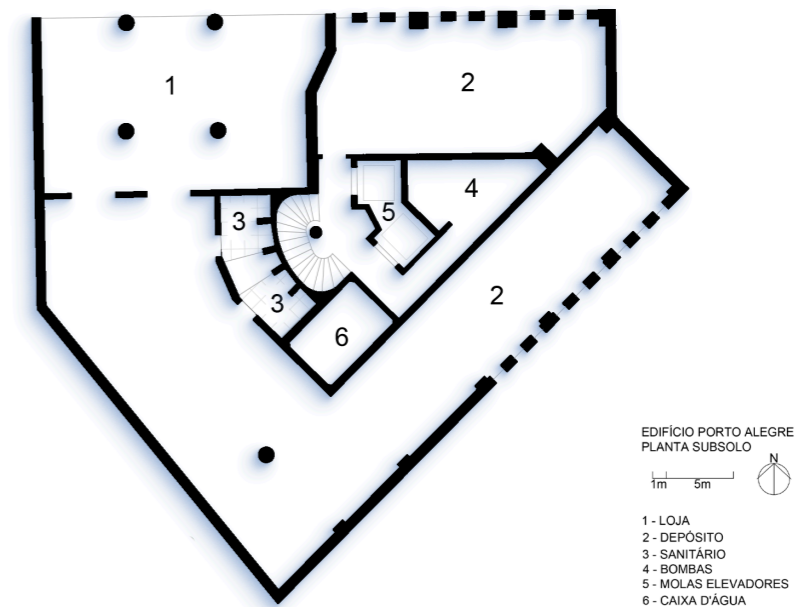


Figura 42: Redesenho Planta Subsolo do Edifício Porto Alegre. Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

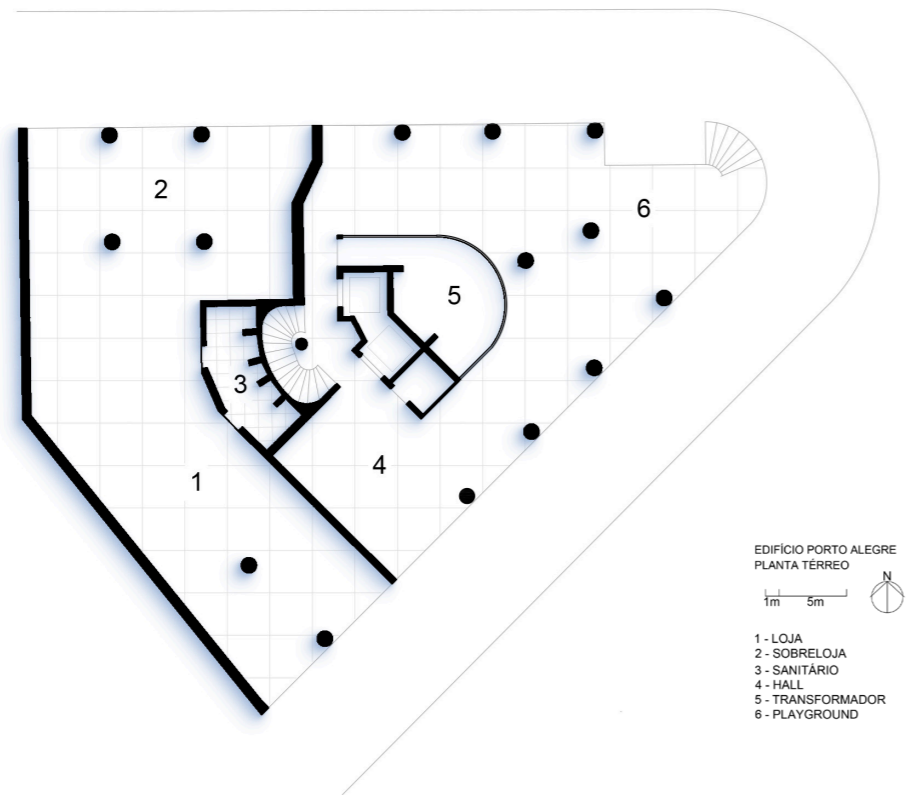


Figura 43: Redesenho Planta Térreo do Edifício Porto Alegre.
Fonte: Elaborado pela autora, 2021.



Figura 44: Redesenho Planta Tipo do Edifício Porto Alegre.
Fonte: Elaborado pela autora, 2021.



Figura 45: Fotografia do Edifício Porto Alegre. Fonte: VIEIRA, comunicação pessoal, 2021.

EDIFÍCIO FAIAL

Rua Jerônimo Coelho, 12 - Bairro Centro Histórico



Figura 56: Fotografia Edifício Faial. Fonte: VIEIRA, comunicação pessoal, 2021.



Figura 57: Fotografia Edifício Faial. Fonte: VIEIRA, comunicação pessoal, 2021.

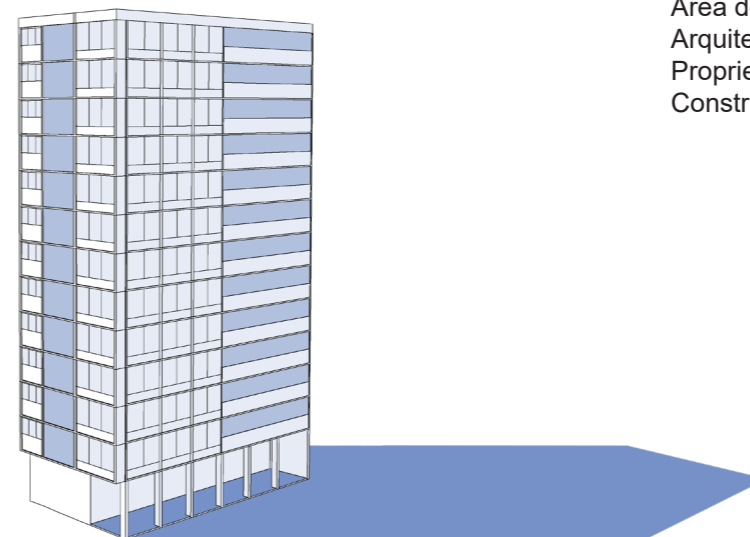


Figura 58: 3D axonométrica do Edifício Faial. Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Edifício Faial

Data do Projeto: 1962

Data da Conclusão: 1965

Número de pavimentos: Subsolo com garagem –
Térreo - 12 pavimentos-tipo - Cobertura

Lote: Esquina

Área do pavimento-tipo: 193,14m²

Apartamentos por pavimento: 1

Área dos apartamentos: 181,82m²

Arquitetos: Emil Bered

Proprietário: Hélio de Sá Palmeiro da Fontoura

Construtora: Martins, Gueller & Fantoni Ltda.

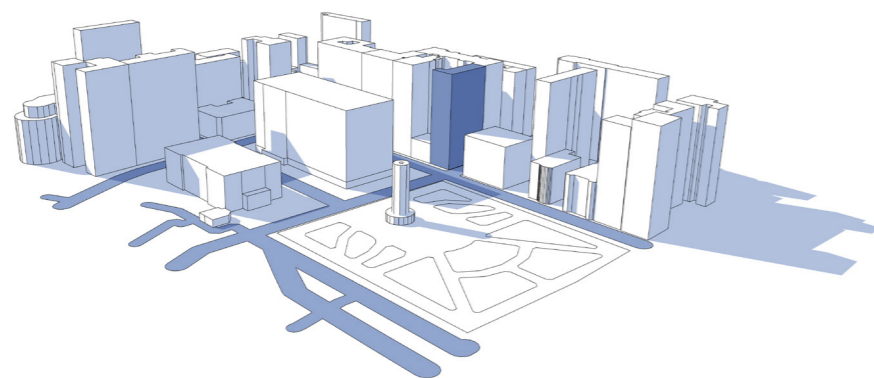


Figura 59: Perspectiva 3D do Edifício Faial e edificações vizinhas. Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

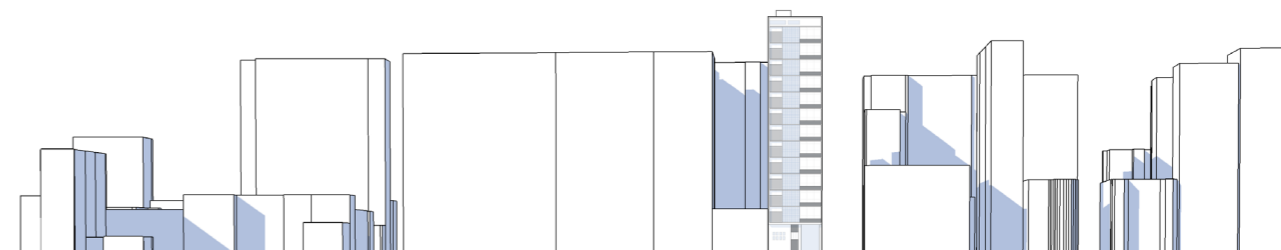


Figura 61: Fotomontagem do Edifício Faial e edificações vizinhas. Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

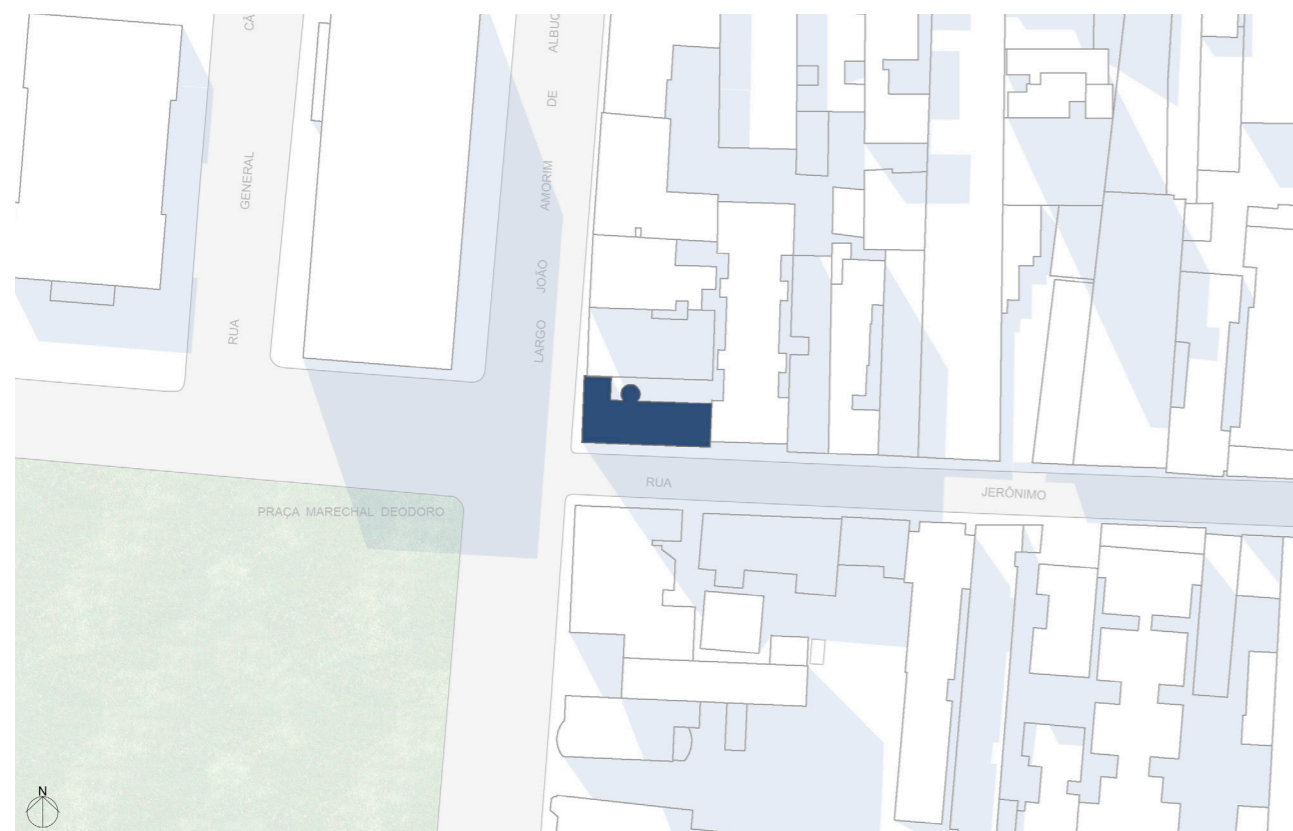


Figura 60: Localização do Edifício Faial. Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Em um lote de esquina em diagonal à Praça da Matriz, um aspecto urbano tradicional da cidade, o Edifício Faial foi uma edificação para Hélio de Sá Palmeiro da Fontoura com construção de Martins, Gueller & Fantoni Ltda. A posição de esquina propiciou um partido compacto em forma de “L” com uma área interna aberta, fiel à morfologia do quarteirão tradicional. A necessidade de uma galeria no térreo, exigência do código de obras (XAVIER; MIZOGUCHI, 1987) e a exiguidade do lote, dificultaram a acomodação da portaria. O térreo abriga também o playground e apartamento do zelador, dispendo o estacionamento no subsolo. Para Luccas (2004), o espaço coberto, resultante da passagem de pedestres, compensou a impossibilidade de locação de pilotis. O edifício Faial “[...] o primeiro exemplar profundamente comprometido como solução inserida em um tecido urbano tradicional, com a presença de uma galeria de circulação de pedestres atrelada à sua base” (LUCCAS, 2004, p. 219). Esse espaço encontra-se fechado atualmente, de uso privativo dos condôminos.

O volume resulta em uma caixa compositiva de doze pavimentos-tipo de um apartamento por pavimento, sobre térreo com pilotis gerando permeabilidade e conformando a galeria, com duas fachadas para a via pública: a face menor de orientação solar oeste

e a face maior de orientação solar sul. O partido distributivo valoriza a bela vista sobre a praça, dispendo o setor social dos apartamentos na esquina do lote e o setor íntimo na divisa com o vizinho, de orientação solar desfavorável, voltada para o sul, com exceção da suíte, que tem uma abertura voltada para o norte. Segundo Xavier e Mizoguchi (1987), o motivo do setor íntimo ser, predominantemente, voltado para o sul é em razão de ter sido prevista a instalação de ar-condicionado central e de a face norte voltar-se para o fundo do lote, local que em pouco tempo estaria bloqueado.

Emil Bered, em entrevista ao livro Emil Bered Arquiteto (2022), relatando sobre o Edifício Faial:

Os contratantes eram da empresa Martins, Gueller & Fantoni, e tive que acomodar as coisas com eles e, em função disto, coloquei os dormitórios para o lado sul, para evitar voltar a ala íntima para áreas internas do quarteirão, com superfícies de iluminação natural reduzidas. A planta é um “L”. A fachada da rua Jerônimo Coelho é sul, para onde está a ala social e íntima, sendo que a sala também tem aberturas para oeste. A área de serviço é aberta para leste e oeste. Cozinha e banhos voltados para norte (MARQUES, VIEIRA, STRÖHER, 2022, p. 58).

No corpo do edifício, os elementos de arquitetura diferenciam claramente a divisão interna dos

cômodos: grandes aberturas envidraçadas abrigam o setor social do apartamento, persianas de madeira abrigam os dormitórios e, no setor de serviços, cobogós e esquadria alta.

[...] a solução do corpo do edifício manteve uma tênue estrutura compositiva unitária, reduzida à planos laterais perpendiculares às duas fachadas, unidos por planos nas extremidades superior e inferior - igualmente perpendiculares à fachada - à estreita lâmina que compõe o cunhal do prisma, ao modo dos anos anteriores. (LUCCAS, 2004, p.219)

A planta tipo é composta por um apartamento por pavimento, de três dormitórios, sendo esses voltados para a rua Jerônimo Coelho, enquanto a sala de estar, jantar e serviços voltados para a esquina, em posição privilegiada, e a cozinha voltada para o largo. A circulação vertical é composta por escadas e dois elevadores, e a circulação social e de serviço acontecem isoladas.

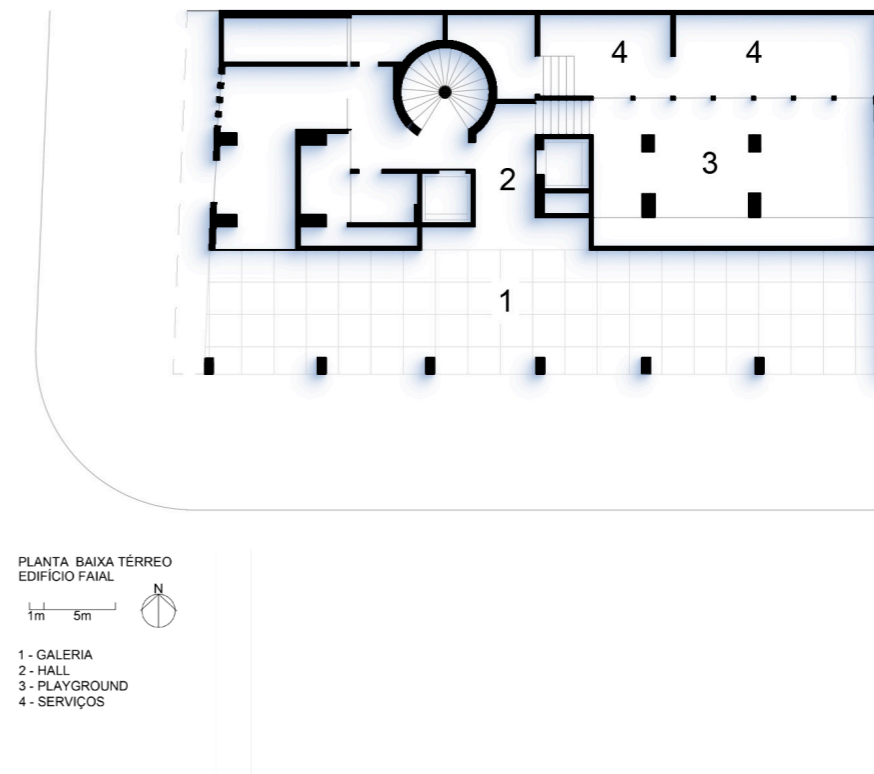
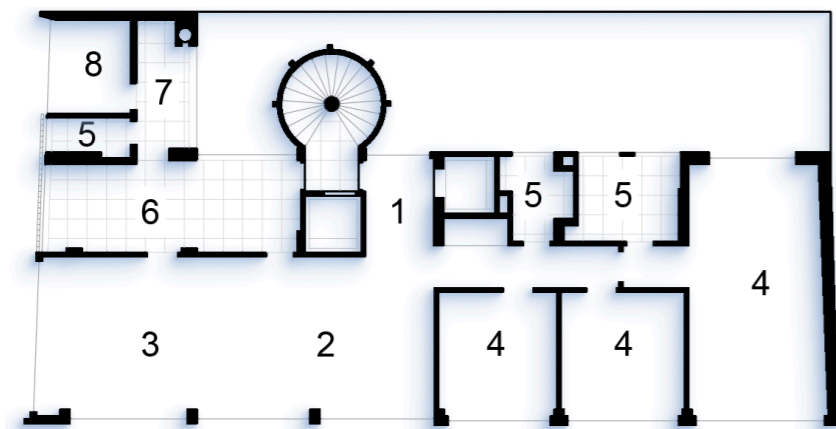


Figura 62: Redesenho Planta Térreo do Edifício Faial.
Fonte: Elaborado pela autora, 2021.



PLANTA TIPO
EDIFÍCIO FAIAL

1m 5m N

1 - HALL SOCIAL
2 - SALA DE ESTAR
3 - SALA DE JANTAR
4 - DORMITÓRIO
5 - BANHO
6 - COZINHA
7 - ÁREA DE SERVIÇO
8 - DEPENDÊNCIA DE EMPREGADA

Figura 63: Redesenho Planta Tipo do Edifício Faial.
Fonte: Elaborado pela autora, 2021.



Figura 64: Fotografia do Edifício Faial.
Fonte: VIEIRA, comunicação pessoal, 2021.

EDIFÍCIO FLORENÇA

Rua Riachuelo, 1134 - Bairro Centro Histórico



Figura 65: Fotografia Edifício Florença. Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Edifício Florença

Data do Projeto: 1963

Data da Conclusão: Não identificado

Número de pavimentos: Subsolo com garagem –
Térreo - 12 Pavimentos - Reservatórios

Lote: Esquina

Área do pavimento-tipo: 325,68m²

Número de apartamentos por pavimento: 2

Área dos apartamentos: 112,74m² - 162,63m²

Arquiteto: Emil Bered

Proprietário: Odilon Brustonoli Martins e Alberto Dal
Canale

Construtor: Martins, Gueller & Fantoni Ltda.

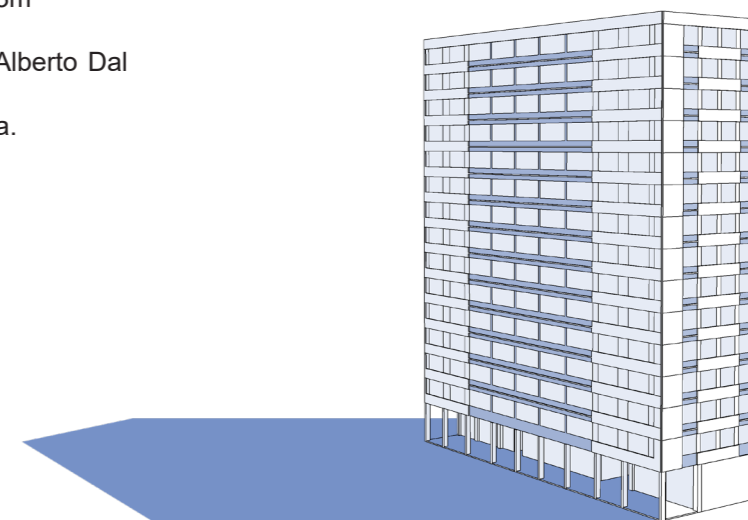


Figura 66: 3D axonométrica do Edifício Florença. Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

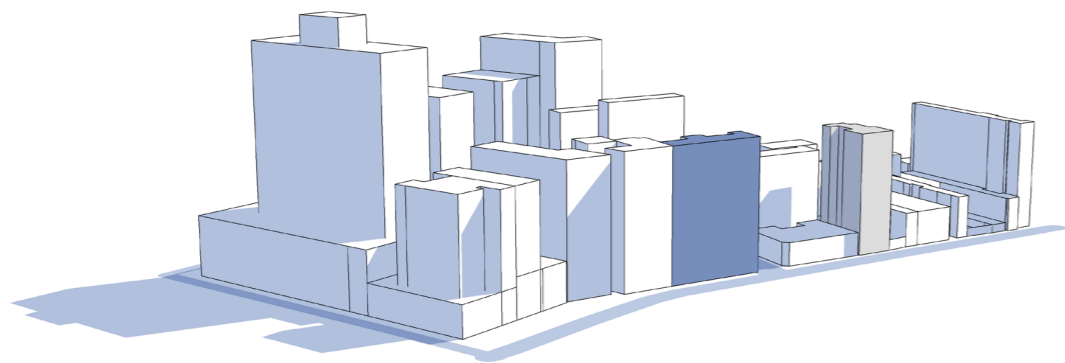


Figura 67: Perspectiva 3D do Edifício Florença e edificações vizinhas. Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

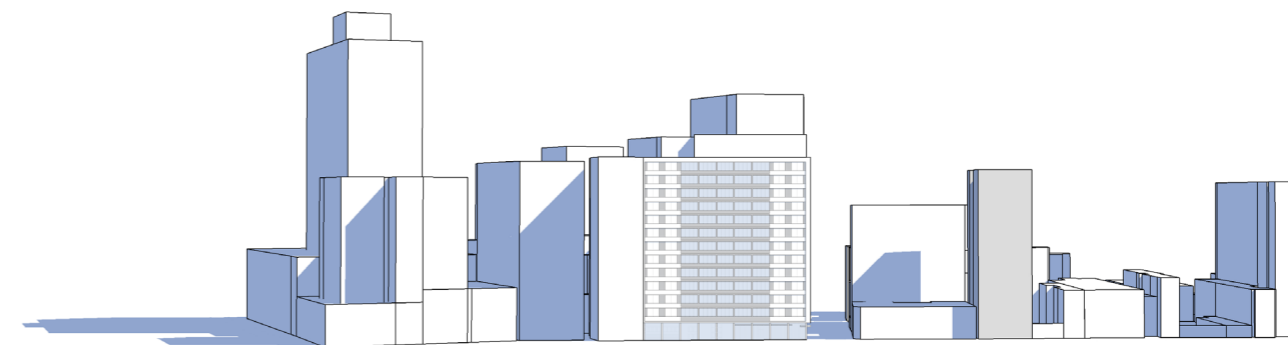


Figura 69: Fotomontagem do Edifício Florença e edificações vizinhas. Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

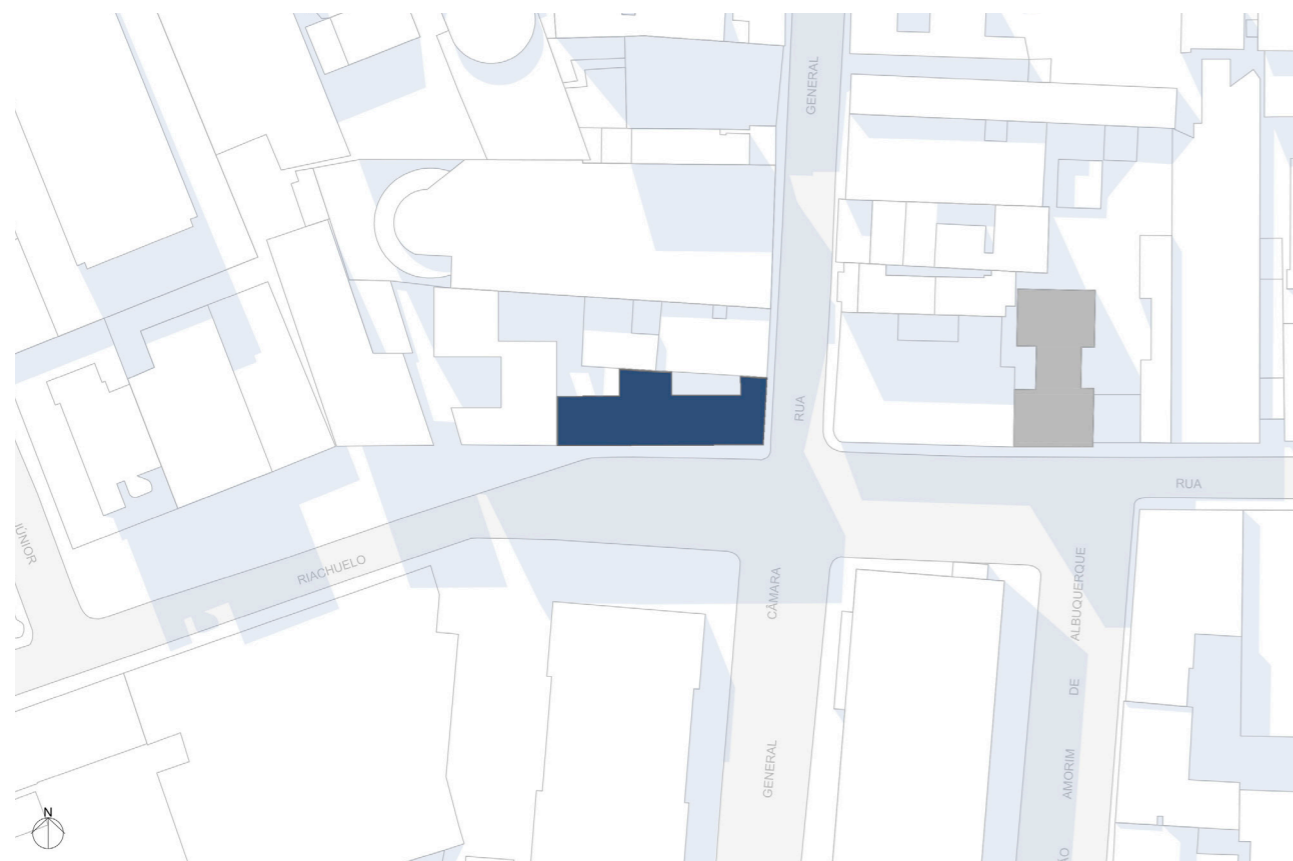


Figura 68: Localização do Edifício Florença. Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Em um lote de esquina, na retaguarda do Palácio da Justiça, o Edifício Florença é uma edificação para Odilon Brustonoli Martins e Alberto Dal Canale, com construção de Martins, Gueller & Fantoni Ltda. A posição de esquina oportunizou um bloco compacto em forma de barra com duas áreas abertas voltadas para o interior do lote, adepto à morfologia de um quarteirão tradicional. No térreo, ao nível do passeio, uma galeria propiciada pelo espaço entre pilotis amplia a área de circulação pública, e na divisa com o vizinho, o acesso às garagens no subsolo. O volume redonda em uma falsa “caixa” compositiva corbusiana de doze pavimentos sobre o térreo com pilotis, com duas fachadas para a via pública. A fachada menor possui orientação solar leste e a fachada maior, orientação solar sul. O partido distributivo reconhece essa circunstância, organizando dois apartamentos, de dois e três dormitórios, posicionando esses nas extremidades leste e oeste do edifício, concentrando o setor social voltado para a fachada sul e os serviços para as áreas internas abertas no interior do lote, de orientação solar norte. A circulação social e de serviço possuem acessos independentes oportunizadas pelo emprego de dois elevadores.

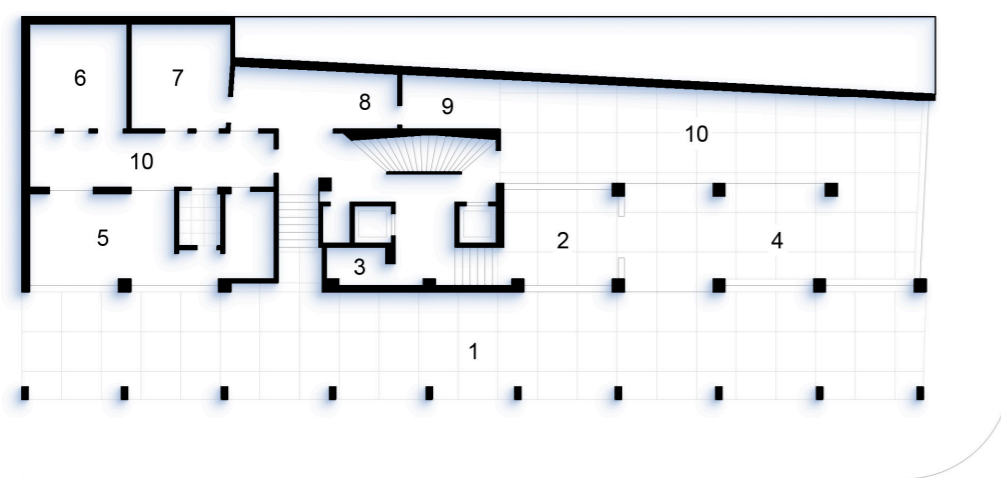
Os elementos de composição distribuem-se no corpo do edifício e são representados nas fachadas pelas salas e dormitórios e na base, com pé direito alto e ampla área coberta com pilotis, playground, hall com

entrada social e lateral de serviços.

Os elementos de arquitetura são definidos no térreo por uma galeria pública coberta composta por pilotis, e na área privada hall social e playground. No corpo do edifício, os elementos de arquitetura são condicionados por faixas horizontais definidas pelas lajes entrepisso e verticalmente representados por um tratamento diferente na fachada, o setor social possui uma marcação diferenciada em baixo-relevo em relação ao setor íntimo. As esquadrias também se diferenciam entre si conforme a área interna que representam, nas salas amplas aberturas envidraçadas, nos dormitórios todas as aberturas protegidas por venezianas.

As plantas baixas do pavimento-tipo contêm dois apartamentos, um voltado para a Rua General Câmara, de três dormitórios, e outro em posição oposta voltado para a Rua Riachuelo, lindeiro ao vizinho, de dois dormitórios. Em ambos as salas estão voltadas para a Rua Riachuelo.

Na planta baixa do térreo, praticamente ocupando todo o lote, os elementos de composição distribuem-se a partir do apartamento do zelador que, elevado em relação à calçada, abriga o acesso ao estacionamento embaixo e marca o limite com o vizinho. Aos fundos do apartamento do zelador situam-se os serviços, todos isolados do hall de acesso social, portaria, playground e galeria coberta.

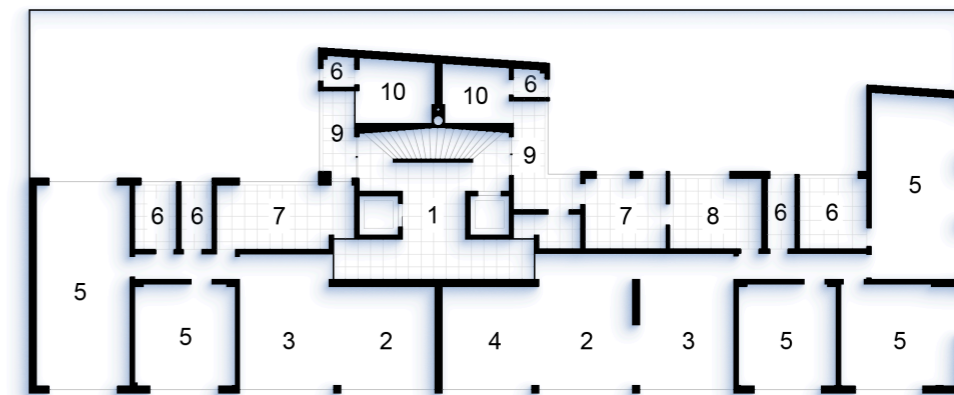


EDIFÍCIO FLORENÇA
PLANTA TÉRREO

1m 5m

1 - GALERIA PÚBLICA
2 - VESTÍBULO
3 - PORTARIA
4 - PLAYGROUND
5 - AP. ZELADOR
6 - CALDEIRAS
7 - TRANSFORMADORES
8 - MEDIDORES
9 - INCINERADORES
10 - ÁREA

Figura 70: Redesenho Planta Térreo do Edifício Florença. Fonte: Elaborado pela autora, 2021.



EDIFÍCIO FLORENÇA
PLANTA TIPO

1m 5m

1 - HALL SOCIAL
2 - SALA DE ESTAR
3 - SALA DE JANTAR
4 - GABINETE
5 - DORMITÓRIO
6 - BANHO
7 - COZINHA
8 - COPA
9 - ÁREA DE SERVIÇO
10 - DEP. EMPREGADA

Figura 71: Redesenho Planta Tipo do Edifício Florença. Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Analisando os edifícios dessa seleção, se percebe algumas semelhanças quanto a verticalização (altura da edificação) e uso do térreo (somente residencial em alguns, com presença de comércio em outros). Podemos observar que quanto mais próximo ao núcleo do Centro Histórico (considerando núcleo as regiões mais próximas à Praça da Matriz) os edifícios dessa seleção não apresentam comércio no térreo, apenas galerias, exigência do código de obras da época, e possuem um número maior de pavimentos, a exceção do Edifício Pennsylvania, bem próximo ao núcleo do Centro Histórico, possuindo 20 pavimentos, sendo o mais alto da seleção e tendo, no térreo, galeria e comércio.

O Edifício Faial e o Edifício Florença, ambos com 12 pavimentos, localizados nos arredores da Praça da Matriz, possuem o térreo livre, sob pilotis, configurando uma galeria na calçada, coberta e aberta, sem espaço destinado a comércio. Atualmente, a galeria do Edifício Faial encontra-se cercada por painéis envidraçados, delimitando o espaço condominial.

Já o Edifício Redenção e o Edifício Porto Alegre, o primeiro no bairro Cidade Baixa, com 09 pavimentos, e o segundo no bairro Centro Histórico, mais distante do “núcleo”, com 12 pavimentos, possuem térreo elevado, delimitando a privacidade da área condominial. Também possuem uma área destinada

a comércio no térreo, na divisa com o lote vizinho.

E o Edifício Amazonas, que nessa seleção é o mais afastado do Centro Histórico em direção ao Eixo Sul de desenvolvimento, possui 05 pavimentos e o térreo é predominantemente comercial, sem a presença de galeria e área condominial de recreação ou contemplação.

Todos apresentam a proposta de pilotis, embora, em alguns casos, esse seja representado por pilares, não passando de pura intenção.

Quanto às características formais do corpo do edifício, os exemplares dessa seleção, na sua maioria, não possuem sacadas, exceto o Edifício Porto Alegre, em que os dormitórios são abrigados por sacada e cobogós e há também cobogós nos serviços, e o Edifício Pennsylvania, que também possui dormitórios abrigados por sacadas. No Edifício Amazonas percebe-se saliências na fachada que remetem a sacadas e um desencontro no alinhamento vertical das janelas, semelhante ao que se vê no Edifício Redenção, com desencontros das saliências nos peitoris. O Edifício Faial apresenta cobogós, abrigando os serviços, e um tratamento diferenciado em madeira no setor íntimo dos apartamentos.

CAPÍTULO 3

Outros Arquitetos

Foram selecionados, igualmente, seis edifícios de significativa relevância e contribuição para o estudo comparativo em questão, de autoria de outros arquitetos atuantes em Porto Alegre na mesma época que Emil Bered e Salomão Kruchin, também responsáveis pela Arquitetura Moderna no Sul. Dentre os edifícios selecionados, três são de meio de quarteirão: o Edifício Excelsior, o Edifício Tapejara e o Edifício Vitória Régia, e três são de esquina: o Edifício Salomão Ioschpe, o Edifício Ouro Verde, e o Edifício Catedral. Vale ressaltar que, embora o recorte temporal seja 1953/1963, alguns edifícios selecionados são posteriores a esse recorte, devido a sua relevância e contribuição para a análise comparativa em questão.

Dentre os arquitetos autores dos edifícios do estudo de caso a seguir, um foi colega de Emil Bered e Salomão Kruchin na primeira turma de Arquitetura do Instituto de Belas Artes (1946-1949), Mauro Guedes de Oliveira, e os demais formaram-se em outras escolas, e há, ainda, dois arquitetos os quais não se conseguiu nenhuma informação a respeito: Vladimir Kupac e Júlio Carlos Mussoi, autores do projeto de um dos edifícios analisados, o Edifício Catedral.

Mauro Guedes de Oliveira

Mauro Guedes de Oliveira formou-se na primeira turma de Arquitetos do Rio Grande do Sul. É autor de vários projetos em Porto Alegre, entre eles as Galerias Comerciais Champs Elisées, Augusta e Moinho de Vento (1969-1970), e do Centro Empresarial 24 de Outubro (1992), em Porto Alegre (CABRAL, 2016), do projeto vencedor do concurso para o Hotel Balneário de Atlântida (OLIVEIRA, 2016). Projetou, também, edifícios de habitação coletiva em altura na radial Avenida João Pessoa, em Porto Alegre, por exemplo, o Edifício Esplanada da Redenção (1979).

Leo Grossman

Nascido em 1932, o arquiteto gaúcho Leo Grossman formou-se na Faculdade de Arquitetura da UFRGS em meados da década de 1950 e pós graduou-se em Illinois Institute of Technology, em Chicago, oportunidade em que teve como professor o renomado arquiteto Mies van der Rohe. Teve forte atuação em Curitiba/PR, onde se mudou no início da década de 1960 a fim de lecionar no curso de Arquitetura da UFPR e onde fundou a Construtora Adobe, empresa com forte atuação em obras de habitação coletiva em altura. Em Porto Alegre/RS projetou o icônico Edifício Salomão Ioschpe (1955) (PACHECO, 2010).

Carlos Alberto de Holanda Mendonça

Nascido em Água Branca/RJ, em 1920, Carlos Alberto de Holanda Mendonça é formado pela Faculdade Nacional de Arquitetura (FNA) no Rio de Janeiro, no ano de 1946, portando consigo toda a bagagem de Arquitetura Carioca adquirida diretamente da fonte, tendo como principais referências os arquitetos Oscar Niemeyer, Lúcio Costa e M.M. Roberto.

No Rio Grande do Sul, trabalhou inicialmente na Secretaria de Obras Públicas do estado, projetando notáveis edifícios como o Grupo Escolar Vila do IAPI, posteriormente vinculou-se à Construtora Azevedo Bastian e Castilho por, aproximadamente, quatro anos, onde elaborou uma quantidade grande de projetos. Em 1954, se desvinculou e montou seu próprio escritório, onde, em apenas um ano e meio, desenvolveu importantes projetos como o Edifício Santa Cruz (1955), até seu precoce falecimento em 1956, aos 36 anos de idade (BUENO, 2012).

Edgar Graeff

Nascido em Carazinho/RS, em 1921, Edgar Graeff ingressou na Faculdade Nacional de Arquitetura (FNA), no Rio de Janeiro, em 1943, formando-se em 1947, onde foi aluno de Eduardo Affonso Reidy, e no IBA, em 1949, como urbanista, onde foi colega de Riopardense de Macedo. Edgar Graeff foi um dos pioneiros da arquitetura moderna no Rio Grande do

Sul, sob intensa influência da arquitetura carioca. Atuou como arquiteto na Secretaria de Trabalhos Públicos do Estado, foi professor do IBA entre os anos de 1948 e 1951, posteriormente, foi professor na Faculdade de Arquitetura da UFRGS por dez anos. Subsequentemente, na Faculdade de Arquitetura da UnB por dois anos, quando, em 1964, foi cassado em função da exacerbação da ditadura militar e perseguições políticas, retornando após anistia apenas em 1979. Tem importantes obras em Porto Alegre, como o Edifício Presidente Antônio Carlos (1952). Edgar Graeff faleceu em 1990 (MARQUES, 2012).

Vladimir Kupac

Sobre Vladimir Kupac sabe-se apenas que foi Professor no Departamento de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, segundo relatos de outros professores do mesmo departamento. Não foram encontrados registros no CREA/RS sobre sua vida profissional e dados pessoais.

Júlio Carlos Mussoi

Sabe-se que Júlio Carlos Mussoi foi coautor do projeto do Edifício Catedral, um dos estudos de caso dessa seleção comparativa, mas nada foi encontrado sobre sua vida profissional e pessoal nas pesquisas dessa dissertação.

EDIFÍCIO EXCELSIOR

Rua Riachuelo, 1200 - Bairro Centro Histórico



Figura 72: Fotografia Edifício Excelsior. Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Edifício Excelsior

Data do Projeto: 1952

Data da Conclusão: sem informação

Número de pavimentos: Térreo – Sobreloja – 14 pavimentos - Cobertura

Lote: Meação

Área do pavimento-tipo:

Apartamentos por pavimento: 1 a 2

Área dos apartamentos: sem informação.

Arquiteto: Carlos Alberto de Holanda Mendonça

Proprietários: Dr. Nicolau F. Celiberto, Cicero Ahrends, Nery M. de Oliveira Marques, Jorge Pinto d'Amorim, Georges Augusto Verschoore Filho, Afonso Paulo Feijó, Dr. Francisco Solano Borges, Luiz Sartori Dania, Franklin Diniz de L. Moreira, Antônio Rosito, Dr. Walter Eduardo Baethgen, Paulo Luiz Baethgen, Mário Lippo Verschoore, José Pires Reis, Eng. Danilo Coelho Smith, Heitor do Amaral Ribeiro, João Corrêa da Costa Ribeiro e Jorge José da Silva Baethgen. Eng. Eugênio Vilanova Castilhos, Eng. Marcello Casado d'Azevedo e Sr. Almir Duarte.

Construtora: Azevedo Bastian & Castilhos Ltda.

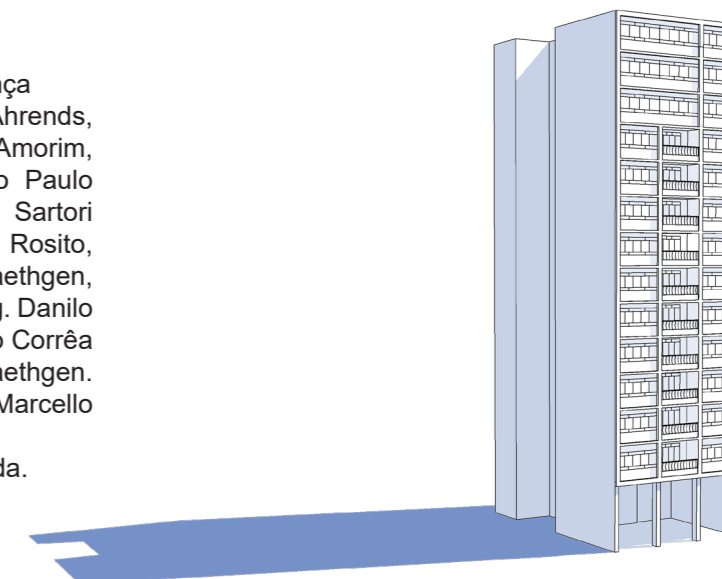


Figura 73: 3D axonométrica do Edifício Excelsior. Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

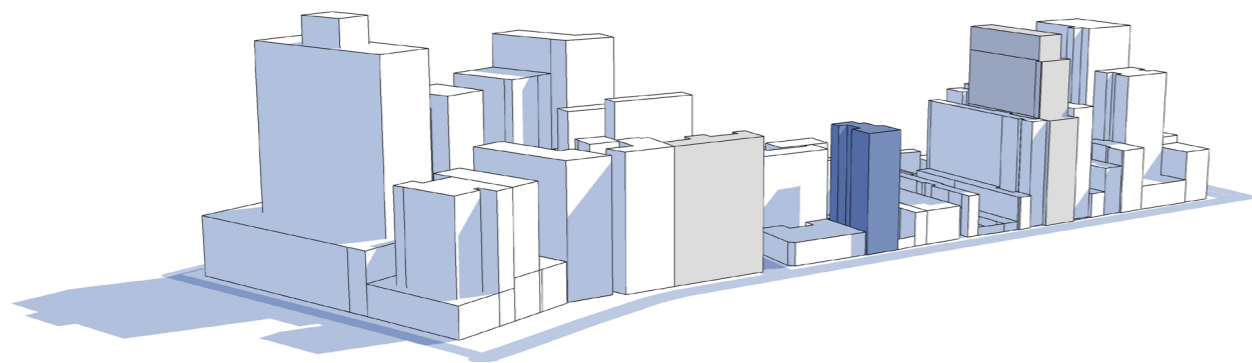


Figura 74: Perspectiva 3D do Edifício Excelsior e edificações vizinhas. Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

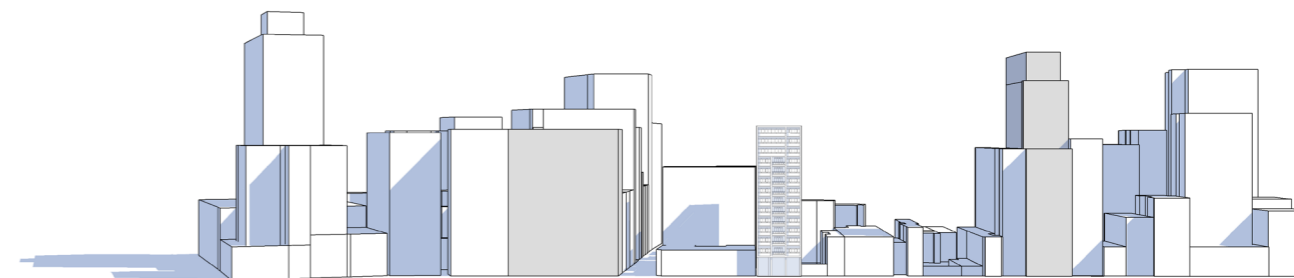


Figura 76: Fotomontagem do Edifício Excelsior e edificações vizinhas. Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

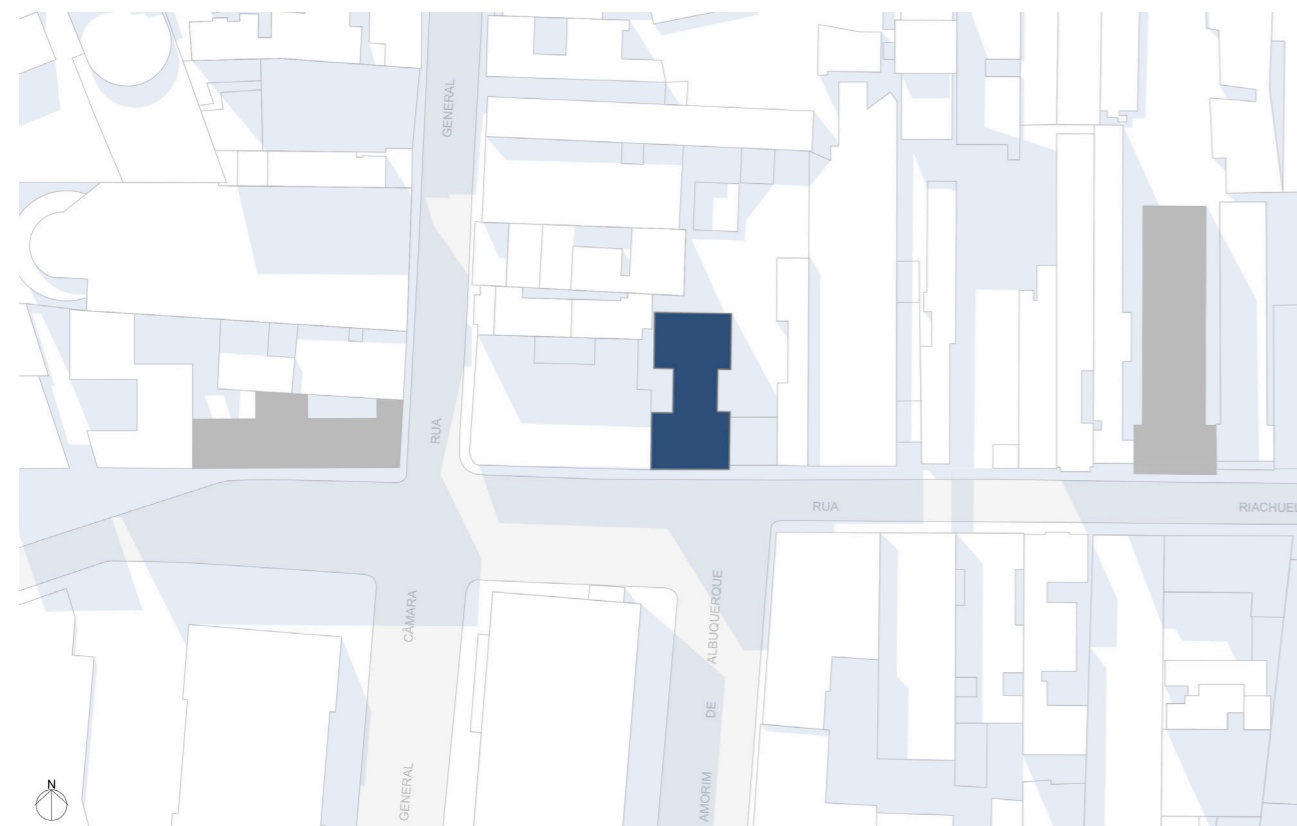


Figura 75: Localização do Edifício Excelsior. Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Em um típico lote tradicional de localização privilegiada no Centro Histórico de Porto Alegre, ao lado da Biblioteca Pública, o Edifício Excelsior foi um empreendimento conjunto de vários proprietários discriminados individualmente conforme o pavimento/projeto. A posição do terreno estreito e alongado, propiciou um partido compacto em forma de “H na horizontal”, sendo duas barras edificadas (frente e fundos) até a divisa com o vizinho, separadas pelo volume recuado da circulação vertical. No térreo, dupla altura na porção frontal com pilotis e mezanino que acessa o apartamento do zelador, aos fundos e subsolo espaço destinado à garagem. O volume resulta em uma “caixa” perfurada nas laterais, de treze pavimentos sobre pilares de dupla altura, com apenas uma fachada para a via pública. O acesso social e de serviços não acontece completamente isolado. Na fachada voltada para a via pública, de orientação solar sul, prevalecem grandes aberturas; até o décimo pavimento a fachada é marcada por abrigar duas grandes janelas nas laterais e uma sacada na porção central, em composição simétrica. A partir do décimo primeiro pavimento, a sacada alonga-se para dois terços da fachada horizontalmente, criando uma assimetria na composição e se diferenciando em relação aos pavimentos-tipo abaixo. Atualmente, essa sacada

encontra-se fechada por esquadrias. Esse edifício é um exemplar de independência da estrutura em relação aos elementos de vedação, onde percebemos diferentes tipos de pavimentos. Do segundo ao nono pavimento-tipo a planta é resolvida de maneira bastante habitual: dois apartamentos espelhados, um voltado para a frente do lote, de orientação solar sul, e outro para os fundos, de orientação solar norte, ligados pela circulação vertical, ambos com a sala e dois dormitórios voltados para a fachada externa, e um dormitório voltado para o espaço aberto no interior do lote. O décimo pavimento é ocupado por apenas um apartamento, dividido em duas partes conectadas por um grande hall com abundante iluminação, oriunda de uma grande sacada que se abre para a lateral leste do lote. Voltado para os fundos do lote, de orientação norte, ficam os quartos e a sala, e para a frente, de orientação sul, a cozinha, dependência de empregada, saleta, sala de jantar e espaço de recreação associado à sacada. O décimo primeiro pavimento também é ocupado por apenas um apartamento, porém, com diferente distribuição interna dos cômodos, tendo o acesso voltado para a frente do lote onde localizam-se a cozinha, os serviços, sala de estar e jantar e gabinete; no centro, onde no pavimento inferior é um grande hall, está localizado um jardim de inverno conectado a uma

sala de costura e, no fundo do lote, os dormitórios. O décimo segundo pavimento também é ocupado por apenas um apartamento, com os dormitórios, sala de jantar e estar, cozinha e copa localizadas na porção central e frontal do pavimento, e os fundos ocupados por um dormitório e um grande terraço particular, criando um escalonamento no edifício. O décimo terceiro pavimento possui a mesma distribuição interna do décimo segundo, tendo o terraço reduzido a uma sacada. O décimo quarto possui basicamente o mesmo layout, só inverte um dormitório com os banheiros. E, por fim, a cobertura com um pequeno espaço aberto que dá acesso à casa de máquinas e reservatórios.

Bueno (2012) ressalta que alterações datadas de 1954 modificam o térreo, o mezanino e o apartamento do zelador, que agora são dois, o apartamento-tipo, que passa a trocar um dormitório por outra sala, o décimo segundo pavimento, que fecha o terraço, criando um grande jardim de inverno, e afirma:

Este edifício é o reflexo de uma arquitetura moderna de cunho carioca que se transmuta a partir das necessidades e condicionante locais. Uma resposta elegante e com o caráter adequado para sua finalidade, e que não deixa de lado a realidade onde está inserida. (BUENO, 2012, p. 217).

Le Corbusier ressalta “A construção de concreto armado determinou uma revolução na estética da construção. Pela supressão do teto e substituição pelos terraços, o concreto armado conduz a uma nova estética da planta.” (LE CORBUSIER, 2011, p. 39).

As plantas desse edifício foram cedidas por Marcos Flávio T. Bueno, autor da dissertação “A obra do Arquiteto Carlos Alberto de Holanda Mendonça”.

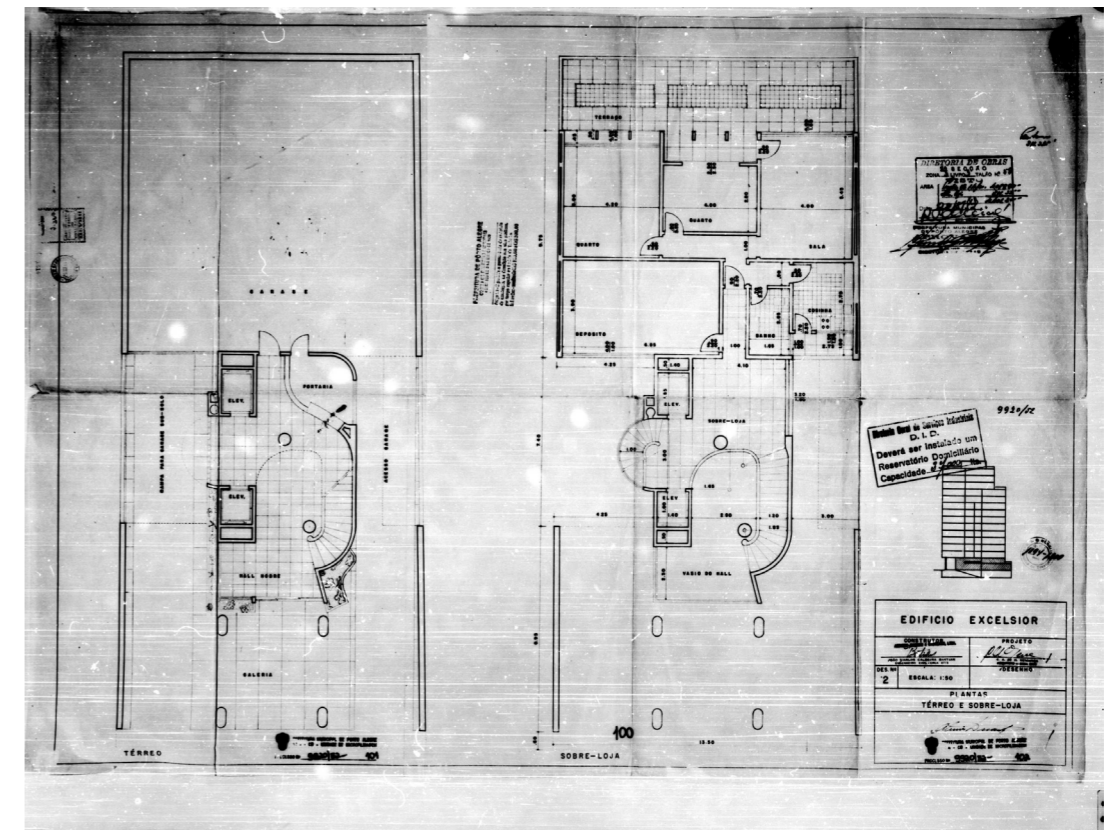


Figura 77: Planta Baixa Térreo e Sobreloja do Edifício Excelsior. Fonte: BUENO, 2012.

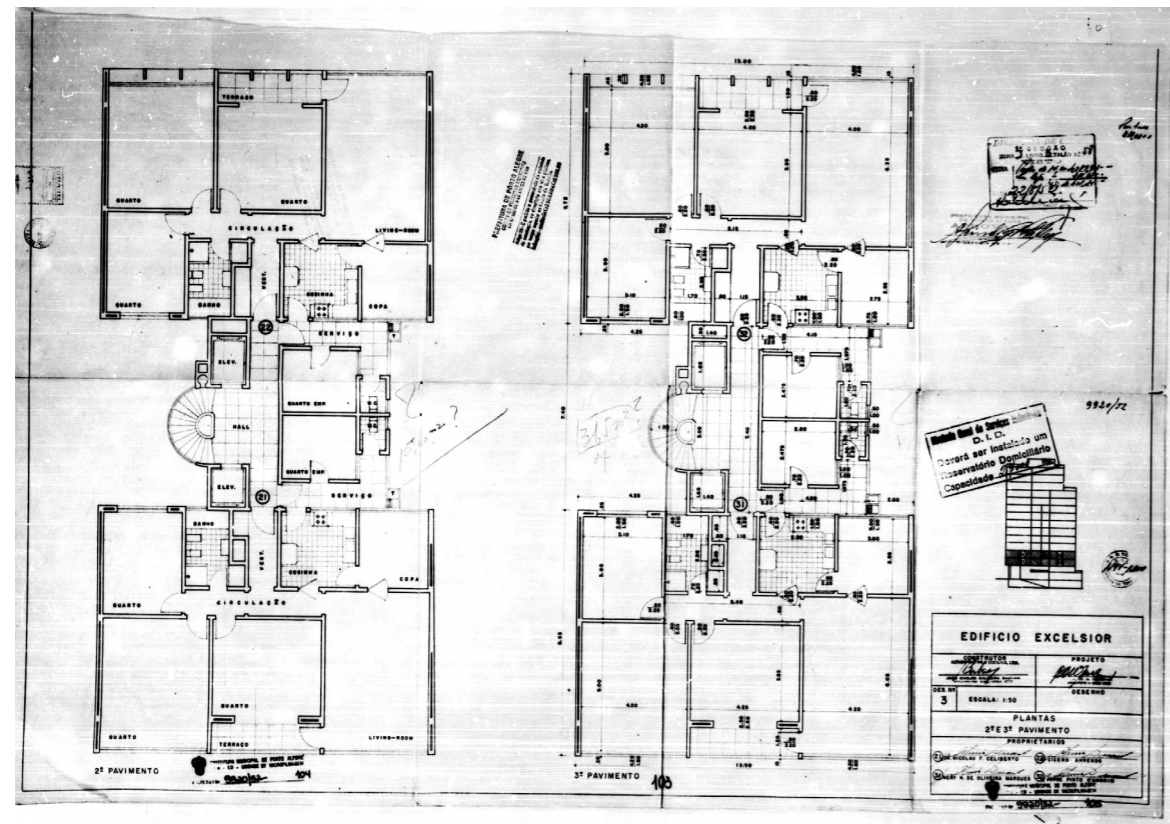


Figura 78: Planta Baixa 2º e 3º pavimentos do Edifício Excelsior. Fonte: BUENO, 2012.

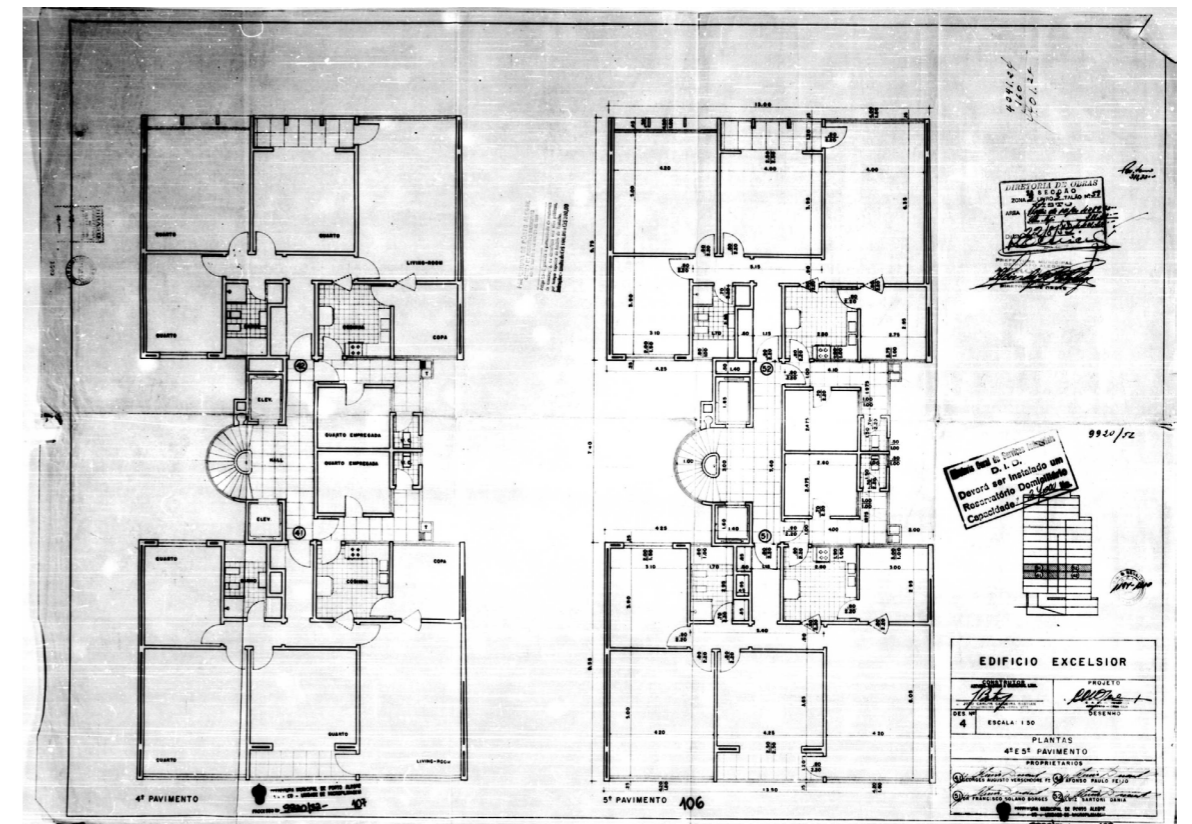


Figura 79: Planta Baixa 10º e 11º pavimentos do Edifício Excelsior. Fonte: BUENO, 2012.

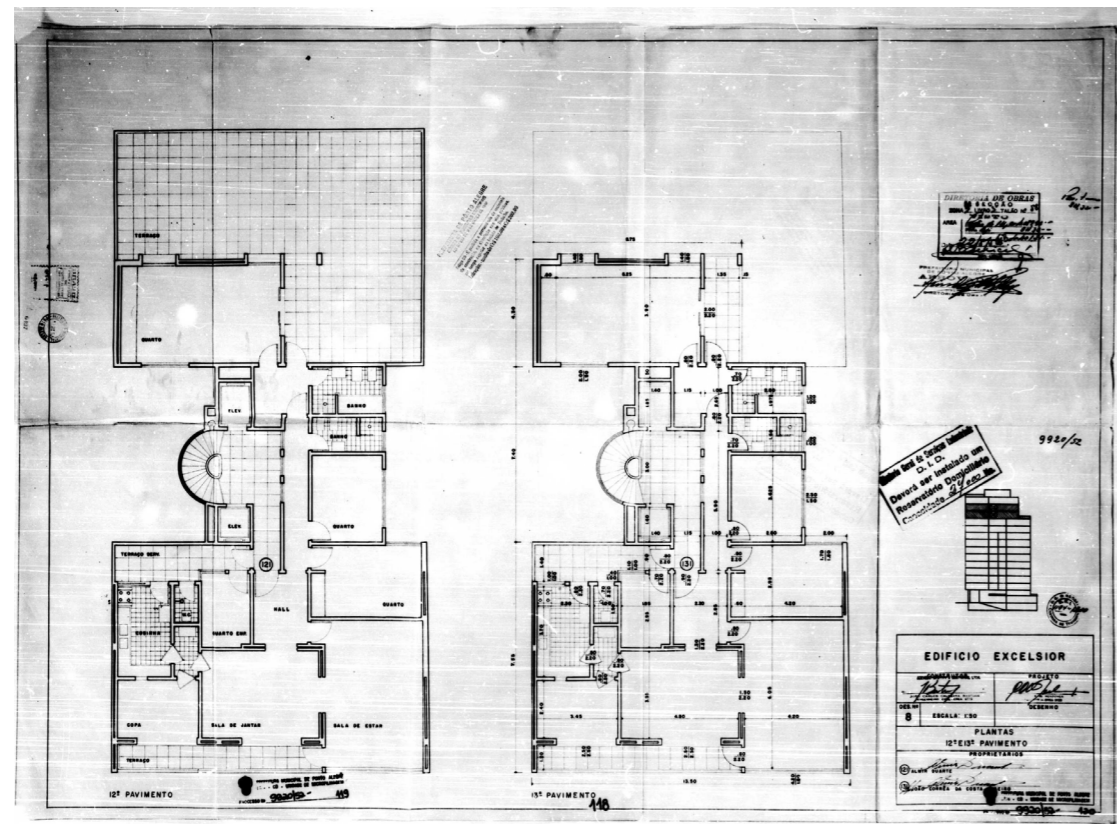


Figura 80: Planta Baixa 12º e 13º pavimentos do Edificio Excelsior. Fonte: BUENO, 2012.

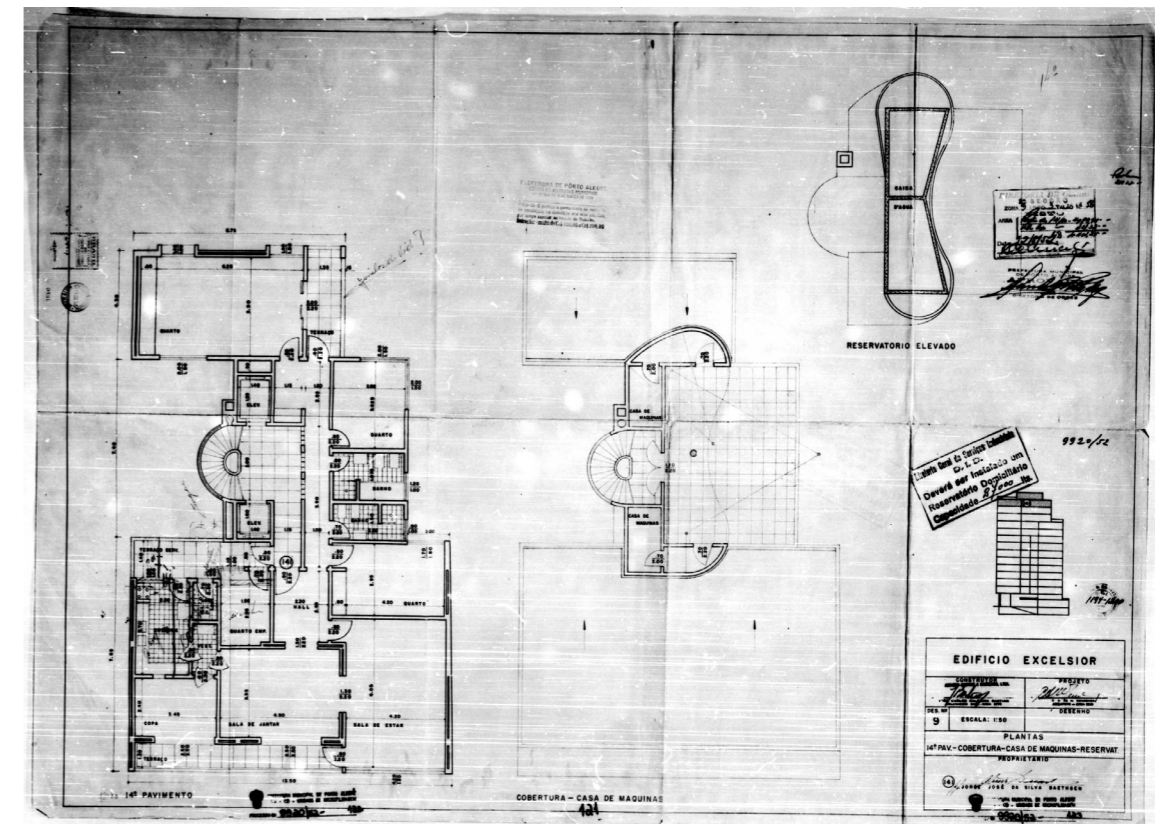


Figura 81: Planta Baixa 14º pavimento e cobertura do Edificio Excelsior. Fonte: BUENO, 2012.

EDIFÍCIO OURO VERDE

Rua Duque de Caxias, 1405 - Bairro Centro Histórico



Figura 88: Fotografia do Edifício Ouro Verde (2008).
Fonte: VIEIRA, comunicação pessoal, 2021.

Edifício Ouro Verde

Data do Projeto: 1953

Data da Conclusão: 1957

Número de pavimentos: 2 subsolos – Térreo – 14 pavimentos

Lote: Esquina

Área do pavimento-tipo:

Apartamentos por pavimento: 2

Área dos apartamentos:

Arquiteto: Mauro Guedes de Oliveira

Proprietário: J. Bastian

Construtora: Azevedo Bastian & Castilho S.A.

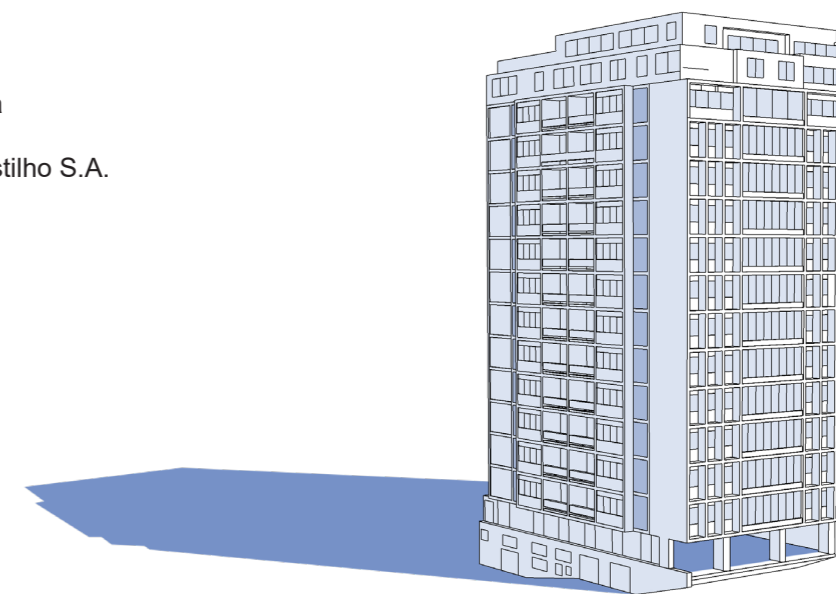


Figura 89: 3D axonométrica do Edifício Ouro Verde. Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

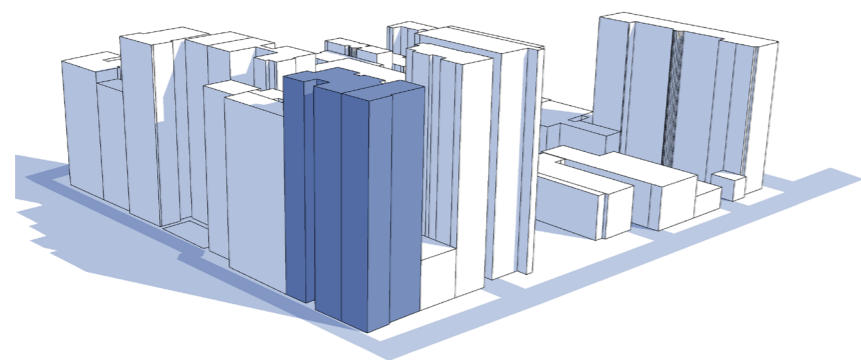


Figura 90: Perspectiva 3D do Edifício Ouro Verde e edificações vizinhas. Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

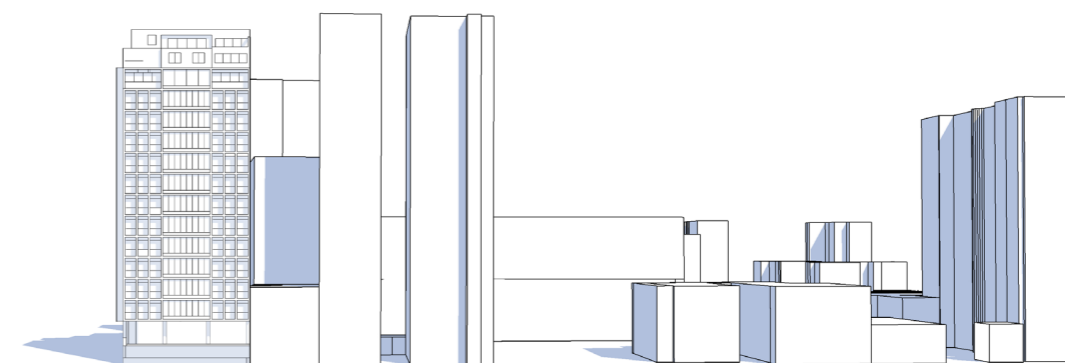


Figura 92: Fotomontagem do Edifício Ouro Verde e edificações vizinhas. Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

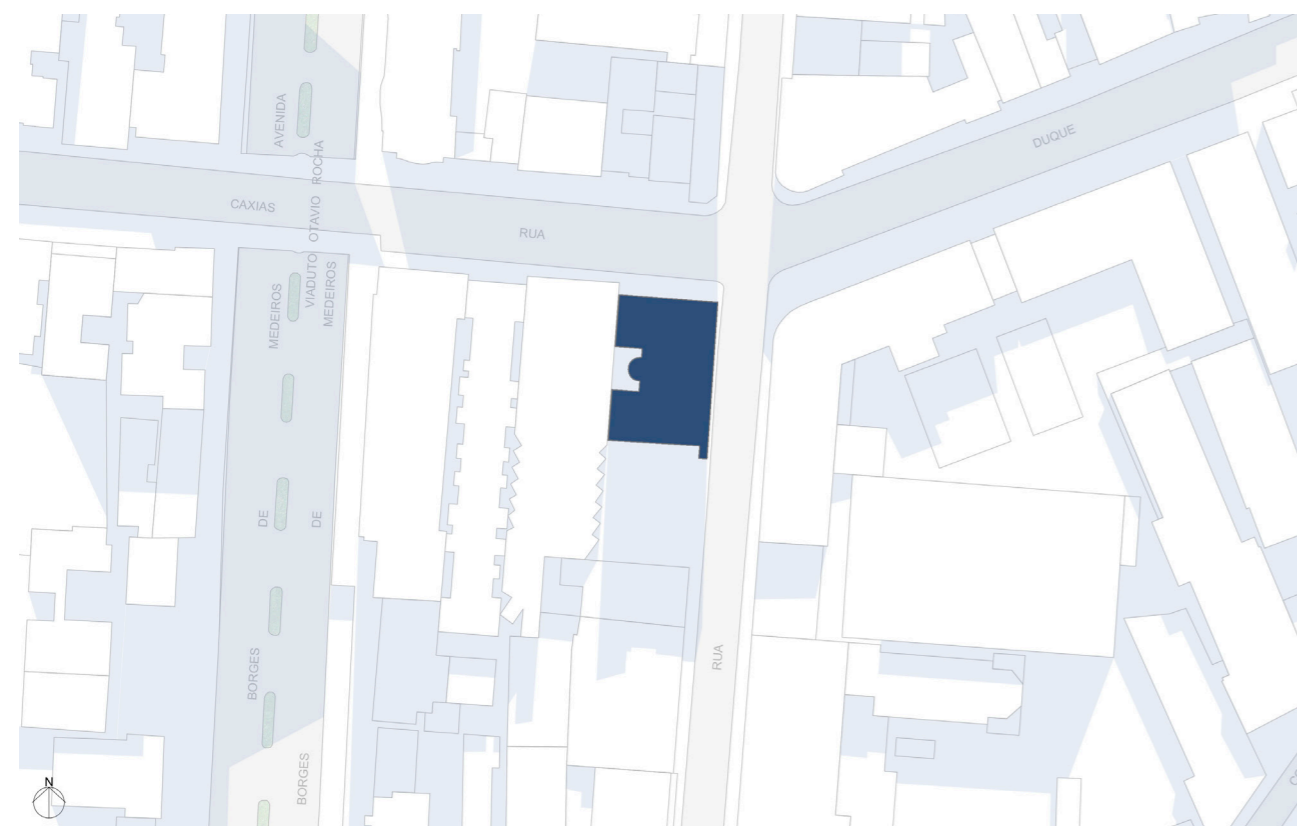


Figura 91: Localização do Edifício Ouro Verde. Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Em um lote de esquina, no Bairro Centro Histórico, o Edifício Ouro Verde foi uma edificação para J. Bastian, com construção de Bastian, Castilho Ltda. A posição de esquina em um lote tradicional da malha urbana conferiu um partido compacto em forma de “C”, conformando um poço de iluminação e ventilação para as áreas de serviços dos apartamentos, no interior do bloco. O térreo é composto por um abrigo para automóveis na porção frontal, com entrada e saída, numa espécie de cul-de-sac, em seguida hall social, aos fundos playground e ao lado o apartamento de zelador.

O volume resulta em um bloco compacto de catorze pavimentos sobre térreo e dois subsolos propiciados pelo desnível da rua lateral, sendo 11 pavimentos-tipo, com dois apartamentos por pavimento. O décimo segundo pavimento é um duplex, dividindo a área no décimo terceiro pavimento com o décimo quarto, composto por um apartamento em todo o pavimento. O edifício possui três fachadas, sendo duas voltadas para a via pública: uma para a Rua Duque de Caxias, de orientação solar norte, acomodando, predominantemente, a área social e um dormitório, e a outra para a Rua Marechal Floriano Peixoto, de orientação solar leste, acomodando apenas dormitórios.

No corpo do edifício, na fachada norte, os elementos de arquitetura são organizados por uma grelha

quadrangular formada pelos brises verticais cortados pelo prolongamento das lajes entrepiso, e na porção central dessa fachada, uma grande esquadria de vidro, do chão ao teto, demarcando a sala de estar dos apartamentos, confere verticalidade à fachada. O mesmo se repete na fachada sul, porém, sem brises. Na fachada leste, a grelha fica por conta da divisão interna dos cômodos e pela marcação das lajes entrepiso, emoldurada por uma faixa vertical de cobogós que abriga os banheiros e confere verticalidade à fachada, seguida de uma faixa cega nas duas laterais. Todas as fachadas são simétricas. No térreo, na fachada principal, voltada para a Rua Duque de Caxias, quatro robustos pilares fazem as vezes de pilotis, elevando na altura de um pavimento a porção frontal do edifício, conferindo permeabilidade. Pela Rua Marechal Floriano Peixoto ficam os acessos aos dois pavimentos de subsolo embutidos em uma grande parede de pedra preta, propiciados pelo desnível, ficando o térreo elevado e recuado, também provido de robustos pilares.

A planta baixa do pavimento-tipo contém dois apartamentos por pavimento, espelhados entre si. Cada apartamento possui três dormitórios, sendo um deles suíte, todos voltados para a fachada leste. A sala de estar e jantar voltadas para a fachada norte e sul, e a copa, cozinha, dependência de empregada e

serviços voltadas para a área interna aberta no interior do lote. O décimo segundo pavimento é duplex, possui um dormitório no décimo terceiro pavimento, dividindo área com o décimo quarto pavimento (que possui, em projeto, uma área destinada a playground no décimo terceiro pavimento). O décimo quarto pavimento é um único apartamento em todo o pavimento, com duas suítes, biblioteca, sala de estar e sala de jantar, jardim de inverno, cozinha e serviço, que se prolonga por uma escada helicoidal, a um terraço, no décimo quinto andar. O edifício possui dois elevadores, e a circulação social e de serviços acontecem completamente isoladas.

As plantas desse edifício não puderam ser obtidas através do arquivo municipal, sendo cedidas por Juliano Vasconcelos, em comunicação pessoal.

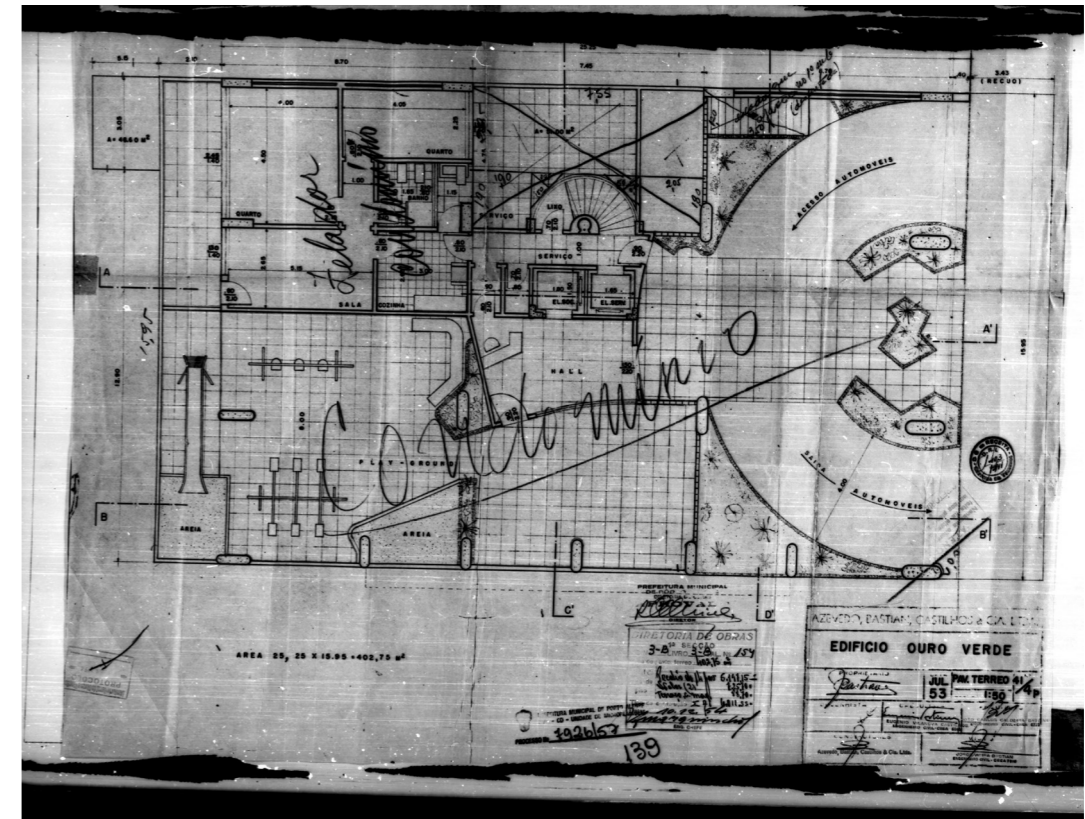


Figura 93: Planta Baixa Térreo do Edifício Ouro Verde. Fonte: VASCONCELOS, comunicação pessoal, 2022.

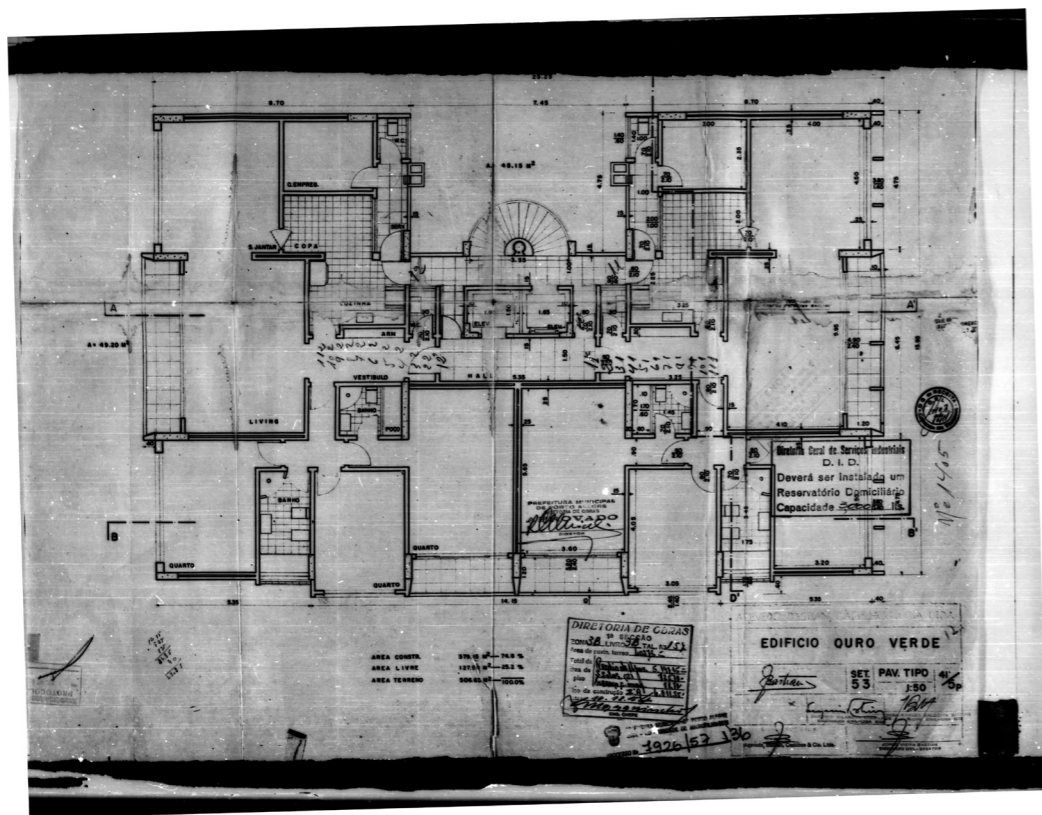


Figura 94: Planta Baixa Tipo do Edifício Ouro Verde. Fonte: VASCONCELOS, comunicação pessoal, 2022.

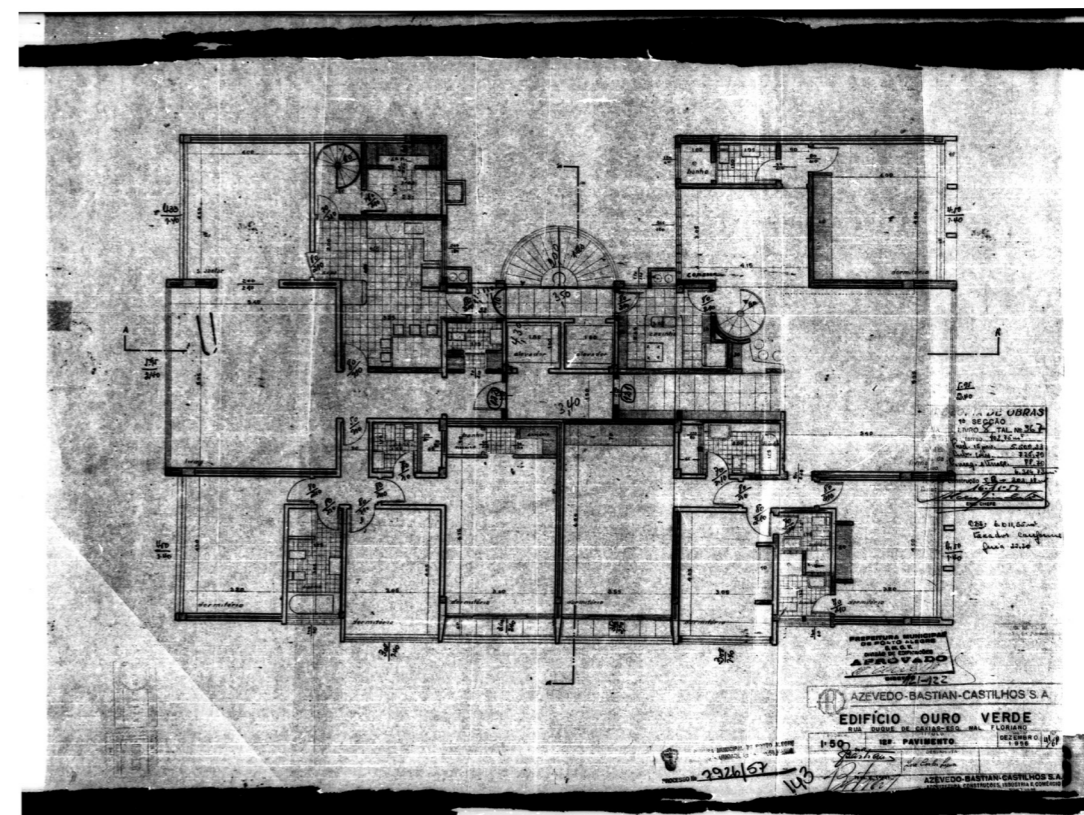


Figura 95: Planta Baixa 12º pavimento do Edifício Ouro Verde. Fonte: VASCONCELOS, comunicação pessoal, 2022.

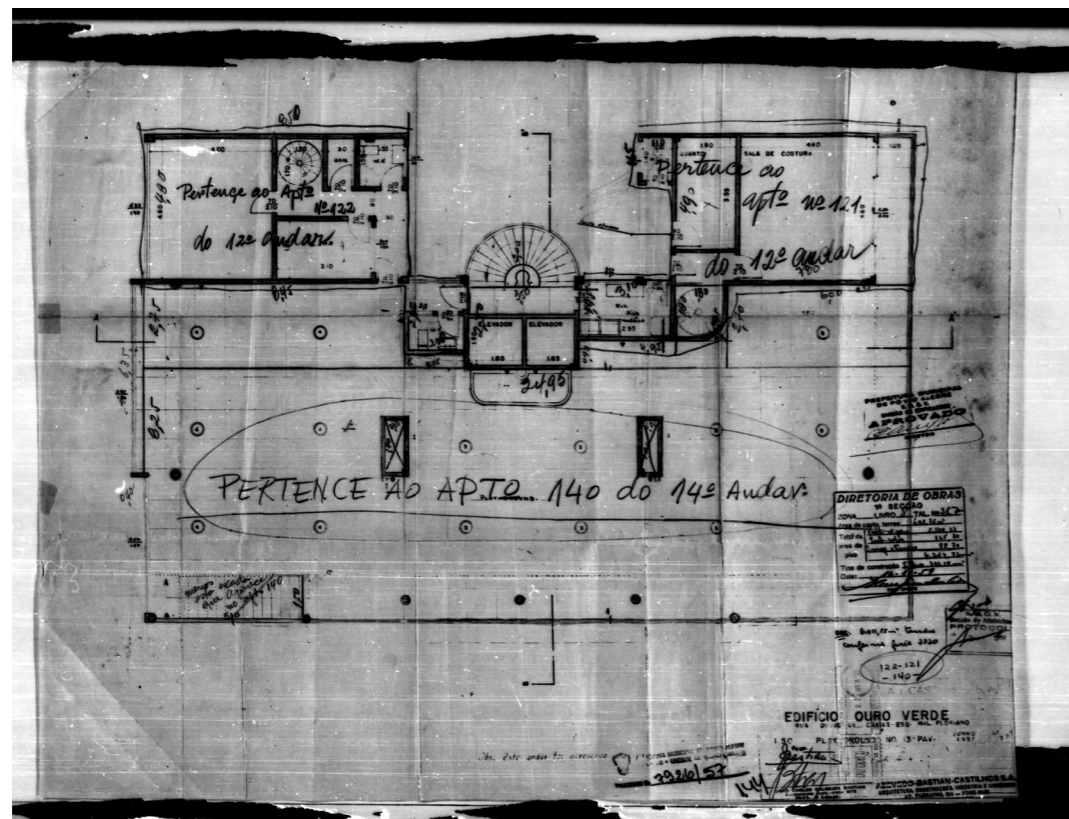


Figura 96: Planta Baixa 13º pavimento do Edifício Ouro Verde. Fonte: VASCONCELOS, comunicação pessoal, 2022.

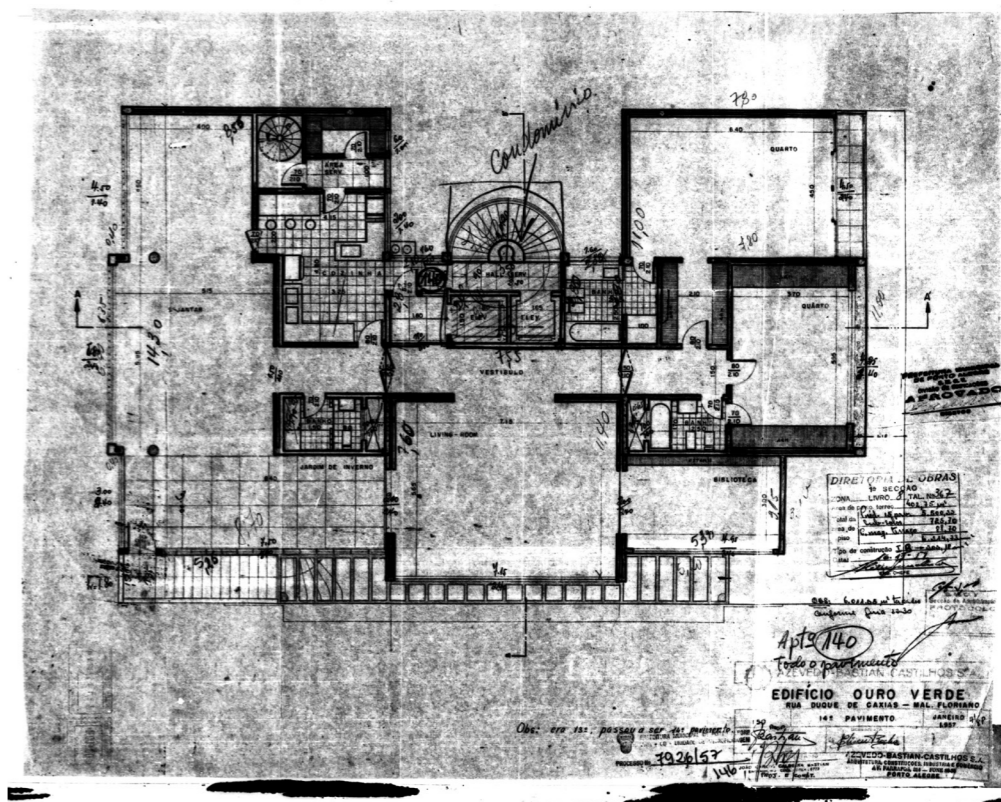


Figura 97: Planta Baixa 14º pavimento do Edifício Ouro Verde. Fonte: VASCONCELOS, comunicação pessoal, 2022.

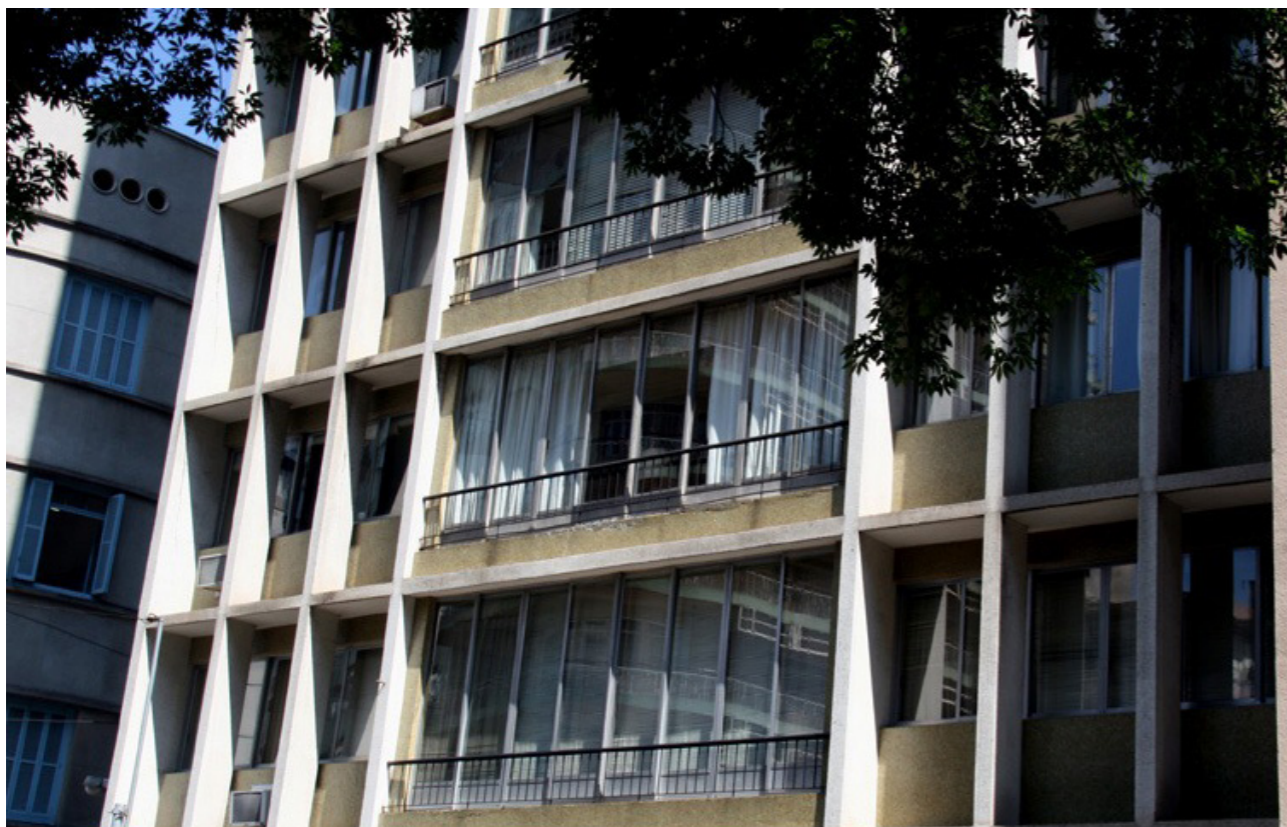


Figura 98: Fotografia do Edifício Ouro Verde, 2008. Fonte: VIEIRA, comunicação pessoal, 2022.

EDIFÍCIO SALOMÃO IOSCHPE

Rua José do Patrocínio, 462 - Bairro Centro Histórico



Figura 82: Fotografia Edifício Salomão Ioschpe. Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Edifício Salomão Ioschpe

Data do projeto: 1957

Data da conclusão: 1961

Número de pavimentos: Subsolo – Térreo - 12 pavimentos-tipo - Cobertura - Reservatórios

Lote: Esquina

Área do pavimento-tipo: 256,20m²

Apartamentos por pavimento: 2

Área dos apartamentos: 108,70m² - 116,70m²

Arquiteto: Leo Grossman

Proprietário: Clara Ioschpe

Construtora: Azevedo Moura Gertum S.A.

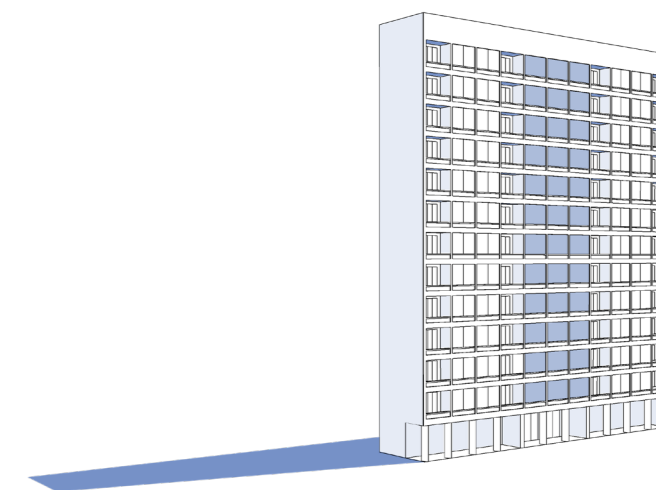


Figura 83: 3D axonométrica do Edifício Salomão Ioschpe. Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

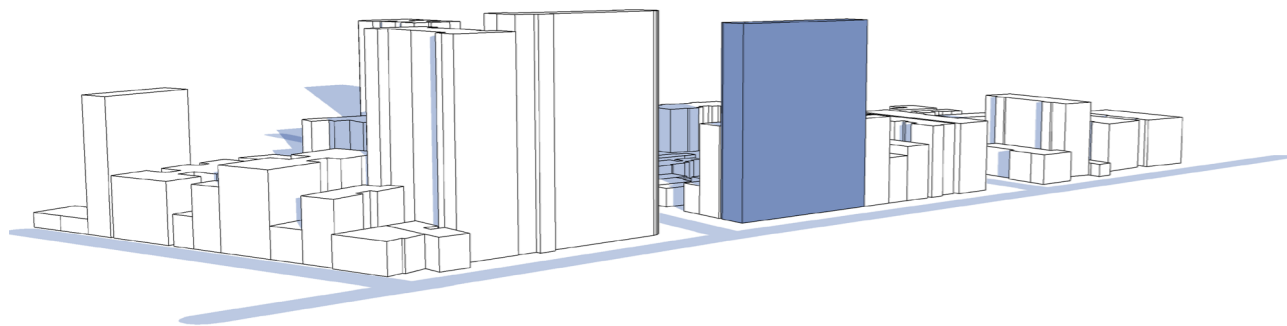


Figura 84: Perspectiva 3D do Edifício Salomão Ioschpe e edificações vizinhas. Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

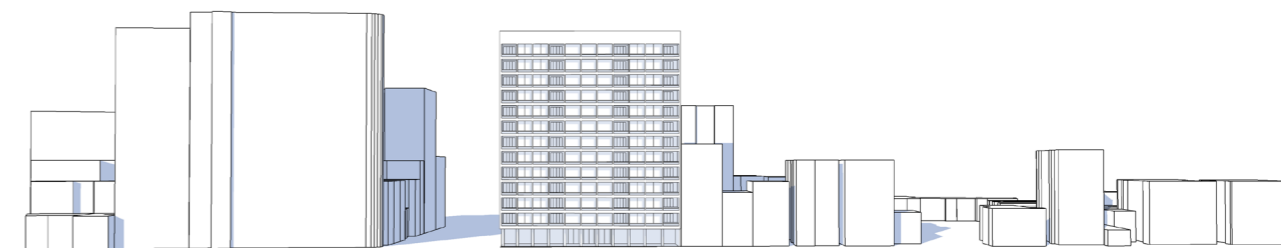


Figura 86: Fotomontagem do Edifício Salomão Ioschpe e edificações vizinhas. Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

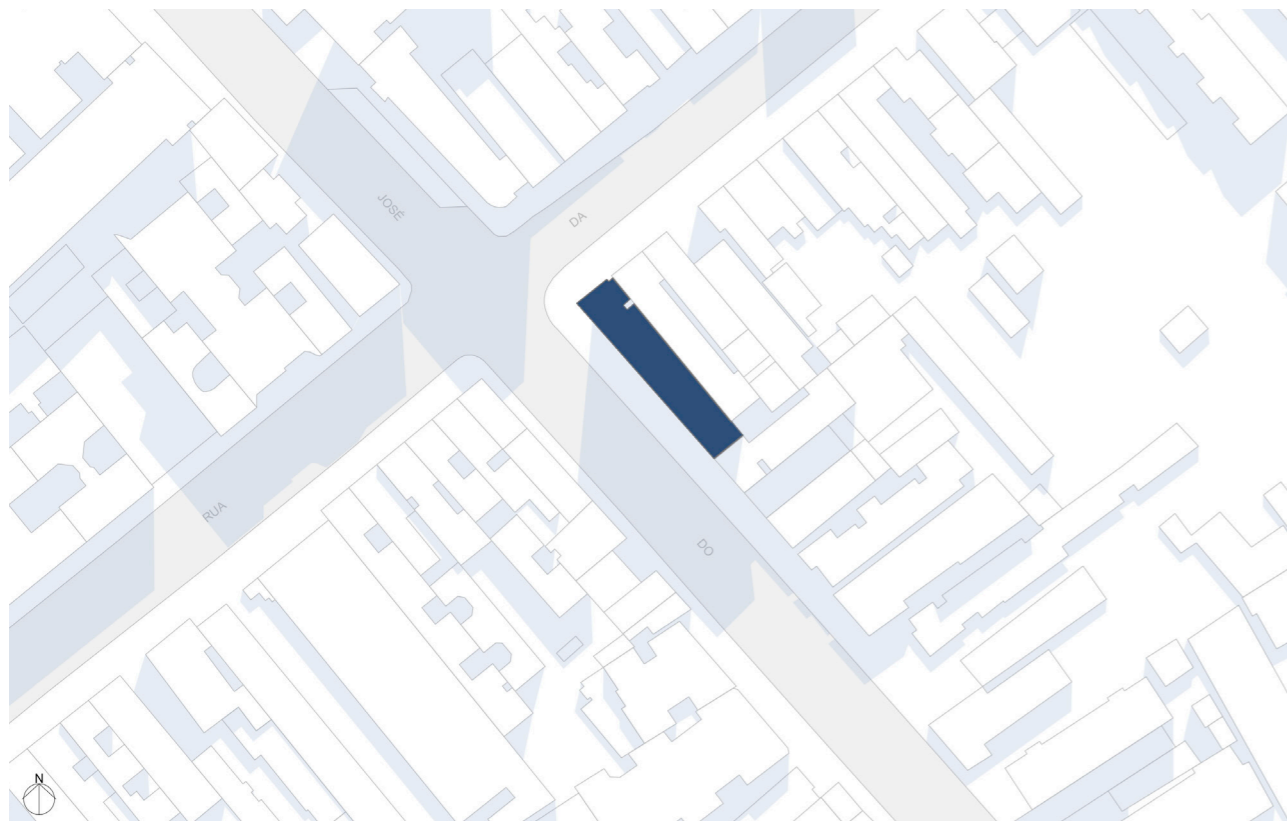


Figura 85: Localização do Edifício Salomão Ioschpe. Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Em um lote de esquina, no Bairro Cidade Baixa, o edifício Salomão Ioschpe foi para Clara Ioschpe, com construção de Azevedo Moura Gertum S.A. A posição de esquina, em um terreno comprido e delgado, conferiu um partido compacto em formato de barra, com perfurações acomodando acanhados poços de luz e ventilação para os sanitários. O térreo é, predominantemente, comercial, acomodando o acesso ao edifício na porção central da aresta de maior testada do lote.

O volume resulta num bloco compacto de doze pavimentos-tipo sobre o térreo, com dois apartamentos por pavimento, espelhados entre si, de três dormitórios cada. O edifício possui duas fachadas para a via pública, sendo a menor fachada uma empena cega voltada para a Rua da República, e a maior, de orientação solar sudoeste, voltada para a Rua José do Patrocínio. Para Luccas (2004), o Edifício Salomão Ioschpe constitui um exemplo peculiar de apartamento em esquina, acomodando uma placa com menos de sete metros de profundidade, atingindo os 35 metros de testada, remetendo às composições corbusianas utilizadas em programas institucionais.

No corpo do edifício, os elementos de arquitetura são organizados por uma grelha quadrangular formada pela divisão interna dos cômodos e pelas lajes de entrespaço, com ritmo modulado pelos retângulos em

baixo-relevo dos peitoris. A fachada principal possui simetria, tendo uma varanda que abriga um dormitório na esquina, duas esquadrias de dois dormitórios ao lado, outra varanda que abriga o estar e o cobogós que abriga os serviços na porção central da maior fachada, e assim segue, espelhada. No térreo, se destaca uma tímida estrutura de pilares entre as aberturas das lojas e a portaria envidraçada.

A planta baixa do pavimento-tipo contém dois apartamentos por pavimentos, espelhados entre si. Cada apartamento possui três dormitórios, sala, cozinha e serviços, todos voltados para a Rua José do Patrocínio, já os banheiros são todos voltados para poços internos de iluminação e ventilação. O edifício possui dois elevadores e o acesso social e de serviço não acontece de forma isolada.

Na pesquisa desse edifício não foram encontradas as plantas originais, apenas plantas de reformas, o que justifica as imagens das plantas baixas serem extraídas de outra publicação.

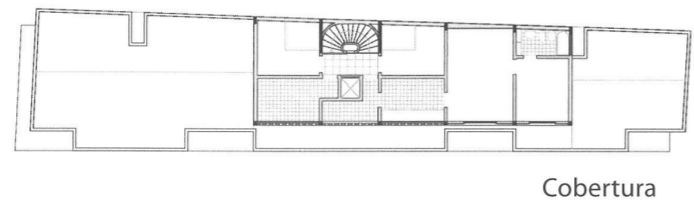
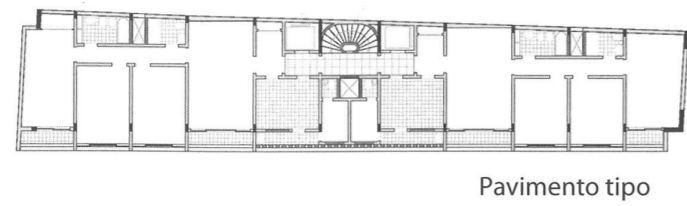
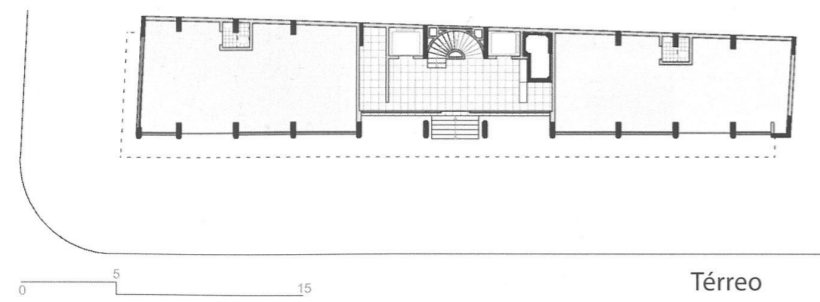


Figura 87: Plantas Edifício Salomão Ioschpe. Fonte: COMAS; PIÑON, 2013.

EDIFÍCIO TAPEJARA

Rua Fernando Machada, 865 - Bairro Centro Histórico



Figura 99: Fotografia Edifício Tapejara. Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Edifício Tapejara

Data do Projeto: 1960

Data da Conclusão: 1963

Número de pavimentos: Subsolo com garagem –
Térreo – 09 pavimentos - Reservatórios

Lote: meação

Área do pavimento-tipo: 550,56m²

Apartamentos por pavimento: 4

Área dos apartamentos: 89,41m² - 112,86m² -
133,81m² - 156,71m²

Arquiteto: Edgar Graeff

Proprietário: Banco Hipotecário Lar Brasileiro S.A.

Construtora: Lopes, Salgado & Cia. Ltda.

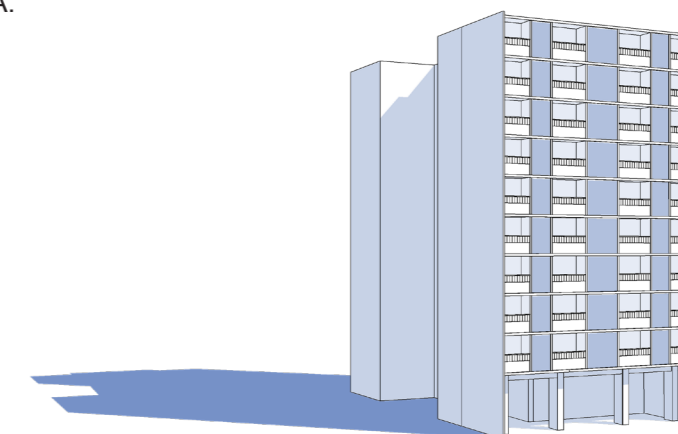


Figura 100: 3D axonométrica do Edifício Tapejara. Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

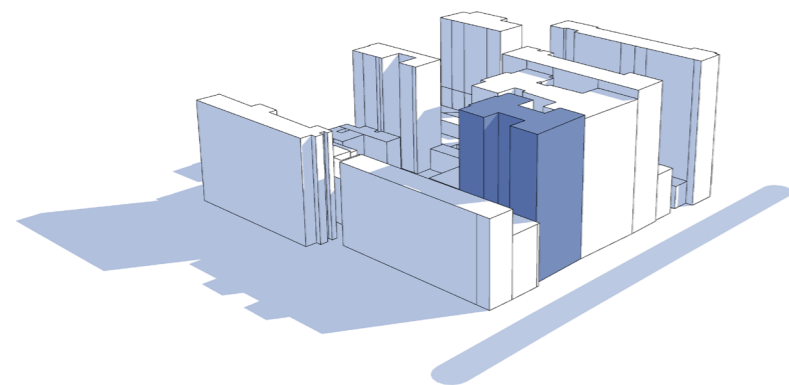


Figura 101: Perspectiva 3D do Edifício Tapejara e edificações vizinhas. Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

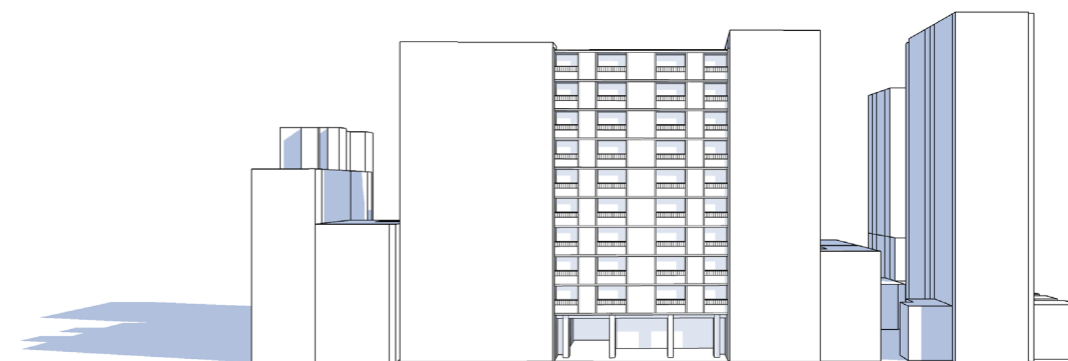


Figura 103: Fotomontagem do Edifício Tapejara e edificações vizinhas. Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

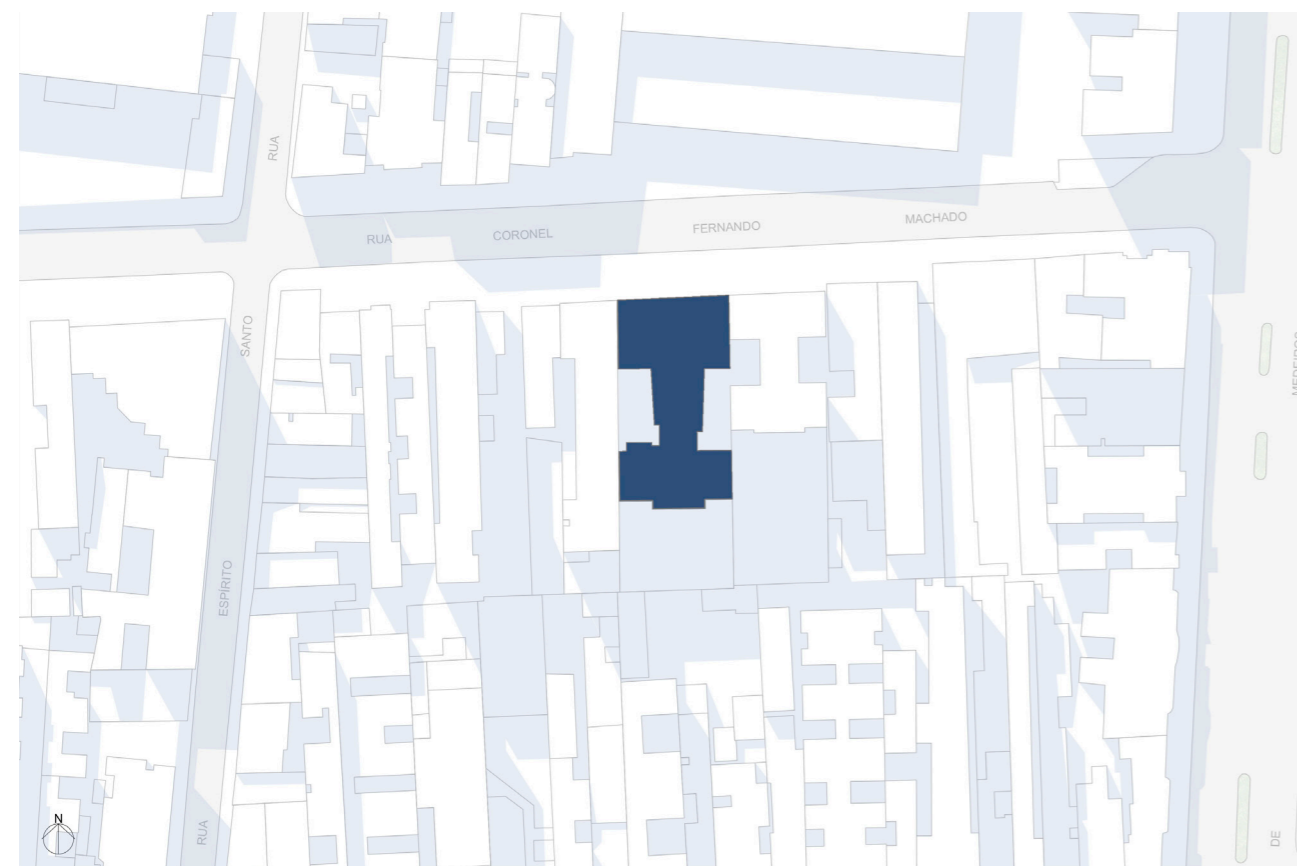


Figura 102: Localização do Edifício Tapejara. Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Em um lote na Rua Fernando Machado, o Edifício Tapejara foi mais uma incorporação do Banco Hipotecário Lar Brasileiro S.A. com construção de Lopes, Salgado e Cia. Ltda. A posição centralizada do terreno na quadra, com vizinhos nos dois lados, propiciou um partido compacto em forma de “I” com duas subtrações laterais, fiel à morfologia do quarteirão tradicional. A necessidade de estacionamentos foi inteligentemente pensada ao aproveitar do desnível do terreno para criar um subsolo, criando um pátio elevado em relação ao nível da rua, nos fundos do lote.

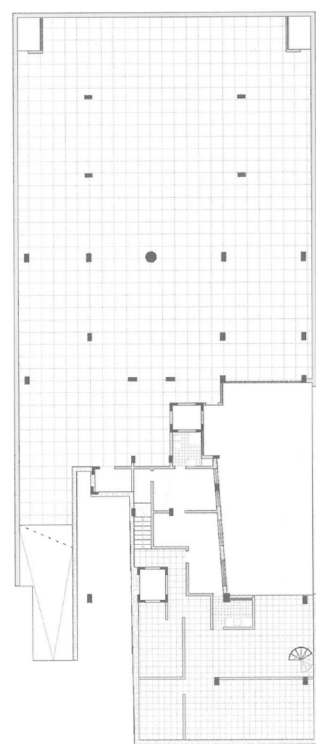
O volume resulta numa caixa compacta de nove pavimentos sobre o térreo, com pilares fazendo às vezes de pilotis na porção frontal do bloco, conferindo permeabilidade e, ao mesmo tempo, privacidade ao térreo. O edifício possui apenas uma fachada para a via pública, de orientação solar norte, e o partido distributivo explora esse contexto, alocando dois apartamentos de três dormitórios para a frente do lote, com dois dormitórios voltados para o norte, juntamente com a sala de estar/jantar, e o terceiro dormitório voltado para o interior do edifício.

No corpo do edifício, os elementos de arquitetura são organizados por uma grelha formada pelo encontro das lajes de entrepiso e peitoris da varanda, esses últimos em baixo-relevo, com as faixas verticais de cobogós, que resguardam partes dessa varanda. No

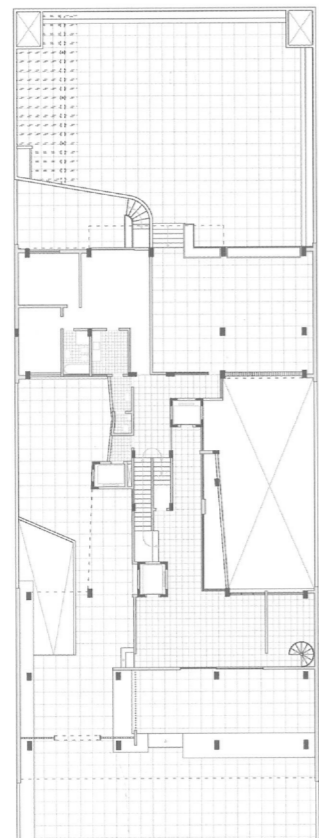
térreo, os elementos de arquitetura ficam por conta do recuo do acesso ao edifício, realçando os pilares da estrutura, formando uma faixa frontal permeável, coberta pela varanda do pavimento-tipo.

A planta baixa do pavimento-tipo é composta por quatro apartamentos, dois voltados para a via pública e dois para os fundos do lote, de orientação solar sul. Os apartamentos voltados para a frente do lote possuem três dormitórios, sendo dois voltados para a frente juntamente com a sala de estar/jantar, e o terceiro dormitório voltado para o interior do lote juntamente com o banheiro, cozinha e serviços. Os apartamentos dos fundos possuem dois dormitórios, um voltado para a fachada sul, juntamente com a sala de estar/jantar e o outro voltado para o interior do lote, com o banheiro, cozinha e serviços. A circulação vertical se dá por três elevadores e as escadas, e o acesso social e de serviços não acontece totalmente isolado. No térreo, hall de acesso ao edifício, portaria, acesso às garagens no subsolo e aos fundos do bloco edificado um apartamento-tipo com pátio privativo. Aos fundos do terreno, beneficiando-se da edificação das garagens, um terraço coletivo.

As plantas baixas desse edifício não estavam legíveis, estando borradas, manchadas, sem visualização, o que justifica as plantas serem extraídas de outra publicação.



Subsolo



Térreo



Pavimento tipo

Figura 104: Planta do Edifício Tapejara. Fonte: COMAS/PIÑON, 2013.

EDIFÍCIO CATEDRAL

Rua Duque de Caxias, 1208 - Bairro Centro Histórico



Figura 105: Fotografia Edifício Catedral. Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

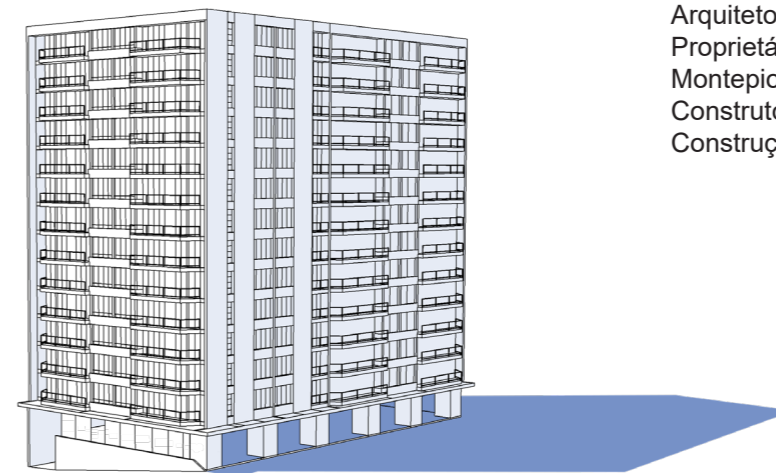


Figura 106: 3D axonométrica do Edifício Catedral. Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Edifício Catedral

Data do projeto: 1964

Data da conclusão: 1975

Número de pavimentos: Subsolo – Térreo - 13 pavimentos-tipo - Terraço – Casa de Máquinas

Lote: Esquina

Área do pavimento-tipo: 824,20 m²

Apartamentos por pavimento: 4

Área dos apartamentos: 156,54 m², 206,16 m², 138,88 m², 138,88 m²

Arquiteto: Vladimir Kupac e José Carlos Mussoi

Proprietário: Alicerce S.A (uma organização do Montepio da Família Militar)

Construtora: Alicerce S.A Industria e Comércio da Construção

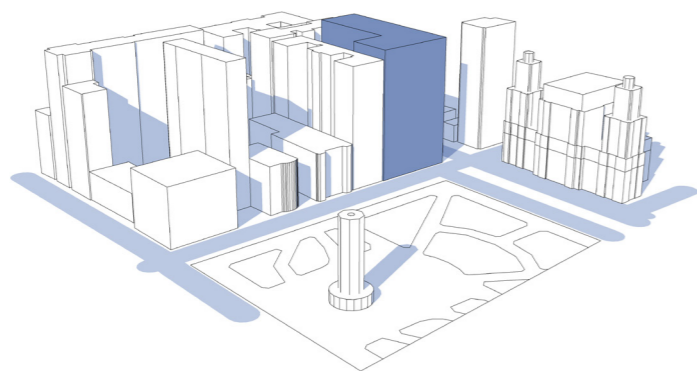


Figura 107: Perspectiva 3D do Edifício Catedral e edificações vizinhas. Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

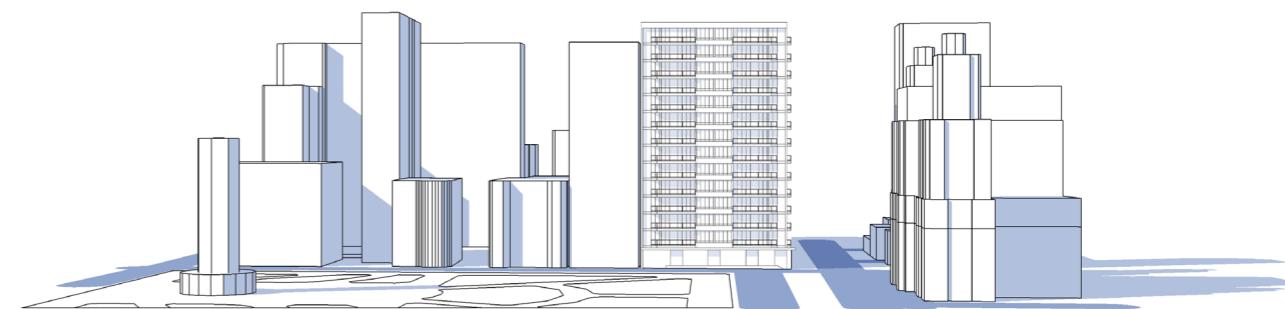


Figura 109: Fotomontagem do Edifício Catedral e edificações vizinhas. Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

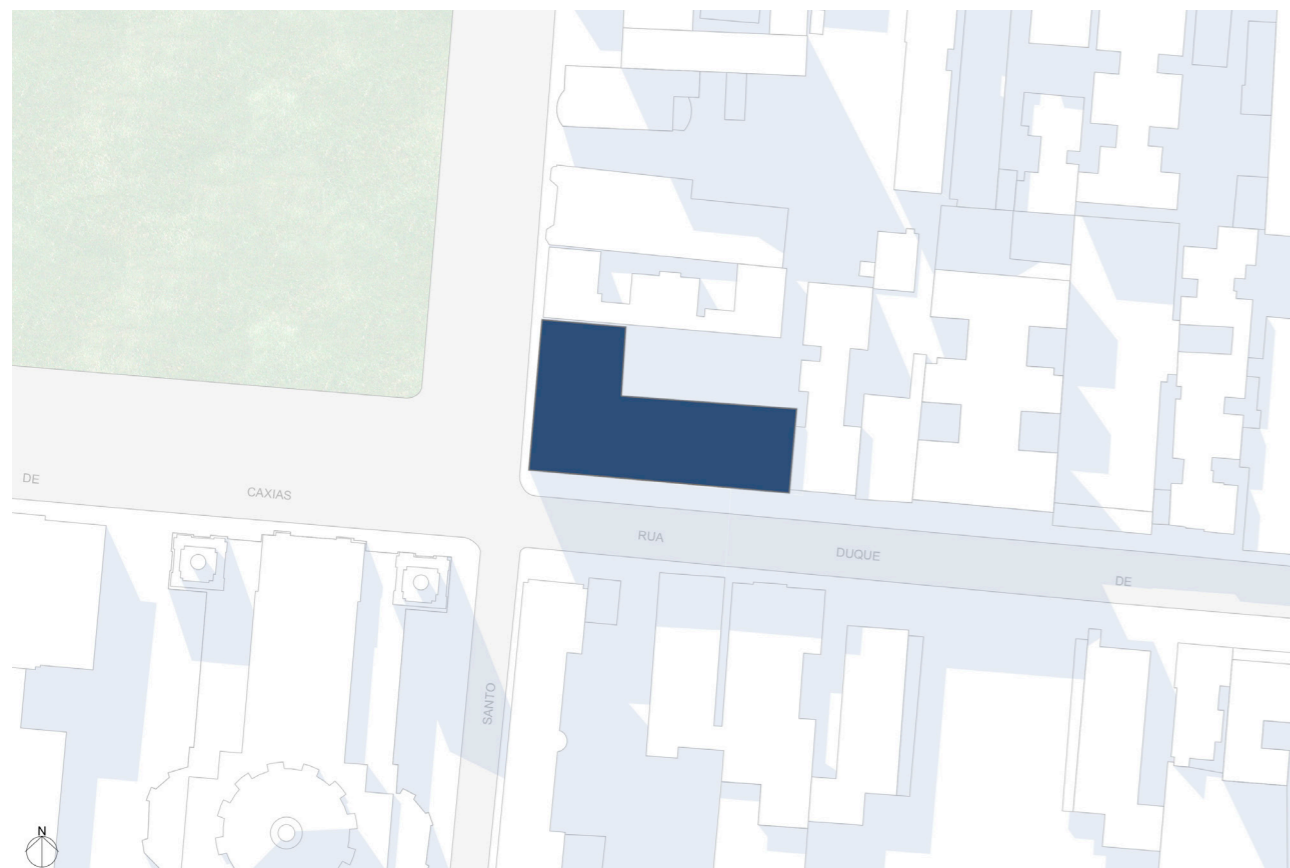


Figura 108: Localização do Edifício Catedral. Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Em um lote de esquina, de localização privilegiada no Centro Histórico: ao redor da Praça da Matriz, o Edifício Catedral foi uma obra para Alicerce S.A – uma organização do Montepio da Família Militar, com construção da própria Alicerce S.A – Indústria e Comércio da Construção. A posição do terreno propiciou um partido compacto, em forma de “L” conformando a esquina da Rua Duque de Caxias com a Praça da Matriz. A necessidade de estacionamento foi habilmente resolvida em função do desnível que o lote possui em direção aos fundos, criando uma garagem no subsolo, ocupando todo o perímetro do lote.

O volume resulta numa caixa compacta de treze pavimentos sobre térreo permeável e subsolo. O edifício possui duas fachadas para a via pública, uma voltada para a Rua Duque de Caxias, de orientação solar sul, e a outra voltada para a Praça da Matriz, de orientação solar oeste. O partido distributivo organiza, em planta, dois blocos colados, não espelhados, um voltado para o sul e o outro para o oeste, com dois apartamentos por pavimento cada, tendo posicionado dormitórios e a sala de jantar dos apartamentos para a via pública, caracterizados, nas fachadas, por sacadas, exceto no apartamento da esquina, onde a sacada abriga, além de um dormitório, a sala de estar e a biblioteca.

No corpo do edifício, na fachada voltada para a Praça

da Matriz, os elementos de arquitetura são atribuídos às sacadas com peitoril envidraçado, em tom escuro que se estende nas marcações das lajes entrepiso, separadas por uma faixa vertical de esquadrias envidraçadas. Na fachada voltada para a Rua Duque de Caxias, os mesmos elementos de arquitetura, diferentes apenas no apartamento da esquina, onde predominam faixas verticais cegas intercaladas com outras faixas verticais perfuradas por esquadrias, sendo: uma faixa vertical cega, ao lado de um rasgo de janelas finas verticais, na sequência outra faixa vertical cega, ao lado de duas faixas verticais com esquadrias envidraçadas, seguidas de outra faixa vertical cega e, dando fechamento, uma faixa vertical formada por estreitas sacadas. O térreo é completamente vazado, suspenso por robustos pilares e coroado por uma grande e espessa laje que marca a separação com o corpo do edifício.

A planta baixa do pavimento-tipo é composta por dois blocos unidos lateralmente, um voltado para a Rua Duque de Caxias, de orientação solar Sul, e o outro voltado para a esquina e Praça da Matriz, de orientação solar oeste, cada um com sua circulação vertical independente. O bloco voltado para a Rua Duque de Caxias possui dois apartamentos por pavimento, espelhados entre si, de três dormitórios cada, sendo dois dormitórios voltados para o passeio público, juntamente com a sala de estar e jantar, e o

outro, uma suíte, voltada para a área interna aberta nos fundos do lote, juntamente com a cozinha, dependência de empregada e os serviços. O bloco voltado para a Praça da Matriz possui, também, dois apartamentos por pavimento, um voltado para a esquina e o outro de frente para a Praça. O apartamento voltado para a esquina possui três suítes, todas de orientação solar sul, uma biblioteca posicionada bem na esquina do lote, sala de jantar, sala de estar e estar íntimo voltados para a Praça da Matriz e, ao norte, voltados para a área interna aberta do lote, a cozinha, dependência de empregada e serviços. O apartamento voltado para a Praça da Matriz possui a mesma planta dos apartamentos do bloco voltado para a Rua Duque de Caxias, diferindo apenas na orientação solar, tendo esse apartamento o passeio público de orientação solar oeste.

O Edifício Catedral possui, em projeto, terraço com tratamento paisagístico. O térreo, sem plantas nos arquivos municipais, analisado apenas a partir de observações externas in loco, acomoda uma área para veículos e um grande espaço de contemplação com bancos e jardins. O Edifício possui dois blocos de circulação vertical, com dois elevadores cada, e a circulação social e de serviços não acontece completamente isolada no térreo, apenas nos pavimentos-tipo.

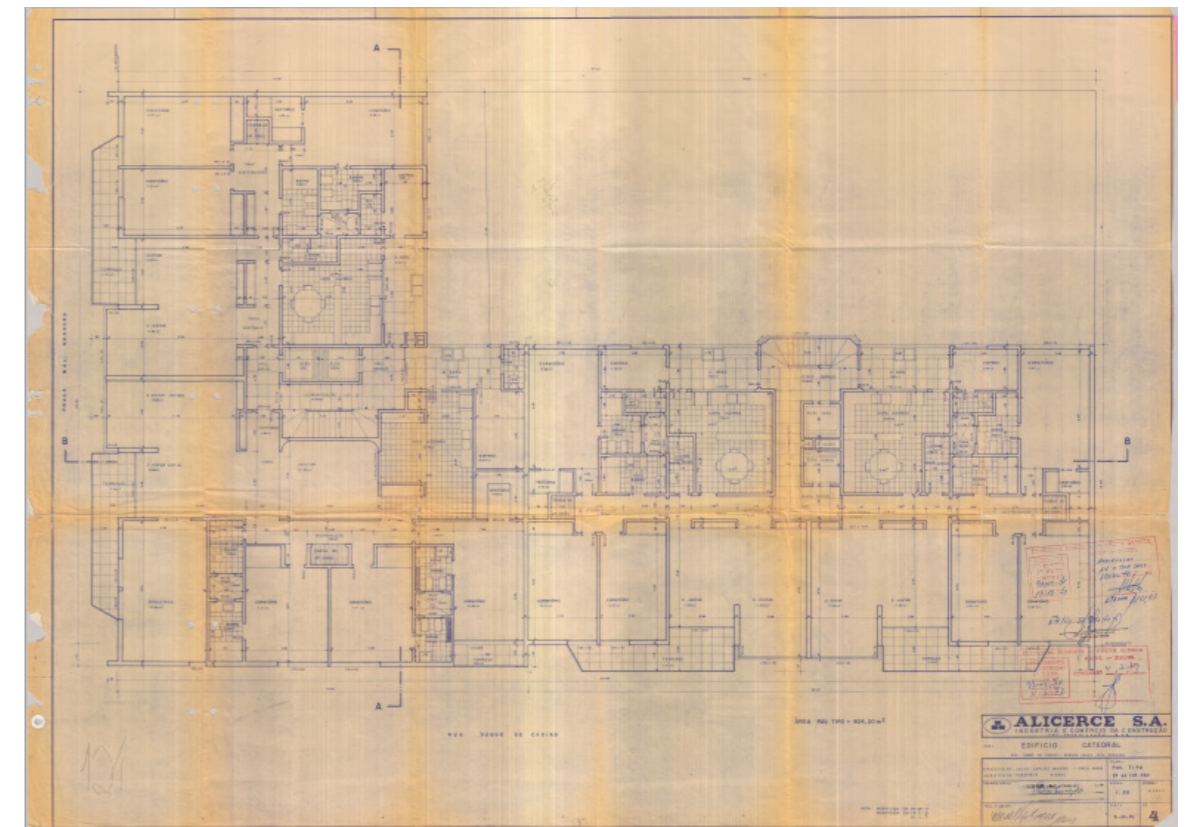


Figura 110: Planta Baixa Tipo do Edifício Catedral. Fonte: Escritório de licenciamento de Porto Alegre, 2022.

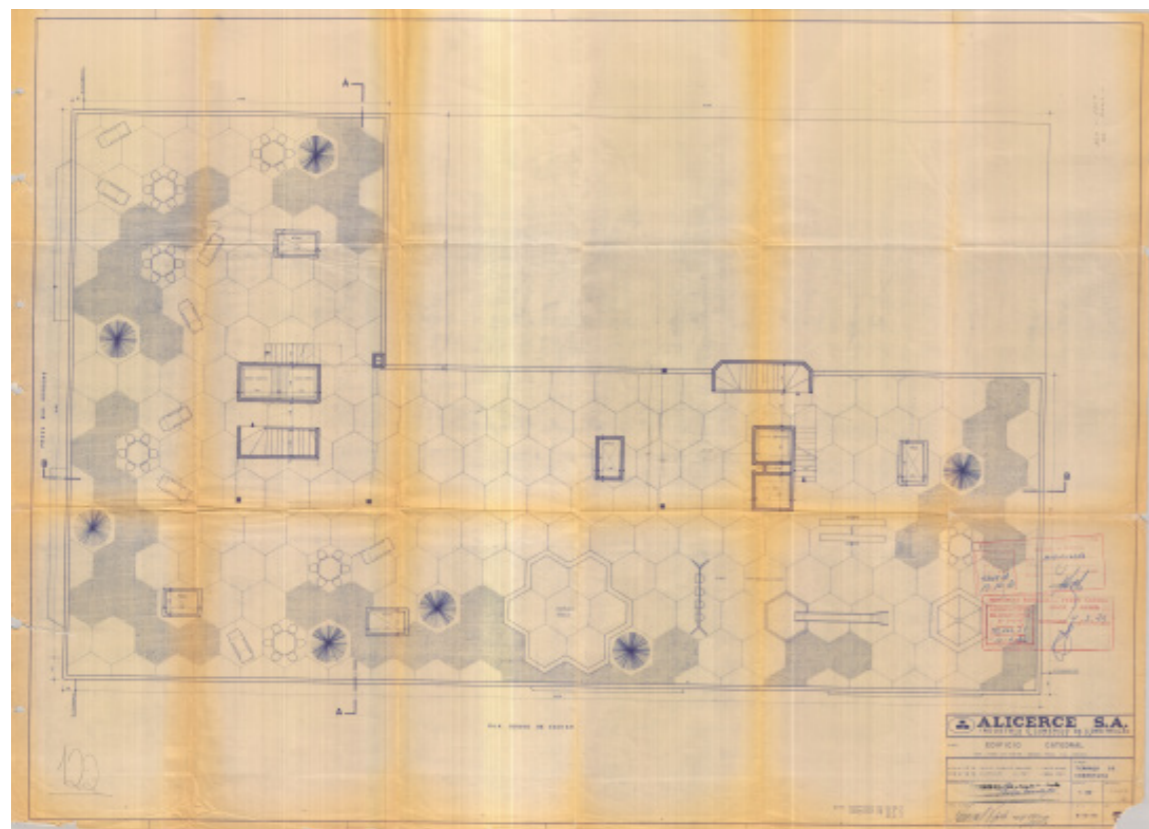


Figura 111: Planta Baixa Terraço do Edifício Catedral. Fonte: Escritório de licenciamento de Porto Alegre, 2022.



Figura 112: Fachadas do Edifício Catedral. Fonte: Escritório de licenciamento de Porto Alegre, 2022.

EDIFÍCIO VITÓRIA RÉGIA

Avenida João Pessoa, 437 - Bairro Centro Histórico



Figura 113: Fotografia do Edifício Vitória Régia. Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Edifício Vitória Régia

Data do Projeto: 1967

Data da Conclusão: 1973

Número de pavimentos: Térreo – 9 pavimentos-tipo
- Reservatório

Lote: Meação

Área do pavimento-tipo: 671,36m²

Apartamentos por pavimento: 6

Área dos apartamentos: 121,18m² - 97,10m² -
118,02m² - 85,75m² - 71,01m² - 83,70m²

Arquiteto: Autoria atribuída ao Engenheiro Civil Jaime
Schneider

Proprietário: Isaac e Persio Siminovich

Construtora: Construtora Globo Ltda.

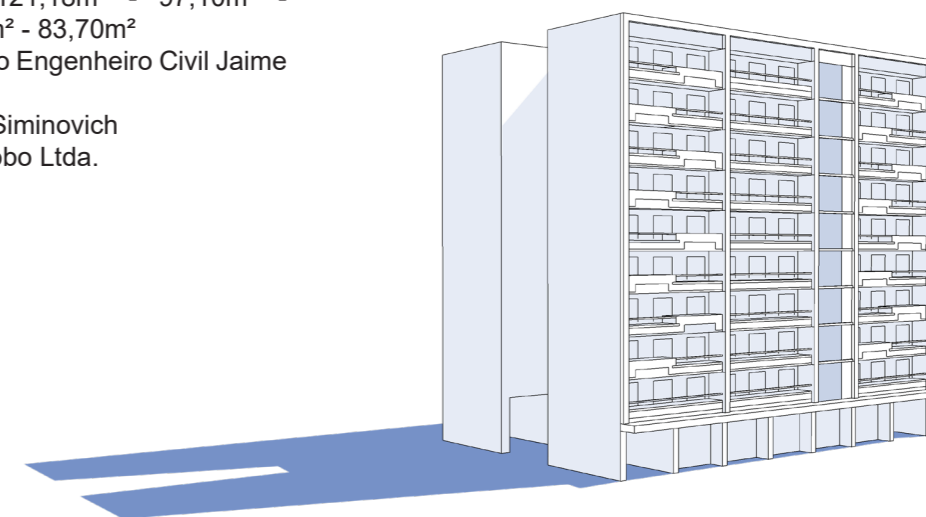


Figura 114: 3D axonométrica do Edifício Vitória Régia.
Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

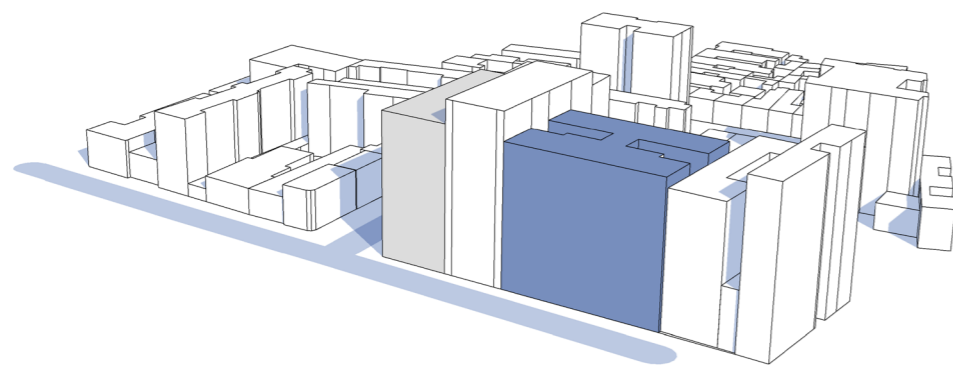


Figura 115: Perspectiva 3D do Edifício Vitória Régia e edificações vizinhas. Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

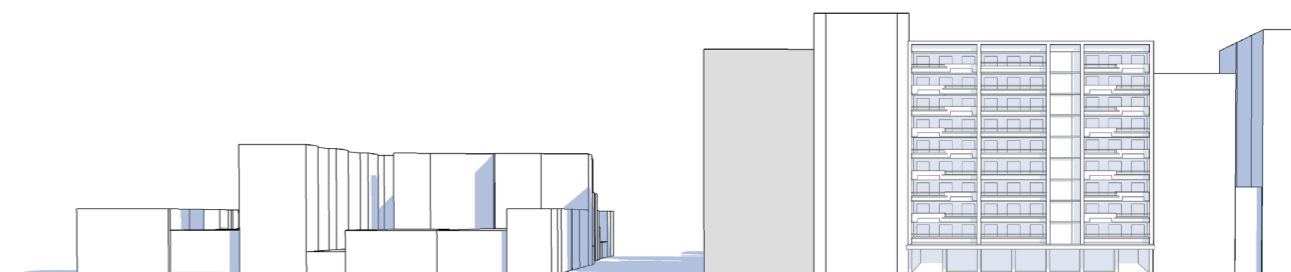


Figura 117: Fotomontagem do Edifício Vitória Régia e edificações vizinhas. Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

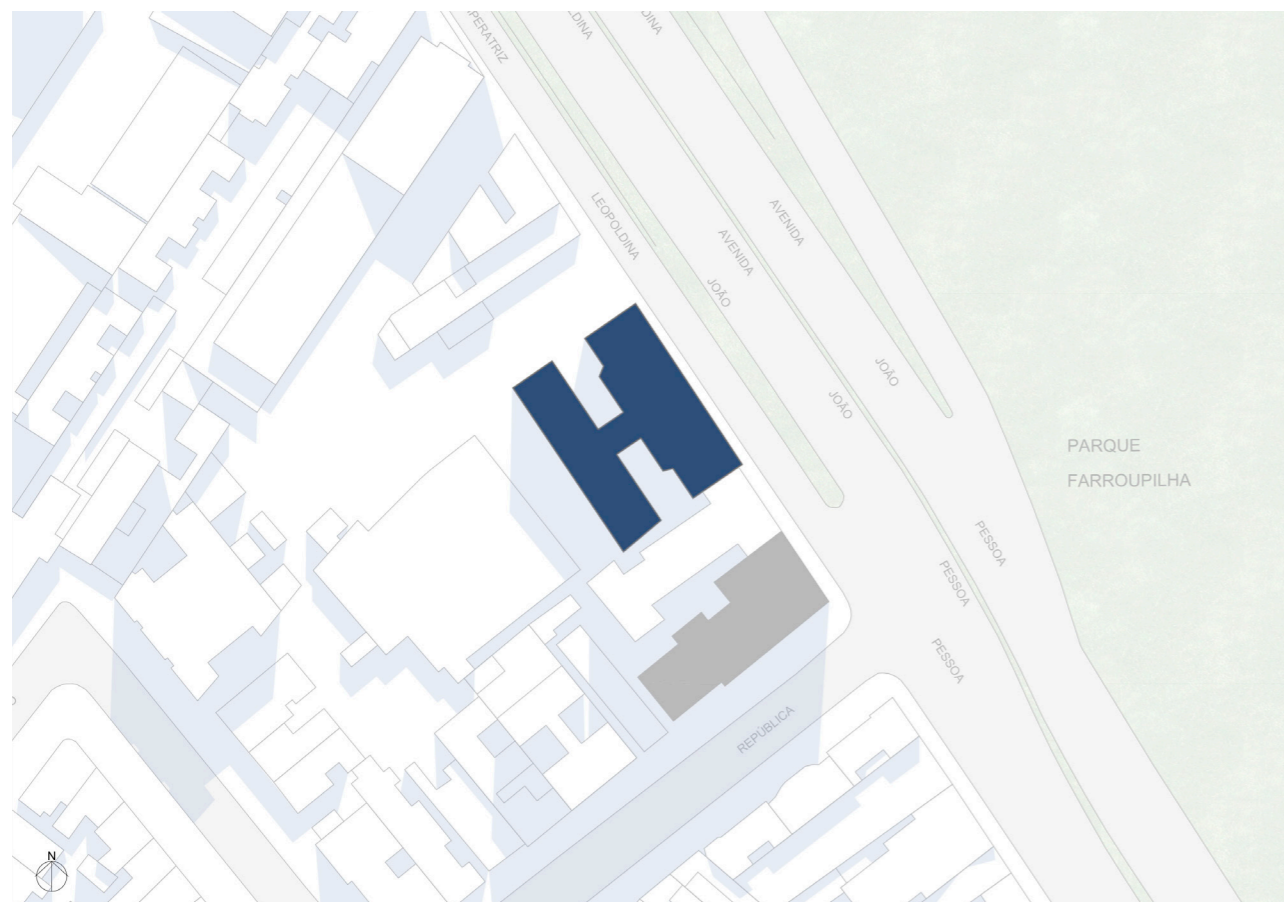


Figura 116: Localização do Edifício Vitória Régia. Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Localizado em frente ao Parque Farroupilha, o Edifício Vitória Régia foi uma obra para Persio Siminovich e Isaac Siminovich, com construção por conta da Construtora Globo Ltda. A posição do terreno propiciou um partido compacto, de dois blocos separados pela circulação vertical, formando um “H”. A necessidade de estacionamento e a oferta de um terreno atípico, comprido e largo, gerou uma edificação extra aos fundos do lote exclusivamente para abrigar os automóveis.

O volume resulta em uma caixa de nove pavimentos-tipo sobre o térreo, predominantemente, comercial, com uma fachada para a via pública e a outra para os fundos do lote. O bloco da frente, com fachada voltada para a Avenida João Pessoa, possui orientação solar nordeste e o partido distributivo reconhece essa característica organizando salas e dormitórios para a via pública e as áreas molhadas para o interior do bloco, exceto o apartamento central, que tem os serviços voltados para a frente, abrigados por cobogós. O bloco dos fundos possui os apartamentos espelhados em relação ao bloco da frente, tendo orientação solar sudoeste.

No corpo do edifício, os elementos de arquitetura são organizados por faixas horizontais largas que abrigam o peitoril dos balcões de cada pavimento, e verticalmente por faixas delgadas que demarcam a separação de cada apartamento e a área de serviço do apartamento central, ainda verticalmente tem uma

faixa de cobogós abrigando a referida área de serviço. No térreo, nas laterais, um vazio contendo o acesso à edificação de estacionamento localizada nos fundos do lote, espaço para duas lojas e, centralizado, o acesso ao hall do edifício.

A planta baixa do pavimento-tipo é composta por seis apartamentos, três voltados para a Avenida João Pessoa, no bloco da frente, e três voltados para os fundos do lote, no bloco de trás. Os apartamentos das extremidades laterais possuem três dormitórios, sendo dois dormitórios e a sala de estar/jantar voltados para às fachadas externas, o terceiro dormitório e os serviços voltados para a área interna do lote. Os apartamentos “centrais” possuem dois dormitórios, tendo-os voltados para às fachadas externas juntamente com a sala de estar/jantar e os serviços. Esses apartamentos ainda possuem o hall e um banheiro ventilados e iluminados por um poço interno de iluminação e ventilação. O térreo abriga o hall de acesso ao edifício, duas entradas para o estacionamento nos fundos do lote e espaço para duas lojas (analisado através da fachada). Os dois blocos são separados pela circulação vertical. O edifício possui dois elevadores e o acesso social e de serviço não são isoladas.

Nos fundos do lote há um edifício garagem, de três pavimentos, comportando 104 vagas de garagens para atender a necessidade de estacionamento dos condôminos.

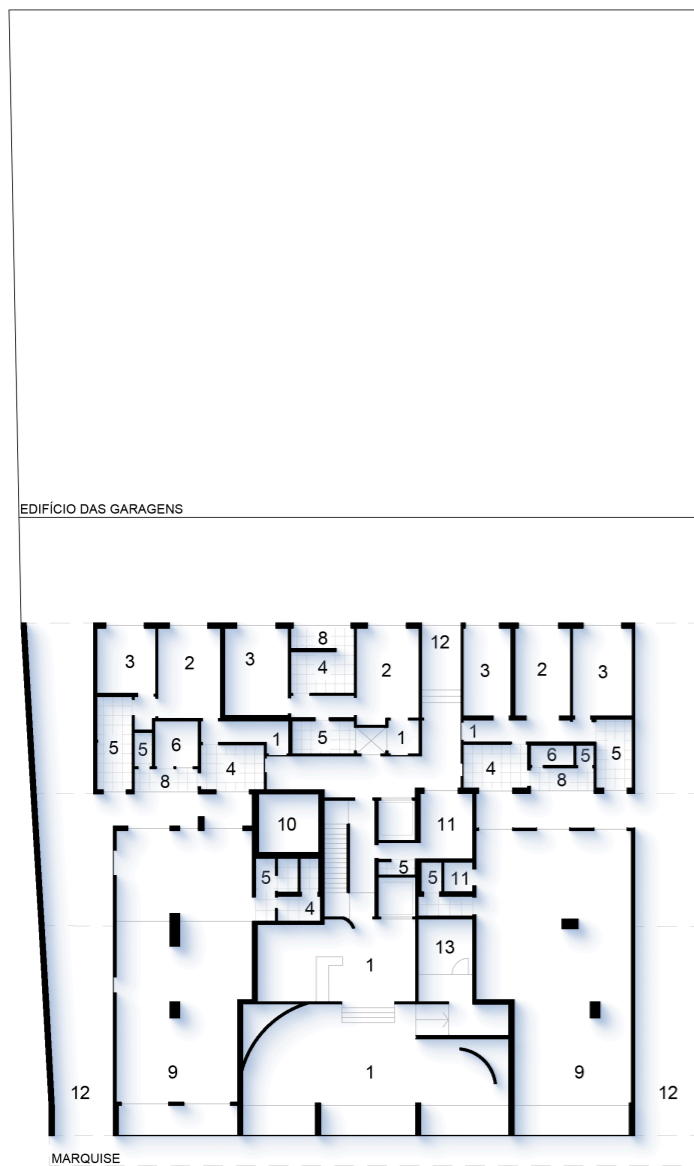


Figura 118: Planta Térreo do Edifício Vitória Régia. Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

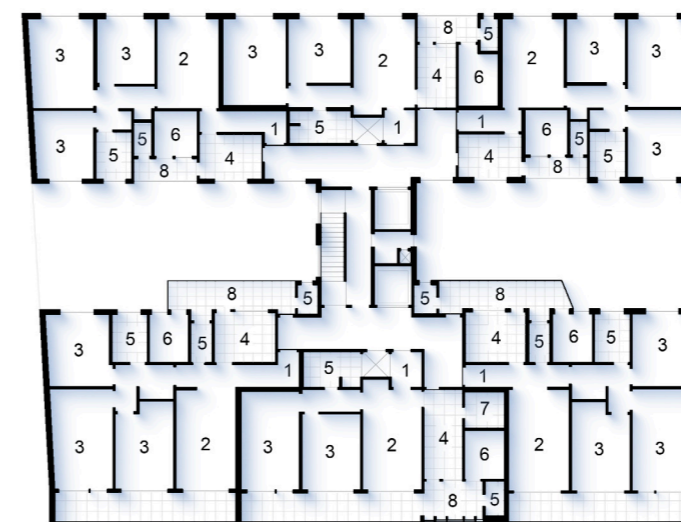


Figura 119: Planta Tipo do Edifício Vitória Régia. Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Analisando os edifícios dessa seleção, seguindo os mesmos critérios de análise da síntese do capítulo anterior, identificamos muitas semelhanças: o Edifício Excelsior, o Edifício Ouro Verde, o Edifício Tapejara e Edifício Catedral, bem próximos à Praça da Matriz, possuem, respectivamente, 14, 14, 13 e 13 pavimentos e não possuem comércio no térreo, apenas área condominial de recreação ou contemplação, tendo, no Edifício Excelsior e Ouro Verde, um destaque maior aos acessos de veículos em relação aos demais edifícios.

O Edifício Salomão loschpe e o Edifício Vitória Régia, ambos no bairro Cidade Baixa, possuem 12 e 09 pavimentos, respectivamente, e seus térreos são, predominantemente, comerciais.

Nessa seleção, como na seleção anterior, todos os exemplares apresentam a proposta de pilotis, utilizando o termo pilotis, nesse caso, para designar colunas no piso térreo, que poderiam ser independentes ou coplanares nas paredes.

Quanto às fachadas, nota-se a presença de sacadas em todos os edifícios, geralmente abrigando o setor social e íntimo dos apartamentos, e cobogós, na maioria dos exemplares, encobrendo áreas de serviço, com exceção do Edifício Tapejara, onde o cobogós abriga parte do setor íntimo e social, e do Edifício Ouro Verde, onde o cobogós abriga os banheiros

na fachada. Ainda no Edifício Ouro Verde, nota-se a presença de brises verticais na fachada de orientação solar Norte, que cortando as lajes entrepiso, formam uma grelha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Villaça (2001) afirma que, correntemente, as cidades têm no seu centro a origem de sua história, sendo o centro alguma vez a cidade toda. Com Porto Alegre não foi diferente: teve seu desenvolvimento semelhante às demais cidades brasileiras, inicialmente era um povoado junto ao Lago Guaíba, evoluindo para freguesia, devido ao desenvolvimento das atividades portuárias, e então para capital. Desde seu surgimento, tem seu desenvolvimento orientado por uma sucessão de planos urbanos, começando pelo Código de Posturas, de 1893, posteriormente pelo Plano Geral de Melhoramentos, de 1914, passando pelo Plano de Urbanização, servindo seus estudos posteriormente para a elaboração do Plano Diretor, que por vez serviu de base para a elaboração do 1º Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (1º PDDU), que hoje, reformulado, é o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental – PDDUA, em vigor desde 2010. Os Planos Diretores proporcionaram a crescente verticalização da cidade. A década de 1950 foi a que mais se construiu em Porto Alegre, muito também devido ao fim da Segunda Guerra Mundial e o conseqüente fim gradual das dificuldades de obtenção de insumos para a construção civil, caracterizando-a como cidade verticalizada. Intensificaram-se as características modernas dos edifícios,

aliadas a dominante verticalização da cidade, que se manifestou, inicialmente, no centro, ainda em 1940, e estendeu-se a seguir pelas radiais e avenidas, como Independência / 24 de Outubro, João Pessoa, José do Patrocínio, Osvaldo Aranha/Protásio Alves, Alberto Bins / Cristovão Colombo e Farrapos. O processo de verticalização ocorreu simultaneamente em Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, entre outras capitais. Pode-se dizer que a Arquitetura Moderna no Sul, especialmente a analisada nessa dissertação, processou aquilo que eram as metas de arquitetura moderna e urbanização moderna em termos de verticalização e unidades de habitação coletiva, tendo boa relação com os planos diretores e com as edificações vizinhas, mas pela contingência acabou cedendo a uma atenção própria dos precedentes do Sul, de contexto e de morfologia urbana do tecido tradicional, não se tornando menos arquitetura moderna em decorrência dessa especificidade.

[...] ocorreu no Rio Grande do Sul o que, de certa forma, se processou no centro do país: a conflagração de posturas, ideias, conceitos e, com menos intensidade visível que nas escolas consagradas, sistemas formais e estilos arquitetônicos comuns em arquitetos que se reuniam ao redor de lideranças arquitetônicas e ideológicas. Produção consistente, em especial no exercício do

ofício, rigor construtivo e coerência de pensamento ao longo de suas trajetórias. (MARQUES, 2012, p. 33)

Os exemplares selecionados de autoria dos Arquitetos Emil Bered e Salomão Kruchin, e a seleção de autoria dos demais arquitetos representam uma amostra do que foi construído em Porto Alegre na década de 1950 e início de 1960, período em que ainda estavam vigentes normas urbanísticas baseadas na conformação morfológica dos quarteirões, principalmente no recorte geográfico selecionado, onde o Plano Diretor 1959/61 não teve significativas alterações, mantendo volumes justapostos às edificações lindeiras, em muitos exemplares até os limites do lote, configurando uma fachada unificada ao quarteirão.

Nos edifícios de habitação coletiva moderna em altura analisados, percebe-se a preocupação com o espaço urbano, no qual o edifício é visto como elemento gerador de cidade, e a concepção moderna da arquitetura se submete à regra da cidade tradicional. O recorte escolhido permite empreender a documentação e análise do processo de geração dos projetos e suas respectivas estratégias, os elementos de composição e de arquitetura utilizados, as circunstâncias de contexto, legislação e encargo, e as relações com o desenvolvimento dos paradigmas

disciplinares.

Podemos apontar a predominância de estratégias de implantação nas divisas em “H”, “C” ou “I”, com alguma subtração em terrenos de meio de quadra e em “L” em terrenos de esquina. Os elementos de arquitetura se encontram, em geral, regulados por grelhas de fachada, formadas por prolongamentos das divisões internas dos cômodos, lajes de entepiso, cobogós, e no caso do Edifício Ouro Verde, pelos brises verticais. Quanto a características formais, percebemos que a maioria dos exemplares apresentam sacadas, ou, simplesmente, intenção, como é o caso do Edifício Amazonas, que consta, na fachada, saliências que remetem a sacadas. Apenas os Edifícios Redenção, Florença e Faial não possuem sacadas.

Tratam-se de ambientes que estão situados nas fachadas das edificações, como prolongamento do cômodo adjacente a ele, tendo assim uma função específica de integrar o interior e o exterior da construção. Essa característica é o que confere a esse ambiente (...) três significados básicos: (1) o significado de espaço de transição entre a casa e a rua, que permite operar como filtro e espaço de contemplação; (2) o significado de espaço de socialização, sendo utilizada para convívio e lazer mantendo contato com a rua sem a necessidade sair da propriedade; (3) o significado de espaço de integração com o meio ambiente, atuando não só como elemento de adequação climática, mas também como instrumento de

ampliação da moradia que favorece a contemplação da paisagem e o contato com a natureza (PETERSEN, 2018, p.143).

Outro ponto de destaque é o térreo, que na maioria dos exemplares, é um pavimento de integração com o exterior e encontra-se, nos edifícios próximos ao bairro e nos edifícios localizados no bairro, ocupados por lojas que animam o ambiente público abrindo-se à rua, como é o caso do Edifício Porto Alegre, Edifício Amazonas e Edifício Redenção. Nos edifícios Porto Alegre e Redenção, nota-se que os pilotis não são sequência de pilares dos pavimentos tipo. Nos exemplares galerias e uso apenas residencial, os terraços transformam-se em esplanadas públicas, que geram a sensação de continuidade do passeio público, na qual a cidade e o edifício integram-se, como é o caso do Edifício Faial e Edifício Florença. Identifica-se também essa percepção nos edifícios Tapejara, Excelsior e Catedral, embora nesses exemplares o térreo se apresente mais privativo aos condôminos.

Pode-se reparar, também, características relacionadas ao número de pavimentos, que tende a ser maior quanto mais próximo ao núcleo do Centro Histórico, entendendo esse como sendo nas proximidades da Praça da Matriz (Praça Marechal Deodoro / Rua Duque de Caxias), se compararmos os Edifícios

Amazonas, Redenção e Vitória Régia, no bairro Cidade Baixa, com 05, 09 e 09 pavimentos, respectivamente, com os Edifícios Florença, Faial, Catedral, Ouro Verde e Pennsylvania, por exemplo, com 12, 12, 13, 14 e 20 pavimentos, respectivamente. Apontamos a verticalização como uma característica negativa no caso do Edifício Pennsylvania, onde os pavimentos recuados perdem o contato visual com a rua.

A obra dos arquitetos abordados nessa dissertação é ampla e relevante para os estudos de Arquitetura Moderna no Sul do Brasil, tanto Edifícios de Habitação Coletiva em Altura em outros recortes geográficos e temporais, quanto outros recortes tipológicos, como, por exemplo, edifícios institucionais, edifícios comerciais e residências unifamiliares.

[...] a historiografia da arquitetura moderna brasileira tem ignorado sua obra e mesmo as publicações disponíveis sobre a arquitetura gaúcha não a abordam na totalidade, ou com a abrangência e cuidado que merece. [...] A maior parte dos projetos (estimados em cerca de trezentos) segue não publicados e apenas disponíveis nos arquivos da Prefeitura Municipal de Porto Alegre ou em arquivos pessoais e profissionais (ABREU in MARQUES, VIEIRA, STRÖHER, 2022, p. 287).

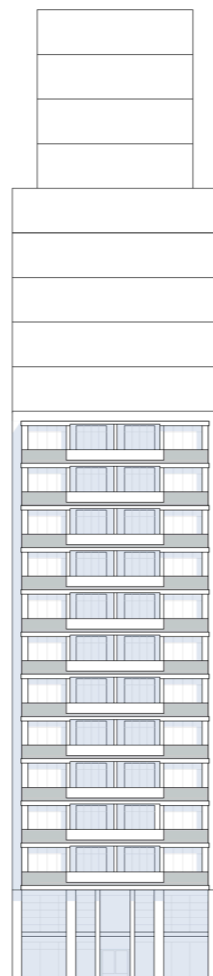
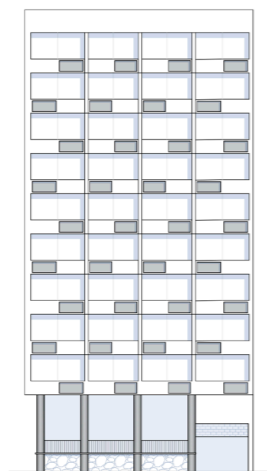
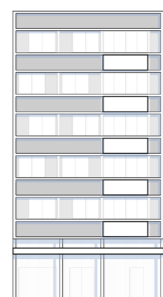
A presente pesquisa teve como origem a pesquisa denominada “EMIL BERED ARQUITETO”, do Arq.

Dr. Silvio Abreu, que visava produzir um inventário completo, documentando o extenso conjunto das obras arquitetônicas produzidas por Emil Bered, e deteve-se em analisar Edifícios de Habitação Coletiva em Altura no Centro e Eixo Sul de desenvolvimento de Porto Alegre, na década de 1950 e início de 1960, focando em Arquitetos bastante operantes na época, no intuito de demonstrar que a arquitetura que se produzia no Sul, com arquitetos de formação local, é tão rica e vasta quanto a arquitetura produzida por arquitetos com formação adquirida em outras escolas mais cosmopolitas; além de produzir material, por meio de redesenhos e registros a fim de salvaguardar a documentação dessas obras.

Inconformado com essa enorme e injustificável lacuna, ingressei em 2017 com um Projeto de Pesquisa na UFRGS que pretende ajudar a preenchê-la por meio de um inventário que documenta o conjunto da obra completa e a análise de contribuição para a arquitetura moderna gaúcha. O Projeto de Pesquisa EMIL BERED ARQUITETO reúne sempre que disponível sua documentação original, redeseñhada integralmente toda a fortuna crítica sobre a obra e tece uma série de análises crítico-comparativas para o resgate de seu papel e protagonismo no avanço do estado da arte da disciplina. A linha de pesquisa conta ainda com dois projetos de pesquisa de mestrado associados em desenvolvimento no Propar, que permitiram a apresentação e a publicação de

uma série de artigos e ensaios conjuntos sobre aspectos de sua obra de habitação coletiva no período 1950-1980 e sobre alguns edifícios de apartamentos significativos ou exemplares (ABREU in MARQUES, VIEIRA, STRÖHER, 2022, p. 287).

Esse estudo também pretende sugerir novas pesquisas e investigações, como, por exemplo, investigações sobre o escritório/parceria Bered e Kruchin Ltda, investigações sobre a obra de ambos ou apenas um deles, na sua totalidade, ou em outros recortes tipológicos, geográficos e temporais, ou investigações da obra dos demais arquitetos analisados. Fato é que outras pesquisas se fazem necessárias a fim de documentar a história completa da Arquitetura Moderna no Rio Grande do Sul, com todos os seus personagens, posturas, ideias e conceitos.



1953

Edifício Amazonas
Emil Bered e Salomão Kruchin

1954

Edifício Redenção
Emil Bered e Salomão Kruchin

1957

Edifício Pennsylvania
Emil Bered e Salomão Kruchin

1959

Edifício Porto Alegre
Emil Bered e Salomão Kruchin

1962

Edifício Faial
Emil Bered

1963

Edifício Florença
Emil Bered

Figura 120: Linha do tempo de fachadas. Escala 1:500. Fonte: Elaborado pela autora, 2022.



1952

Edifício Excelsior

Carlos Alberto de Holanda Mendonça

1953

Edifício Ouro Verde

Mauro Guedes de Oliveira

1957

Edifício Salomão Ioschpe

Leo Grossman

1960

Edifício Tapejara

Edgar Graeff

1964

Edifício Catedral

Vladimir Kupac e
Júlio Carlos Mussoi

1967

Edifício Vitória Régia

Jaime Schneider

Figura 121: Linha do tempo de fachadas. Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU FILHO, Silvio Belmonte de. **Porto Alegre como cidade ideal. Planos e Projetos urbanos para Porto Alegre.** 2006. 236f. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

_____. **Vertigem nas alturas.** In: FIORE, Renato Holmer. (Org.). Modernização e verticalização da área central de Porto Alegre. Porto Alegre: Marcavizual, 2016, p. 236.

ABREU, Silvio Belmonte de; FAGUNDES, Angela Cristiane; OLIVEIRA, Maitê Trojahn. **Emil Bered:** Documentação da Arquitetura Moderna Portoalegrense. 13º Seminário Docomomo_Brasil, Salvador/BA, outubro, 2019a.

_____. **Emil Bered:** Habitação Coletiva Moderna Portoalegrense. 21º Congresso Brasileiro de Arquitetura, Porto Alegre/RS, outubro, 2019b.

_____. **Emil Bered, arquiteto:** pesquisa e documentação da arquitetura moderna porto-alegrense. 6º Seminário Ibero-Americano Arquitetura e Documentação. Belo Horizonte/MG, 2019c.

_____. **Edifícios de Apartamentos de Emil**

Bered. 7º Seminário Ibero Americano Arquitetura e Documentação. Belo Horizonte/MG, outubro, 2021a.

_____. **Emil Bered:** Habitação Coletiva Moderna Portoalegrense. Arquitetura e Urbanismo: Patrimônio, Sustentabilidade e Tecnologia 2, Ponta Grossa/PR, p.152-170. Setembro, 2021b.

ALMEIDA, Guilherme Essvein de; ALMEIDA, João Gallo de; BUENO, Marcos. **Guia de Arquitetura Moderna em Porto Alegre.** Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010.

ALMEIDA, Maria Soares. Porto Alegre em transformação. In: FIORE, Renato Holmer. (Org.). **Modernização e verticalização da área central de Porto Alegre.** Porto Alegre: Marcavizual, 2016, p. 120

BRANDS, Juliana Bredow. **Verticalização e regularização do Centro de Porto Alegre.** XI Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação – SEPesq Centro Universitário Ritter dos Reis, Porto Alegre, 2015.

BUENO, Marcos Flavio Teitelroit. **A obra do Arquiteto Carlos Alberto de Holanda Mendonça.** 2012. 18f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) –

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

CALOVI, Cláudio. **Primórdios da arquitetura moderna em Porto Alegre.** A presença dos arquitetos do Rio de Janeiro. Cadernos de Arquitetura da Ritter dos Reis, v. 2, 2000.

CANNEZ, Ana Paula. **Arnaldo Gladosch na Porto Alegre do final dos anos 1930 ao final dos anos 1940.** In: FIORE, Renato Holmer. (Org.). Modernização e verticalização da área central de Porto Alegre. Porto Alegre: Marcavizual, 2016, p. 178.

CARVALHO, Aline Werneck Barbosa de; FARIA DE OLIVEIRA, Livia. **Habitação e verticalização numa cidade universitária: o caso de Viçosa MG.** Arqtextos, São Paulo, ano 09, n. 100.05, 2008

COMAS, Carlos Eduardo; PIÑON, Hélio. **Inventário da Arquitetura Moderna em Porto Alegre 1945/65.** Porto Alegre: Marcavizual, 2013.

DREBES, Fernanda Jung. **O Edifício de Apartamentos e a Arquitetura Moderna.** 2004. 39f. Dissertação (Mestrado em Teoria, Crítica e História da Arquitetura) - Universidade Federal do Rio Grande

do Sul, Porto Alegre, 2004.

FAGUNDES, Angela Cristiane. **Emil Bered e o Edifício de Apartamentos Moderno em Porto Alegre: 1950-1980.** 2022. 43f. Dissertação (Mestrado em Teoria, Crítica e História da Arquitetura) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

FAGUNDES, Angela Cristiane; LIMA, Raquel Rodrigues; OLIVEIRA, Maitê Trojahn. **Modos Modernos de Morar:** Edifício Redenção, Porto Alegre/RS. VIII Mestres e Conselheiros Agentes Multiplicadores do Patrimônio, Belo Horizonte/MG, junho, 2016a.

_____. **Paisagem Urbana da Arquitetura Moderna:** Edifícios de apartamentos na radial João Pessoa – Porto Alegre. 4º Colóquio Ibero-Americano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto, Belo Horizonte/MG, setembro, 2016b.

_____. **Edifícios de apartamentos:** Uma proposta de catalogação para a radial Avenida João Pessoa – Porto Alegre/RS. 5º Seminário Ibero-Americano Arquitetura e Documentação, Belo Horizonte/MG, outubro, 2017.

FIGLI, Renato Holmer. **Modernização e verticalização da área central de Porto Alegre**. 1. ed. Porto Alegre: Marcavizual, 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo de 2010**. Disponível em <<https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse>>. Acesso em dezembro de 2019.

LIMA, Raquel Rodrigues. **Arquitetura Moderna em Porto Alegre - Avenida Independência e Rua 24 de Outubro**. 2006. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2006.

_____, Raquel Rodrigues. **Do centro para os bairros: a Habitação nas alturas da Avenida Independência**. In: FIGLI, Renato Holmer. (Org.). **Modernização e Verticalização na área central de Porto Alegre**. Porto Alegre: Marcavizual, 2016, p. 304-338.

LE CORBUSIER. **Por uma arquitetura**. 4a ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1989.

_____. **Por uma arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

LUCCAS, Luís Henrique Haas. **Arquitetura moderna brasileira em Porto Alegre sob o mito do “gênio artístico nacional”**. 2004. 96f. Tese (Doutorado em teoria, História e Crítica da Arquitetura) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

_____, Luís Henrique Haas. **Arquitetura Moderna e Verticalização em Porto Alegre: A influência Corbusiana dos anos 1950**. In: FIGLI, Renato Holmer. (Org.). **Modernização e Verticalização na área central de Porto Alegre**. Porto Alegre: Marcavizual, 2016, p. 270-303.

MACEDO, Francisco Riopardense de. **Porto Alegre: história e vida da cidade**. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 1973.

MACHADO, Nara Helena Naumann. **Modernidade, Arquitetura e Urbanismo: O Centro de Porto Alegre (1928-1945)**. 1998. 185f. Tese (Doutorado em História do Brasil) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1998.

MAHFUZ, Edson da Cunha. **Ensaio sobre a Razão Compositiva**. Belo Horizonte: AP Cultural, 1995.

MARQUES, Sergio Moacir. VIEIRA, César,

STRÖHER, Eneida Ripoll. **Emil Bered: arquiteto**. Porto Alegre: Marcavizual, 2022.

_____, Sergio Moacir. Fayet, Araujo & Moojen **Arquitetura Moderna Brasileira no Sul – 1050/1970**. 2012. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

_____. **A revisão do movimento moderno: Arquitetura no Rio Grande do Sul dos anos 80**. Porto Alegre: Editora Ritter dos Reis, 2002.

MARTÍNEZ, Alfonso Corona. **Ensaio sobre o projeto**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

MOREIRA, Lizandra Machado. **O edifício de apartamentos em Porto Alegre: Um paralelo entre o moderno e o contemporâneo**. 2019. 57f. Dissertação (Mestrado associado em Arquitetura e Urbanismo) - Unirriter/Mackenzie, 2019.

OLIVEIRA, Ana Luiza Valle. **As duas Atlântidas e a constituição dos balneários no litoral gaúcho**. 2016. XIV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.

PACHECO, Paulo Cesar Braga. **A arquitetura do grupo do Paraná 1957 – 1980**. 2010. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

PASSOS, Luiz Mauro do Carmo. **Edifícios de Apartamentos: Belo Horizonte, 1939 – 1976**. Belo Horizonte: AP Cultural, 1998.

PEREIRA, Cláudio Calovi. VIANNA, Patrícia Pinto. IN: FIGLI, R. H. **Gênese da Verticalização em Porto Alegre**. 2. ed. Porto Alegre: Marcavizual, 2016, p.148 – 177.

PETERSEN, Rodrigo Córdova. **Arquitetura, forma urbana e legislação em Porto Alegre: A indução tipo-morfológica das edificações**. 2018. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

SOMEKH, Nadia. **A cidade vertical e o urbanismo modernizador São Paulo 1920-1939**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 1997.

SOUZA, Célia Ferraz de. **Plano Geral de Melhoramentos de Porto Alegre: O Plano que**

orientou a modernização da cidade. Porto Alegre: Armazém Digital, 2010.

SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. **A identidade da Metrópole**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1994.

STRÖHER, Eneida Ripoll. **A habitação coletiva na obra do arquiteto Emil Bered, na década de 50, em Porto Alegre**. 1997. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. 2. Ed. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP, 2001.

VILLANOVA, Luís Henrique Bueno. **O arranha-céu no Século XXI: três conceitos**. Um ensaio em Porto Alegre. 2018. Dissertação (Mestrado) - UniRitter, Porto Alegre, 2018.

XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. **Arquitetura moderna em Porto Alegre**. São Paulo: Pini, 1987.

ANEXOS

Salomão Kruchin, pelas palavras de seu filho, Samuel Kruchin, em depoimento solicitado pela autora, informalmente, para uma fração biográfica:

“Meu pai nasceu em Santa Maria da Boca do Monte, no centro do Rio Grande do Sul, em 15 de maio de 1928. Lá nasceu por estar próximo da Colônia Philippon para onde emigrou um grupo de judeus ucranianos em 1904 entre eles a família Sibemberg. Mais tarde um pouco, vindos de Ijuí e Cruz Alta chegaram os Kruchin.

Em sua enigmática suavidade, nasceu novamente alguns anos mais tarde agora em 12 de julho de 1926, já com idade suficiente para ingressar no ginásio do Colégio Marista, conforme sugestão da própria instituição de ensino, diante de um talentoso estudante. Ali, criança ainda, conheceu o filho de outro imigrante de quem se tornou um grande amigo, Emil Achutti Bered, amizade que, à sua maneira silenciosa, levaria por toda vida. Pouco depois, em Porto Alegre, morando com os avós e frequentando o Colégio Julio de Castilhos, tinha à frente uma decisão fundamental: o que fazer da vida.

Emil, por sua vez, em Santa Maria meio chateado com as mesmas questões, recebeu, em suas próprias palavras, “um telefonema do Salomão: Emil, abriu aqui em Porto Alegre um curso novo, de Arquitetura, tu não queres vir pra cá?”. Mal sabendo do que se

tratava aquela novidade, conforme depoimento de ambos, embarcaram no curso de Belas Artes, e foram morar na Rua da Praia até a constituição da primeira turma de arquitetos formados no sul. Isto era 1949. E eram apenas 12 arquitetos. Na foto de formatura, sobre a prancheta, notei sempre seu relógio de pulso, um CYMA, que certo dia me trouxe como presente. Era seu jeito de falar.

Os 8 anos em que a Bered e Kruchin atuou foram de grande intensidade, constitui-se no maior escritório de arquitetura de Porto Alegre, onde todos queriam estagiar e que trazia uma perspectiva completamente nova: a arquitetura moderna. E lembremos, havia o MEC no Rio de Janeiro e havia Corbusier em suas infinitas distâncias, mas Brasília não era sequer um sonho neste momento.

Seduzido por uma incorporadora de sucesso deixa a Bered e Kruchin e se lança como sócio de um empreendimento de maior escala que duraria muito pouco. Isto o leva a São Paulo em 1960. É significativa a escolha, na nova cidade, de um lugar onde morar, um dos primeiros conjuntos modernos projetado por Abelardo de Souza em 1953, preenchido pelos móveis de Zalszupin.: não desistira da ideia do moderno. Em São Paulo fará a gestão de diversos empreendimentos contratando, inclusive, arquitetos gaúchos para o desenvolvimento de projetos, como

David Leo Bondar e seu irmão, Moacyr Kruchin.

Entre 1970 e 1975 seu trabalho assume um caráter mais empresarial, dentro ainda da área imobiliária, com a administração de condomínios. No Rio de Janeiro, onde viveria até 2007 dedica-se à produção e comercialização de imóveis. Em seu apartamento, sobre um móvel aos pés da cama, dois livros permaneciam intocáveis: Avenida Central e Lucio Costa. Provavelmente não os leu, não eram livros de ler, mas uma companhia, um olhar permanente e reverencial à sua própria história. Talvez saudoso. Morreu em São Paulo, em 2013, aos 85 anos. Seu túmulo encontra-se no Cemitério do Círculo Israelita, em Porto Alegre”.⁹

⁹ Comunicação pessoal em 05 de abril de 2022.

